



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

José Pedro Marinho Brandão Ferreira

**Sonhos Revisitados:
Uma análise da casa de emigrante e
da transformação do território rural**

Outubro de 2014



Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

José Pedro Marinho Brandão Ferreira

**Sonhos Revisitados:
Uma análise da casa de emigrante e
da transformação do território rural**

Tese de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau
de Mestre em Arquitectura

Trabalho efectuado sob a orientação do
**Professor Doutor Eduardo Jorge Cabral Santos
Fernandes**

Outubro de 2014

AGRADECIMENTOS

Ao professor Eduardo Fernandes, pelo apoio prestado durante a realização desta dissertação. A sua crítica e os seus conselhos durante as conversas foram sempre reveladores quanto ao caminho a seguir ao longo deste trabalho.

À minha família, pelo apoio incondicional dado. Estiveram sempre presentes durante todo o processo e ajudaram a manter-me focado, acreditando no meu trabalho.

Ao Tiago Martins, pela ajuda ao convencer um proprietário seu familiar a disponibilizar-me todos os desenhos rigorosos da sua casa, pela forma como fui recebido na “vivenda das águias” e por todo o material recolhido, este valorizou esta dissertação.

Aos proprietários das casas estudadas, pois apesar de alguma hesitação inicial estes partilharam o seu tempo, as suas histórias de emigração e a sua casa, mostrando-se disponíveis e agradados em colaborar com este trabalho.

Aos amigos próximos que me foram acompanhando ao longo do percurso académico e em especial neste trabalho, sempre se mostraram disponíveis para o debater e interessados no desenvolvimento deste.

Obrigado pelo apoio.

O trabalho de investigação que se segue representa uma reflexão sobre o fenómeno da casa de emigrante de finais do séc. XX e do seu papel em relação à transformação do território rural. Partindo de uma análise de um conjunto de casas que são elucidativas da afirmação da arquitectura popular emigrante, compreendemos um conjunto de informações que nos mostram tanto as suas repercussões na transformação do território rural, como do significado destas habitações como símbolos de um percurso migratório intercultural.

A análise seguiu uma estratégia de investigação que vai do geral para o particular e tenta abranger várias escalas de aproximação à casa, do território envolvente à habitação concretizada, não esquecendo o proprietário: a sua actuação e narrativa migratória foram os principais influenciadores das alterações do habitat consolidadas nestas casas.

Com a análise do território adquirimos um conhecimento mais aproximado do contexto urbano destas habitações. A transformação de um território maioritariamente rural e disperso é-nos mostrada através das alterações provocadas pelo surgimento da industrialização e por uma conseqüente diminuição da importância das actividades agrícolas, que se revela num território em mutação, perdendo área anteriormente ligada ao cultivo para os loteamentos residenciais que albergam a população.

O desenvolvimento dos casos de estudo incide nas narrativas relatadas pelos proprietários e nas suas construções populares, as suas “casas de sonhos”. Desta análise resultaram as principais considerações retiradas destas habitações, que surgem através de uma vontade dos proprietários que é resumida na afirmação da ascensão social e na mudança de valores do habitat em relação aos modelos vernaculares. Procuramos compreender o processo de construção destas habitações e focámo-nos em perceber o acto de construção em função da transformação do território, numa cronologia que compreende a transformação do território e do papel que a “casa de emigrante” desempenhou nesta.

Palavras chave: Casa, emigrante, habitat, popular, vernacular, território, intercultural.

The following investigation project represents a study concerning the subject “casa de emigrante” dated from the ending of the 20th century and its role in the transformation of the rural territory. Starting from an analysis of a group of houses that are representative of the establishment of the popular emigrant architecture, we obtained information which shows us its repercussions in the transformation process of the rural territory, as well as the meaning of these houses as symbols of an emigrant intercultural route.

The analysis has followed a researching strategy that goes from general to particular and tries to embrace several scales of approximation to the house, including the surrounding territory and not forgetting the owner: his action and migrant narrative were the main triggers of the habitat changes perpetuated on these houses.

With the territory analysis we acquire a more proximate knowledge of the urban context of these constructions. The transformation of a rural and sprawl territory is noticed through the changes caused by the industrialization processes and through a consequent decrease of the importance of agricultural activities, which occurs in a mutating territory, that loses its agricultural use to a more residential and urban model.

The resulting analysis of the case studies focuses on the narrative of the owners and their popular constructions, their “houses made of dreams”, resulting of the will of their owners which is resumed in the statement of a social status increase and in the change of the values of the habitat when compared to the vernacular models. Understanding the process of construction of these houses, we tried to acknowledge the role of these constructions in the mutations of the territory setting up a chronology that comprehends the transformation of territory and the role that these “houses made of dreams” had in the process.

Keywords: House, Emigrant, Habitat, Popular, Vernacular, Territory, Intercultural

INDICE DE IMAGENS

IMAGENS DE CAPA:

INTRODUÇÃO - Vivenda das águias, Horta, Fotografia do Autor, 2014

TERRITÓRIO – Vista área sobre o vale do Ave, Fotografia de Eduardo Fernandes, 2011

HABITAT – Vivenda das águias, “pórtico” do anexo, Fotografia do Autor 2014

CULTURA – Vivenda das águias, entrada decorada do anexo, Fotografia do Autor, 2014

CONCLUSÃO – Vivenda das águias, portão, Fotografia do autor, 2014

FIGURAS:

1 - Localização das quatro freguesias em estudo, ortofotomapa google earth

2 – Carta Militar Riba de Ave 1973

3 - Carta Militar Riba de Ave 1996

4 – Comparação de Edificado Riba de Ave

5 – Comparação da infra-estrutura viária Riba de Ave

6 – Carta Militar Serzedelo 1973

7 – Carta militar Serzedelo 1996

8 - Comparação de Edificado de Serzedelo

9 - Comparação da infra-estrutura viária de Serzedelo

10 - Carta Militar Roriz1973

11 – Carta Militar Roriz 1996

12 - Comparação de Edificado de Roriz

13 - Comparação da infra-estrutura viária de Roriz

14 – Carta Militar Guardizela 1973

15 – Carta Militar Guardizela 1996

16 - Comparação de Edificado de Guardizela

17 - Comparação da infra-estrutura viária de Guardizela

18 – Envolvente do caso de estudo 1, ortofotomapa Google earth

19 - Planta piso 0 caso de estudo 1, efectuado pelo candidato

20 – Planta piso -1 caso de estudo 1, efectuado pelo candidato

21 – Secção caso de estudo 1, efectuado pelo candidato

22 – Alçado caso de estudo 1, efectuado pelo candidato

23 – Casa de Manuel, fotografia do candidato

24 – Capa do livro “300 Maisons Individuelles”

25 – “Casabianca”, retirado de “300 Maisons Individuelles”

26 – Casa de Manuel, muro, fotografia do candidato

27 – Esquemas de diferentes tipos de muros, retirado de “Casas de Sonhos”

28 – Planta de cobertura caso de estudo 1, efectuado pelo candidato

29 – Casa de Manuel, lajeado de mármore, fotografia do candidato.

- 30 – Alçado do caso de estudo 1, efectuado pelo candidato
- 31 – Casa de Manuel, Autocaravana, fotografia do candidato
- 32 – Casa de Francisco, Portão, fotografia do candidato
- 33 – Alçados caso de estudo 2, efectuados pelo candidato
- 34 - Modelos de habitação. "300 Maisons individuelles"
- 35 – Casa de Francisco, jardim, fotografia do candidato
- 36 - Envolvente do caso de estudo 2, ortofotomapa Google earth
- 37 – Planta de cobertura da casa de Francisco efectuado pelo candidato
- 38 – Casa de Francisco, fotografia do candidato
- 39 – Casa de Agostinho, fotografia do candidato
- 40 - Envolvente do caso de estudo 3, ortofotomapa Google earth
- 41 – Casa de Agostinho, traseiras, fotografia do candidato
- 42 – Planta de cobertura da casa de Agostinho, efectuado pelo candidato
- 43 - la joncheraie", modelo recolhido em "300 Maisons Individuelles"
- 44 – Casa de Jorge, anexo, fotografia do candidato
- 45 – A "casa do esquadro", retirado de "A Rua da Estrada"
- 46 – Casa de Jorge, A gaiola, fotografia do candidato
- 47 - Envolvente do caso de estudo 4, ortofotomapa Google earth
- 48 – Planta de cobertura do caso de estudo 4, efectuada pelo candidato
- 49 – Planta do piso -1 caso de estudo 4, efectuada pelo candidato
- 50 – Planta do piso 0 caso de estudo 4, efectuada pelo candidato
- 51 – Casa de Jorge, sala de estar, fotografia do candidato
- 52 – Planta do piso 1 caso de estudo 4, efectuada pelo candidato
- 53 – Casa de Jorge, cobertura e águas, fotografia do candidato
- 54 – Casa de Jorge, jardins, fotografia do candidato
- 55 – Casa de Jorge, Fonte, fotografia do candidato
- 56 – Casa de Jorge, Arcos e capelas, fotografia do candidato
- 57 – Alçado de caso de estudo 4, efectuado pelo candidato
- 58 – Casa de Jorge, arcos na varanda, fotografia do candidato
- 59 – Casa de Jorge, arcos, fotografia do candidato
- 60 – Casa de Jorge, catavento, fotografia do candidato
- 61 – Torres watts, fonte :<http://urbanpeek.com/2011/09/07/inside-los-angeles-the-watts-towers/>
- 62 – Torres watts, fonte: <http://urbanpeek.com/2011/09/07/inside-los-angeles-the-watts-towers/>
- 63 – Casa de Jorge, Fonte adornada, fotografia do candidato
- 64 – Casa de Jorge, Gato e depósito, fotografia do candidato
- 65 – Planta do projecto inicial de Manuela, cedido pela proprietária
- 66 – Alçado do caso de estudo 5, efectuado pelo próprio
- 67 – Casa de Manuela, vitral, fotografia do candidato
- 68 - Envolvente do caso de estudo 5, ortofotomapa Google earth
- 69 – Casa de Manuela, jardim e vista geral, fotografia do candidato
- 70 – Planta do piso -1 do caso de estudo 5, efectuado pelo candidato
- 71 – Planta do piso 0 do caso de estudo 5, efectuado pelo candidato
- 72 – Varanda da "casa da anta", Guimaraes, IARP. 1955 fonte: <http://www.oapix.org.pt/>
- 73 – Planta de cobertura caso de estudo 5, efectuado pelo candidato
- 74 – Casa de Manuela, Horta, fotografia do candidato
- 75 – Esquema da estratégia de implantação, efectuado pelo candidato

I.	INTRODUÇÃO	3
II.	TERRITÓRIO	7
	RIBA DE AVE	10
	SERZEDELO	14
	RORIZ	18
	GUARDIZELA	22
III.	HABITAT	27
	CASO DE ESTUDO 1 “MANUEL” EM RIBA DE AVE	29
	CASO DE ESTUDO 2 “FRANCISCO” EM SERZEDELO	45
	CASO DE ESTUDO 3 “AGOSTINHO” EM RORIZ	55
	CASO DE ESTUDO 4 “VIVENDA DAS ÁGUIAS” EM GUARDIZELA	67
	CASO DE ESTUDO 5 “MANUELA” EM RIBA DE AVE	93
IV.	CULTURA	109
V.	BIBLIOGRAFIA	131
VI.	VIDEOGRAFIA e AUDIOGRAFIA	135



I. INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação é a arquitectura popular emigrante do final do séc. XX e o seu papel na transformação do território rural do Vale do Ave.

Pretende-se com este trabalho de investigação estudar a “casa de emigrante” e o seu contexto local de modo a estabelecer considerações que nos permitam perceber o fenómeno e a sua relação com as mutações urbanas e sociais que lhes são contemporâneas.

A motivação que dá origem à escolha deste tema prende-se a uma vontade de perceber o território do Vale do Ave, sendo este o local de morada do candidato. Uma admiração e interesse pela arquitectura popular em geral e pela casa como habitat em particular foram determinantes na escolha do tema assim como a circunstância de pertencer a uma família com um passado ligado à emigração.

Consideramos o estudo destas casas oportuno e útil, tendo em conta o facto de estas representarem uma ruptura com os modelos da arquitectura tradicional e, resultarem em imagens e formas influenciadas por um percurso migratório, que alterou muitas das noções instaladas de habitat dos proprietários.

No desenvolvimento deste trabalho pretendemos extrair considerações sobre a “casa de emigrante” e como esta está associada à desruralização do território específico do Vale do Ave.

Deste modo as principais questões a colocar estão relacionadas com as razões que estão presentes na génese da “casa de emigrante” como modelo de construção, considerando esta como um desvio, em relação à tradição local. Colocamos como hipótese o fenómeno da casa de emigrante não se explicar como um fenómeno subvertido isolado, mas sim como parte de um cenário de transformação mais envolvente do território.

Estudar a “casa de emigrante” implica uma base prática que suporte uma análise coerente e aproximada do contexto real. Desta forma consideramos que a análise incluiria casos de estudo escolhidos pontualmente, dentro duma área geográfica estabelecida, esta próxima de uma das localidades abordadas na obra “Casas de sonhos”, Moreira de Cónegos, do concelho de Guimarães.

São cinco os casos de estudo analisados, pertencentes a diferentes freguesias (Riba de Ave, Serzedelo, Roriz e Guardizela) e pretendem construir uma amostra válida enquadrável nos limites temporais desta dissertação, das várias decisões e modelos resultantes das casas construídas pelos emigrantes neste local.

Numa análise em que a casa é o alvo da investigação pretende-se relacionar esta tanto com o lugar onde está inserida como com o seu proprietário. No panorama da construção emigrante a história da casa funde-se com o percurso migratório do proprietário, e a este último cabem todas as decisões de projecto, com as consequências já conhecidas: importação mais ou menos pronunciada de modelos de arquitectura estrangeira e, de forma geral, uma busca pela afirmação social aquando do regresso à origem, ainda que nesta também esteja incluída uma vontade de reintegração local.

Tendo em vista uma aproximação a estes casos de estudo optamos por um conjunto de cinco habitações, estas seleccionadas de um grupo inicial maior de 12 casos. As casas foram seleccionadas com base no conhecimento do local pelo candidato, da possibilidade de obter uma entrevista com os proprietários e de reunir material de suporte à análise das casas.

Para além da entrevista, na qual se tentou reunir todas as informações relevantes sobre a construção da casa (e sobre o percurso intercultural que influenciou as principais decisões), foi realizado um levantamento fotográfico geral do estado actual das casas (mediante autorização dos proprietários), assim como um pedido de cedência dos desenhos procedentes do processo de licenciamento das suas moradias (caso existissem).

Após a selecção dos casos de estudo, procurou-se complementar a sua análise com o estudo do território onde se inserem, tendo por base a comparação de plantas de datas diferentes e a sobreposição destas, assim como a elaboração de plantas a partir dos desenhos originais (cartas militares ou ortofotomapas). Através destes procuramos um discurso sobre o território que acompanhasse as imagens resultantes desta análise.

Esta dissertação divide-se em três partes:

Na primeira parte, denominada TERRITÓRIO, pretendemos uma aproximação ao contexto geográfico do local que alberga os casos de estudo, o Vale do Médio Ave. Através da análise das quatro freguesias correspondentes aos casos de estudo, pretendemos retirar considerações sobre o local de implantação dos mesmos, indicando alterações do edificado como resultado de processos de urbanização. Pretende-se identificar a evolução do cadastro urbano do local, que seja indicativa das acções sobre o território que determinam o seu actual estado. Para estas considerações, utilizamos como base cartas militares com datas anteriores e posteriores à

construção dos casos de estudo (1973 e 1996). Os desenhos realizados comparam os dados, sendo as conclusões apresentadas em texto.

A segunda parte, denominada HABITAT, reúne todas as informações obtidas com a análise dos cinco casos de estudo, dos seus proprietários e da sua história; os dados (a entrevista e o levantamento fotográfico) foram complementados por desenhos rigorosos elaborados pelo candidato.

Na terceira e última parte desta dissertação, apelidada de CULTURA, pretendemos condensar os elementos retirados da primeira e segunda partes, estabelecendo as principais conclusões através das comparações entre os casos de estudo.

Finalmente, na conclusão, pretendemos sintetizar as conclusões deste olhar sobre o popular emigrante, mas acima de tudo retirar lições sobre as mudanças sociais e culturais que acabam por ter um resultado físico tão diferenciado, num território associado às origens de todos os que conceberam nele os seus sonhos.



II. TERRITÓRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS E METODOLOGIA

O contexto geográfico que suporta o fenómeno da construção emigrante é bastante amplo e responde ao fenómeno de emigração massiva que caracterizou o território nacional a partir da segunda metade do séc. XX. Na obra “casas de sonhos” de Roselyne de Villanova encontramos um estudo antropológico sobre o retorno desta população e sobre as construções que promoveram, mais ou menos influenciadas pelo seu percurso intercultural. Nesta investigação, o norte do país é analisado em quatro freguesias distintas e distanciadas entre si, de forma a compreender a construção popular emigrante na sua plenitude. Uma das regiões estudadas foi a região do Vale do Ave, nomeadamente a freguesia de Moreira de Cónegos, concelho de Guimarães, descrita desta forma:

“A freguesia enquadra-se numa área mais vasta designada por Vale do Médio Ave, conhecida pelo forte dinamismo industrial no ramo dos têxteis e das confecções. Um primeiro olhar a esta zona deixa-nos perplexos, tal é a densidade de actividades que se nos apresentam, sem nenhuma lógica imediata. Habitação, indústria, agricultura (autoconsumo), serviços (de apoio à indústria ou simples comércio retalhista) e uma rede viário deficiente e sobrecarregada que, no interior das aglomerações é muitas vezes deficitária – tudo se entrelaça numa malha densa onde o rural e o urbano parecem por vezes sobrepor-se numa indefinição tipológica.”¹

O presente trabalho de investigação foca a sua análise num conjunto de freguesias próximas desta realidade, exemplo da integridade territorial que marca a paisagem do Vale do Ave. O estudo do território nesta dissertação pretende incidir sobre as alterações da paisagem rural e sobre a mudança dos paradigmas da construção a uma escala mais alargada, de modo a perceber de forma genérica a evolução do cadastro urbano de cada caso de estudo e, conseqüentemente, a transformação da paisagem associada. Ainda que no panorama da construção popular emigrante a transformação do território rural seja um tema recorrente, não existe nos anteriores trabalhos de investigação consultados a análise destes processos específicos do território. Com a incorporação desta análise do território, procuramos complementar o trabalho para além do estudo da casa e do seu habitat, do geral para o particular.

¹ Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”, Edições Salamandra, 1995, pág. 31

A seguinte análise do território integra quatro freguesias, que incluem os cinco casos de estudo apresentados: Riba de Ave, Serzedelo, Guardizela e Roriz.

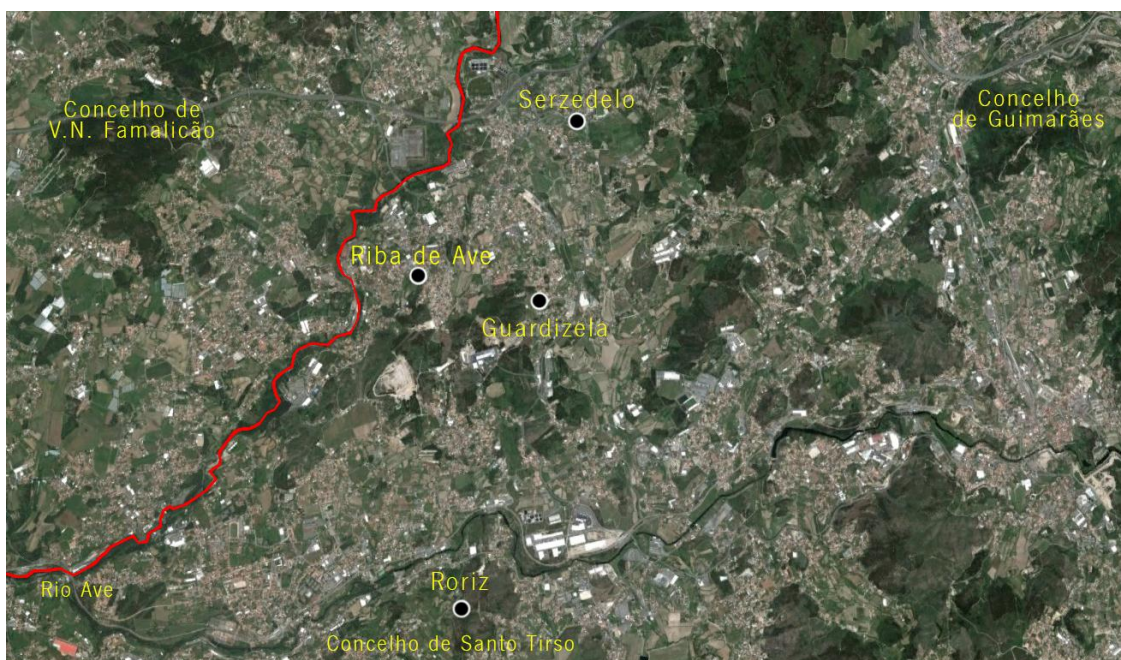


FIG. 1 – Localização das quatro freguesias em estudo

A metodologia a utilizar para esta análise segue duas estratégias, que diferem tanto na escala de aproximação ao território como no período temporal que pretendem abranger.

A primeira (a uma escala mais abrangente, Esc: 1:10.000) compreende as mudanças do território por comparação de cartas militares de diferentes datas (1973 e 1996), que mapeiam as construções e os loteamentos de todos os casos de estudo. A segunda estratégia passa pela análise dos lotes de cada caso de estudo (a uma escala mais aproximada, Esc: 1: 2.000) de modo a perceber os processos urbanísticos por detrás da disposição do território onde se inserem.

A análise territorial será estruturada por freguesias e conduzida tendo como base uma sucessiva aproximação de escala, do geral para o particular, culminando com uma série de considerações sobre os processos urbanísticos pertencentes a cada local dos casos de estudo.

RIBA DE AVE

Concelho: Vila Nova de Famalicão Área total: 2,83 km² Habitantes: 3425 Densidade pop.:1210,2 hab/km²

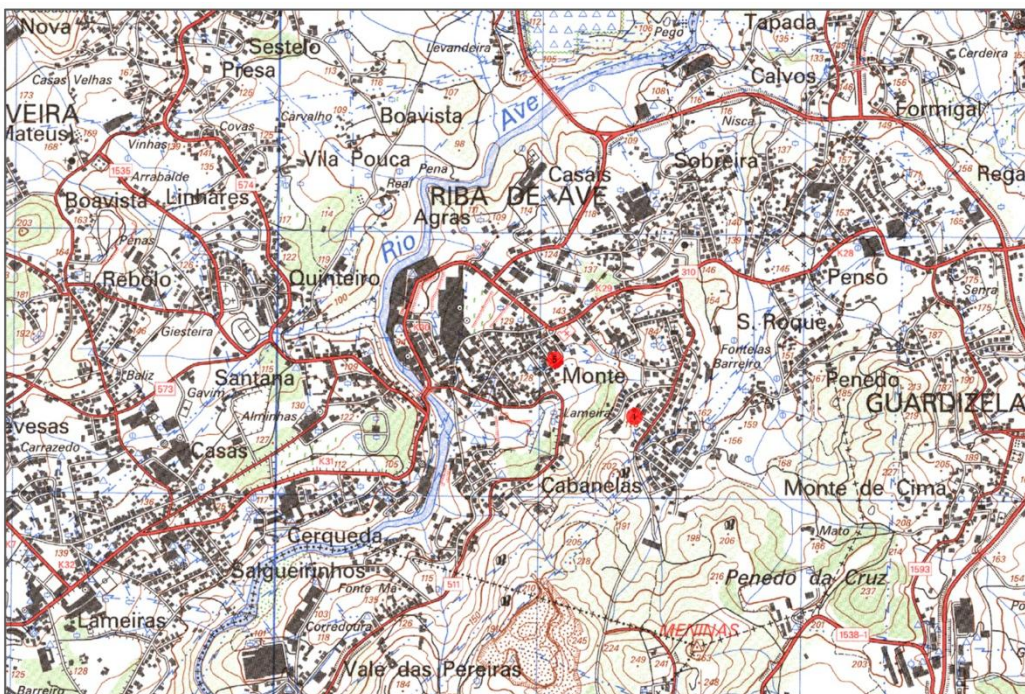
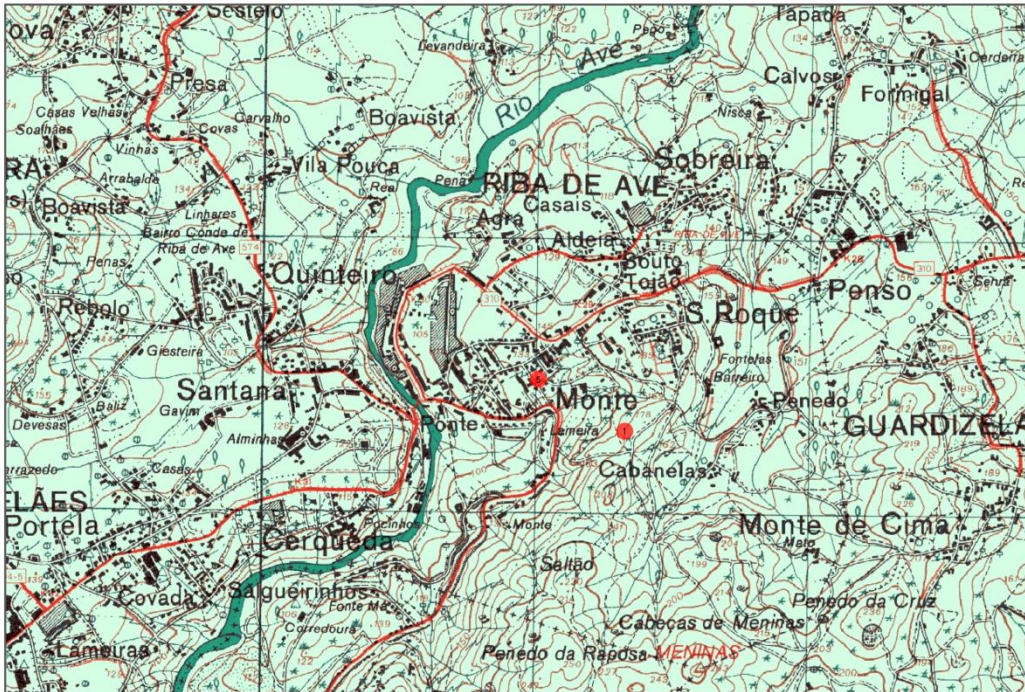


FIG. 2 e 3 Cartas Militares de 1973 e 1996 com localização dos casos de estudo (Esc: 1:40.000)

² (INE censos 2011)

Entre as vilas estudadas nesta investigação, Riba de Ave é a que apresenta menor área; no entanto é a localidade com maior densidade populacional. Caracterizada por um forte dinamismo industrial nos últimos 50 anos (hoje quase inexistente) a evolução da vila acaba por se ligar às margens do rio Ave e da indústria têxtil aí localizada.

A análise comparativa entre as cartas militares mostra um aumento significativo do edificado e do sistema viário urbano, que se presume ter sido adaptado às sucessivas operações de loteamento que foram surgindo, dando resposta às necessidades de alojamento da população.

Num período anterior a 1973 a promoção de habitação nesta região é definida pela relação entre “a procura massiva e oferta diminuta”³, dando origem a alterações e extensões dos espaços de habitar à medida que estes vão sendo necessários. Esta “elasticidade” do edificado acaba por provocar alterações consideráveis do tecido urbano, mais tarde, pelo surgimento de loteamentos residenciais em áreas que anteriormente seriam propriedades agrícolas e terrenos expectantes ou florestais.

A análise das cartas militares permite perceber a implementação destas “novas áreas residenciais” em função de uma estruturação viária que, em parte, segue uma lógica de urbanização de caminhos existentes, complementando-os com vias secundárias que garantem a implantação de dezenas de lotes com dimensões semelhantes.

A estrutura viária acaba por se desenvolver ligando ruas pré-existentes à estrada nacional 310, onde também se verifica algum aumento de edificado. Em relação à implantação dos casos de estudo, podemos confirmar que ambos não existiriam à data de 1973: no caso 1 (Francisco) toda a área residencial que o envolve é mais tardia e que no caso 5 (Manuela) existe edificado numa parte do lote, mas não está ainda construída a moradia em questão⁴.

³ Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”, Edições Salamandra, 1995, pág. 32

⁴ Tendo em conta as informações recolhidas este edificado poderia ser uma construção anexa de uma indústria que utilizava este lote como captação de água, não podendo se tratar da habitação respectiva ao caso de estudo 5, segundo a proprietária.

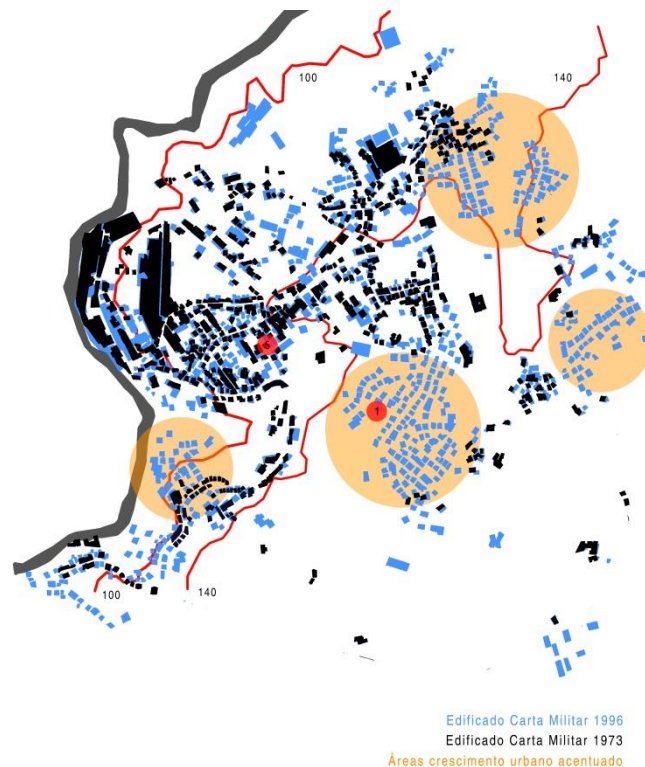


FIG. 4– Comparação do edificado 1973 e 1996 com localização dos casos de estudo (Esc: 1:20.000)

Através desta análise percebemos que o território começa por ser um núcleo urbano próximo do rio Ave e da estrada nacional 310, que é depois densificado, mas que não sofre alterações consideráveis no seu edificado. Este núcleo urbano encontra-se desde a cota mais baixa (100) até uma cota intermédia (140), estratégia de implantação comum a meia encosta tendo em conta o modelo de estratificação do Vale do Ave.⁵ O caso de estudo 5 localiza-se neste núcleo urbano mais antigo, estruturado essencialmente pela sua proximidade ao rio e pelas indústrias ali presentes.

Depois de 1973 a localidade acaba por se expandir para as zonas de cota mais alta, através de acções de loteamento dedicadas maioritariamente à habitação unifamiliar, estruturada por eixos radiais que partem do núcleo urbano mais consolidado, urbanizando antigas áreas rurais. Esta expansão acompanha a alteração das actividades que compõem o território: as extensas áreas ligadas à produção agrícola acabam por se desagregar para servir outras funções, como a indústria e as áreas residenciais. No caso de Riba de Ave, é possível localizar áreas em que se nota a existência destes processos de loteamento, estando o caso de estudo 1 localizado num destes locais.

⁵ Nuno Portas, “Modelo Territorial e Intervenção no médio Ave”, artigo publicado em Sociedade e Território, nº5 Novembro de 1986

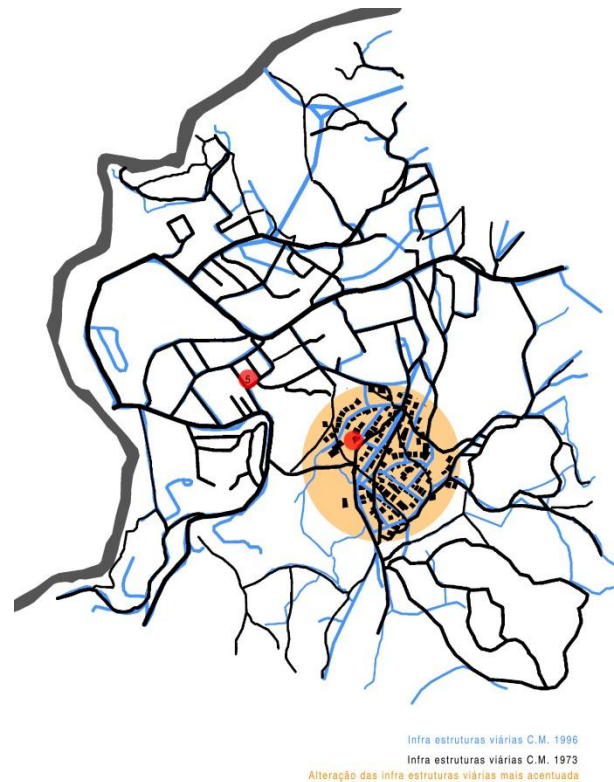


FIG. 5– Comparação da infra-estrutura viária 1973 e 1996 com localização dos casos de estudo (Esc: 1:15.000)

A análise da rede viária de Riba de Ave demonstra, na sua generalidade, que apesar de algumas exceções pontuais, esta acompanha o aumento do edificado.

A transformação do território e do seu sistema viário acontece tendo em conta a urbanização e reestruturação de caminhos outrora rurais. Nas expansões urbanas a que a vila se foi sujeitando, estes caminhos acabam por ser pavimentados, servindo as novas operações de loteamento. Partindo desta estrutura base, é possível observar que os novos arruamentos (menos sinuosos) são acrescentados devido à subdivisão de parcelas resultante das operações de loteamento.

Na área envolvente do caso de estudo 1 nota-se este tipo de reestruturação viária: existe uma matriz de caminhos antigos que vai sendo utilizada e readaptada (de forma não integral) de modo a reestruturar o loteamento; no entanto, surgem também novas ruas de forma a maximizar o aproveitamento do solo e garantir acesso aos lotes recém-criados.

Estes lotes são caracterizados pela área semelhante e pela repetição do modelo de implantação, com a casa localizada no centro do lote, um jardim frontal e uma horta nas traseiras (que pode ser também jardim), espaço vestigial da agricultura de autoconsumo que caracteriza a região.

SERZEDELO

Concelho: Guimarães Área total: 5,41 km² Habitantes: 3680 Densidade pop.:716 hab/km²⁶

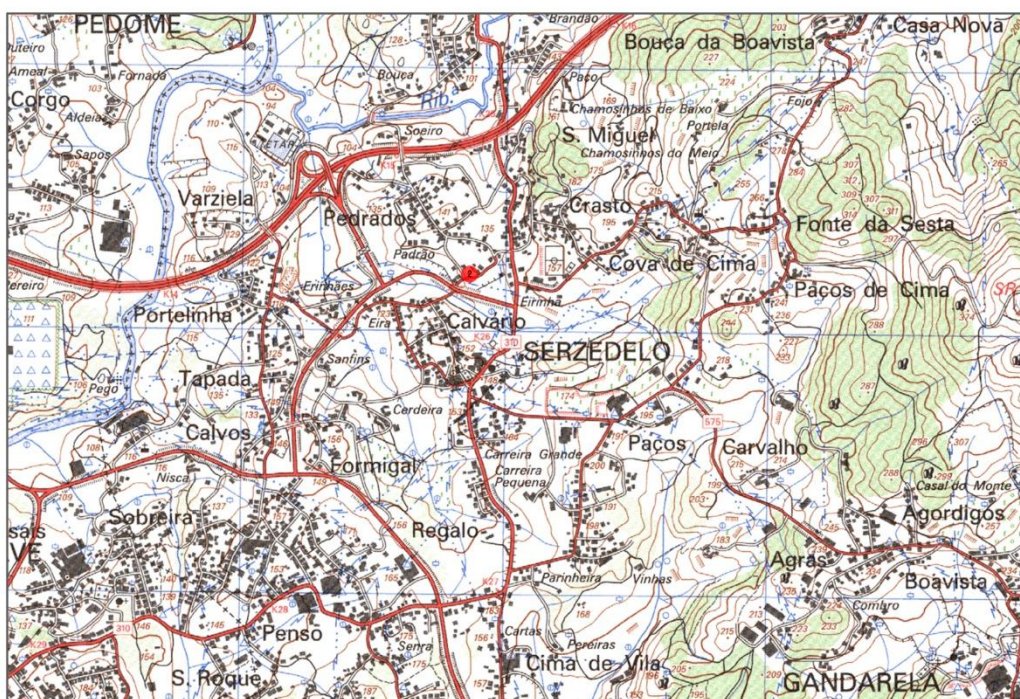
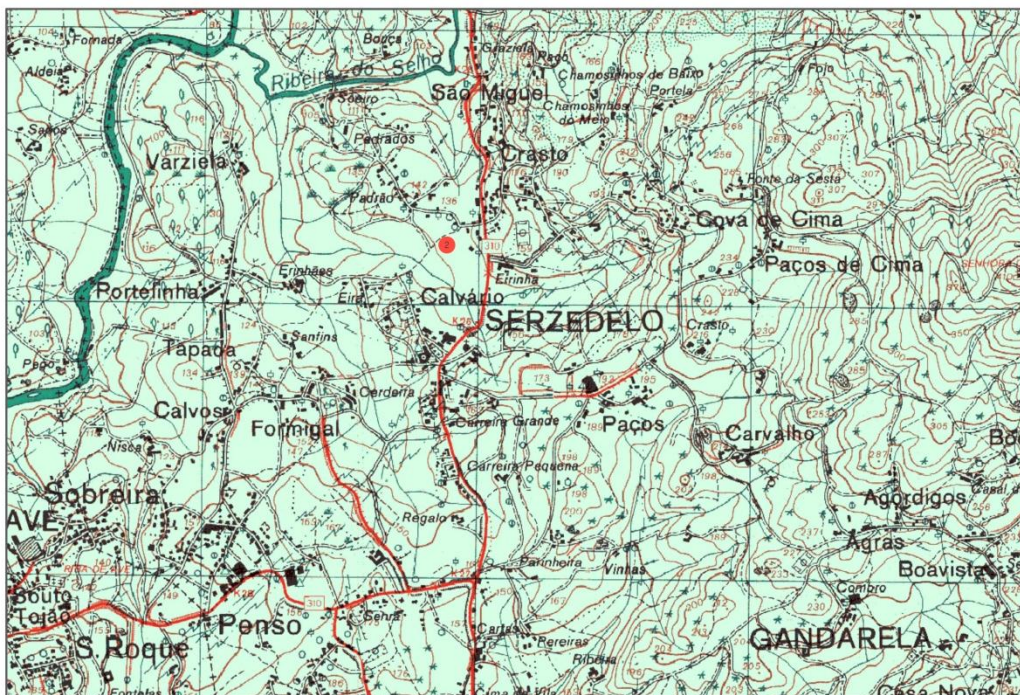


FIG. 6 e 7 Cartas Militares de 1973 e 1996 com localização do caso de estudo (Esc: 1:40.000)

⁶ (INE censos 2011)

A localidade de Serzedelo é a mais populosa das quatro freguesias que albergam os casos de estudo escolhidos, mas tem uma densidade populacional baixa tendo em conta a área do seu território.

Localizada na cota intermédia entre os montes a nascente da localidade e o rio Ave, esta localidade está associada a alguma indústria mas essencialmente à agricultura, esta fixada a uma cota mais baixa, próxima do rio.

A fixação do edificado é difusa, mas é possível observar uma concentração predominante junto à estrada nacional 310, em alguns aglomerados urbanos de pequena dimensão.

Na comparação de plantas militares é visível a alteração e implantação de infra-estruturas viárias principalmente devido a construção da Via Inter Municipal (VIM) assim como da Auto-estrada A7 (Póvoa de Varzim –Vila Pouca de Aguiar).

Em relação à localização do caso de estudo 2 (“Francisco”) é possível perceber que a área de implantação respectiva não estaria edificada à data de 1973. Através da carta militar mais recente são perceptíveis alterações consideráveis naquele local quer a nível de edificado, quer de infra-estruturas viárias. Neste local foi construído um acesso à auto-estrada, resultando em alterações significativas na topografia, assim como na envolvente próxima.

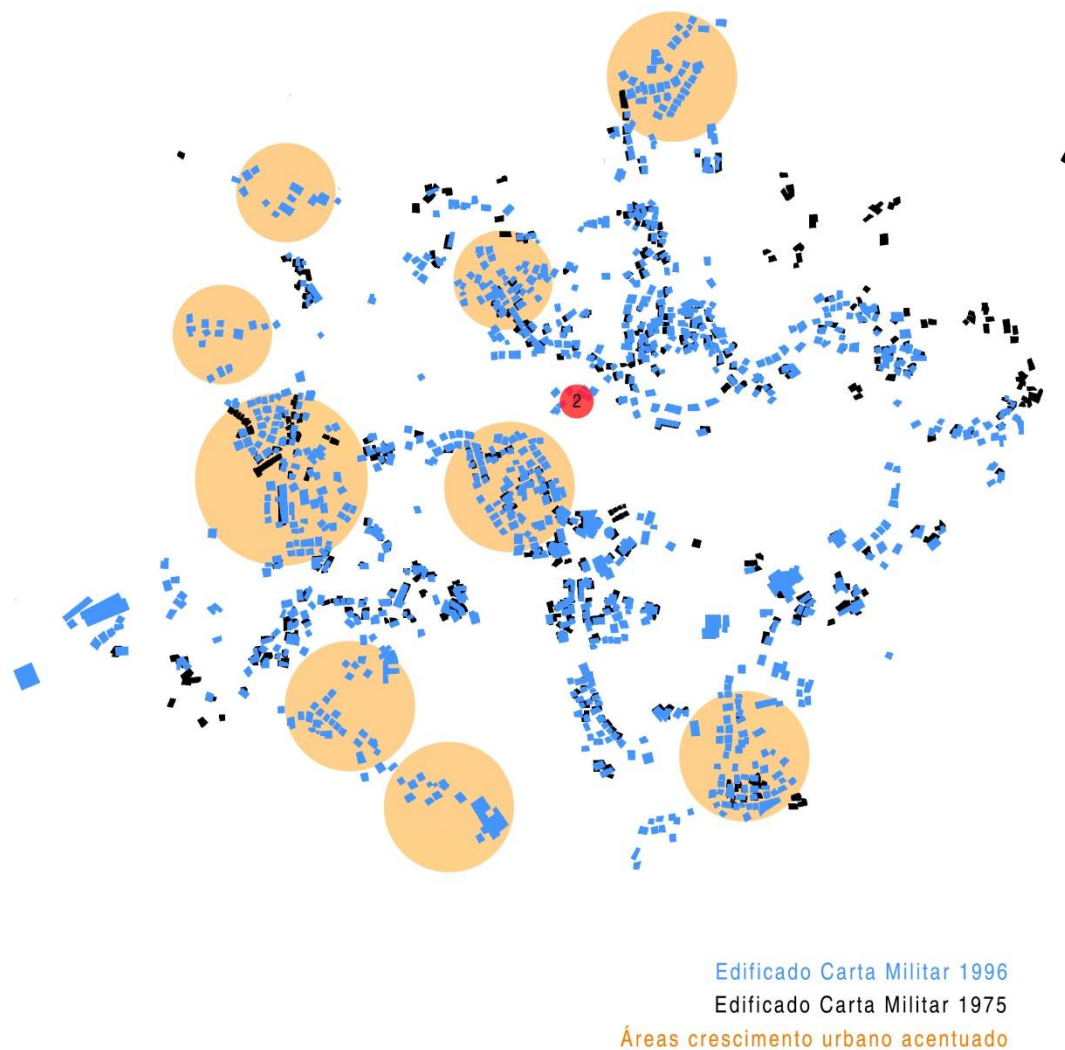


FIG. 8– Comparação do edificado de 1973 e 1996 com localização do caso de estudo (Esc: 1:15.000)

Com a sobreposição das cartas militares de 1973 e 1996 é perceptível um aumento significativo do edificado; este crescimento urbano é generalizado um pouco por toda a localidade, ainda que existam focos de edificado mais recente.

Toda a localidade sofre um aumento de edificado quer nos seus núcleos mais consolidados quer em aglomerados anteriormente mais difusos. O caso de estudo 2 e as construções próximas surgem numa área não urbanizada em 1973. A estrada de acesso à A7 cria uma faixa associada essencialmente à produção agrícola.

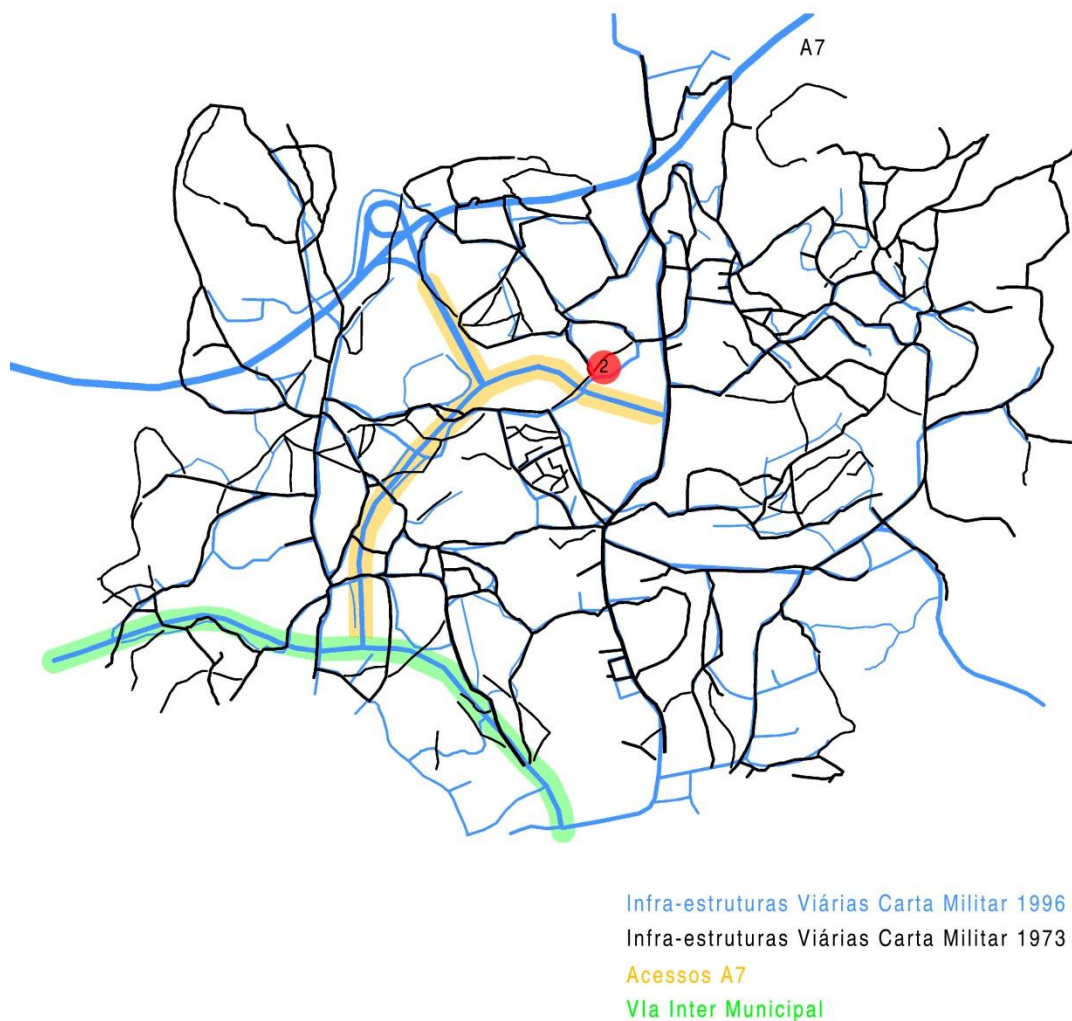


FIG. 9– Comparação da infra-estrutura viária 1973 e 1996 com localização do caso de estudo (Esc: 1:10000)

A evolução das infra-estruturas viárias na localidade de Serzedelo segue as mesmas orientações já referidas na transformação do edificado. Para além de algumas alterações significativas, como é o caso da construção da A7 e da VIM (com reflexo directo sobre o território), não existe uma grande evolução na estrutura viária analisada nas duas cartas militares. Apesar de serem perceptíveis novos arruamentos, a estrutura viária evolui através do melhoramento dos antigos caminhos e percursos florestais que acompanham o crescimento urbano, não sendo necessária a construção de novos arruamentos, dado o modelo urbano disperso que caracteriza a região do Vale do Ave.

RORIZ

Concelho: Santo Tirso Área total: 5,94 km² Habitantes: 3655 Densidade pop.:617 hab/km²

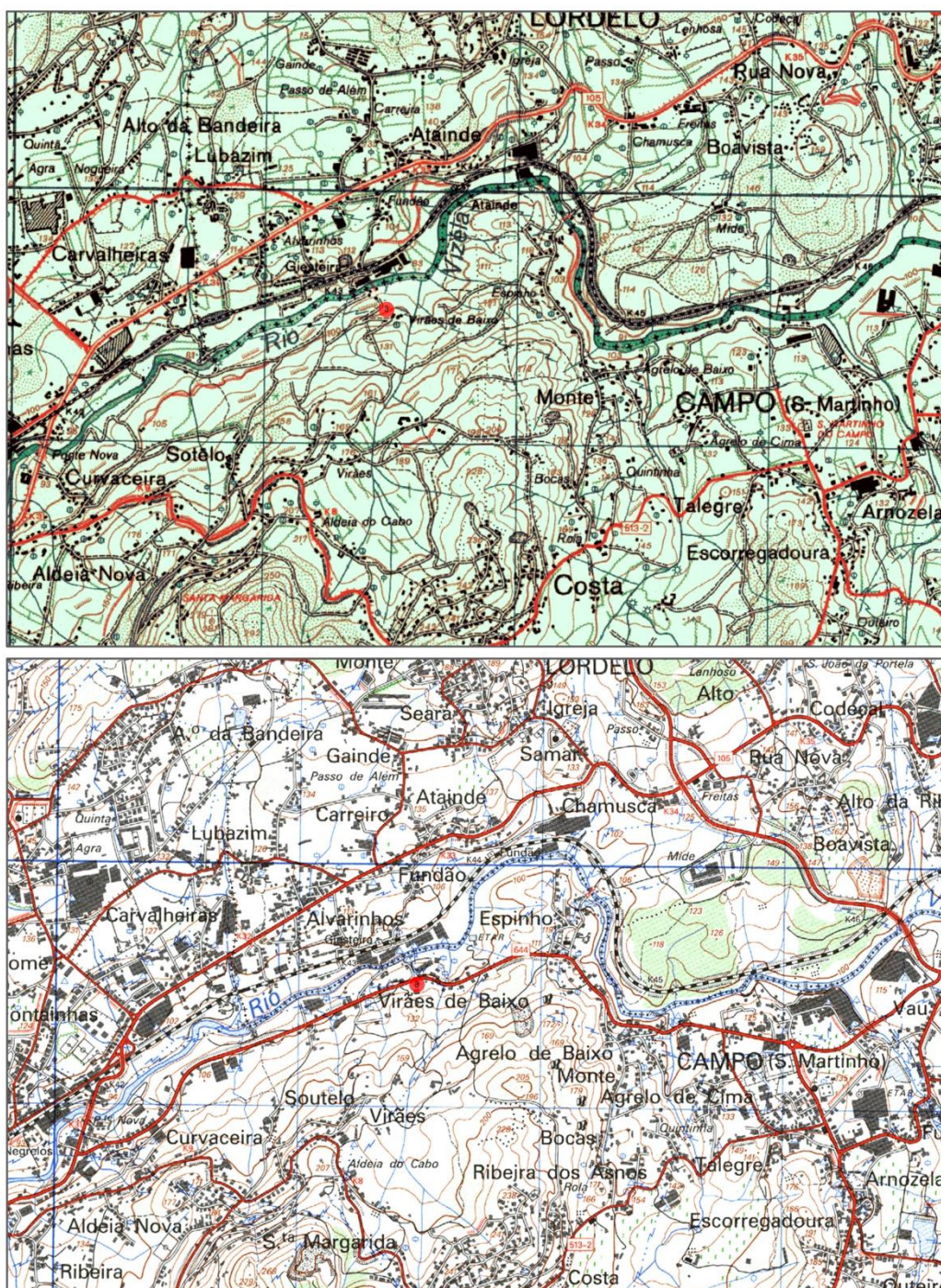


FIG. 10 e 11 Cartas Militares de 1973 e 1996 com localização do caso de estudo (Esc: 1:40.000)

⁷ (INE censos 2011)

Roriz é a localidade deste trabalho de investigação com maior área, albergando um número de habitantes considerável, semelhante a Serzedelo.

A proximidade com o rio Vizela facilitou a fixação da indústria têxtil junto às suas margens; no entanto, grande parte do edificado de Roriz localiza-se a uma cota intermédia a meia encosta como nos restantes locais em estudo. O caso de estudo 3 (“Agostinho”) está integrado numa cota mais baixa e próxima do rio, marcada por ser menos densa que os núcleos urbanos acima da cota 200.

Para além da indústria têxtil fixada a uma cota baixa, Roriz dispõe também de vários locais de exploração e corte de pedra, tendo esta actividade consequência na forma do território.

Na área em estudo relativa ao caso de estudo 3 a transformação do território (entre 1973 e 1996) passa sobretudo pela reestruturação e construção parcial de uma via paralela ao rio que promove um aglomerado urbano industrial e residencial.

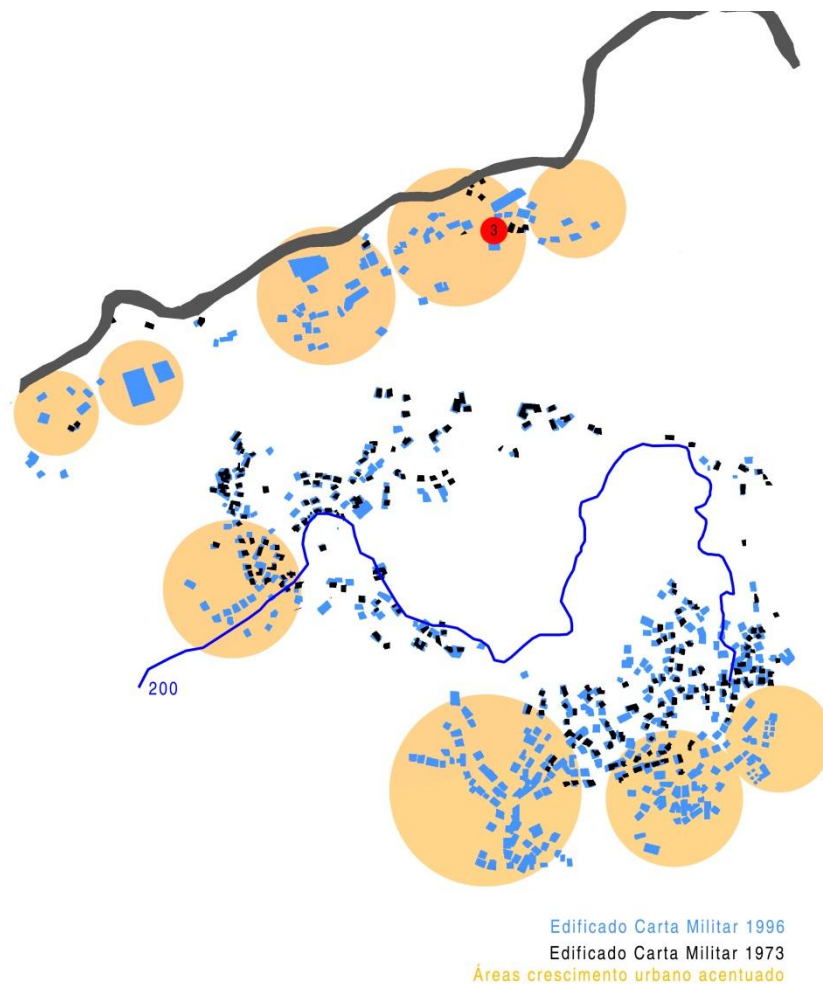


FIG. 12– Comparação do edificado de 1973 e 1996 com localização do caso de estudo (Esc: 1:15.000)

A análise do edificado de Roriz por comparação das cartas militares indica um aumento considerável de construções entre 1975 a 1995. O aglomerado urbano de Roriz aumenta de forma mais substancial acima da cota 200, onde já se localizavam os seus principais aglomerados urbanos. Neste local (indicado na planta a sudeste) podemos observar um aumento de edificado bastante pronunciado, tanto dentro do seu núcleo urbano consolidado como na periferia.

De uma forma generalizada, o edificado neste local sofre um aumento considerável, diminuindo a diferença entre a cota baixa (maioritariamente associada à indústria) e a cota alta, onde se situam os núcleos edificados mais antigos e de maior densidade.

Na faixa de território mais próxima do rio (onde se localiza o caso de estudo 3) é possível observar uma implementação de edificado considerável, tendo como base a indústria (em parcelas de diferentes tamanhos) mas também bastantes habitações, como o caso de estudo em questão, resultando num território que agrega ambas as funções.

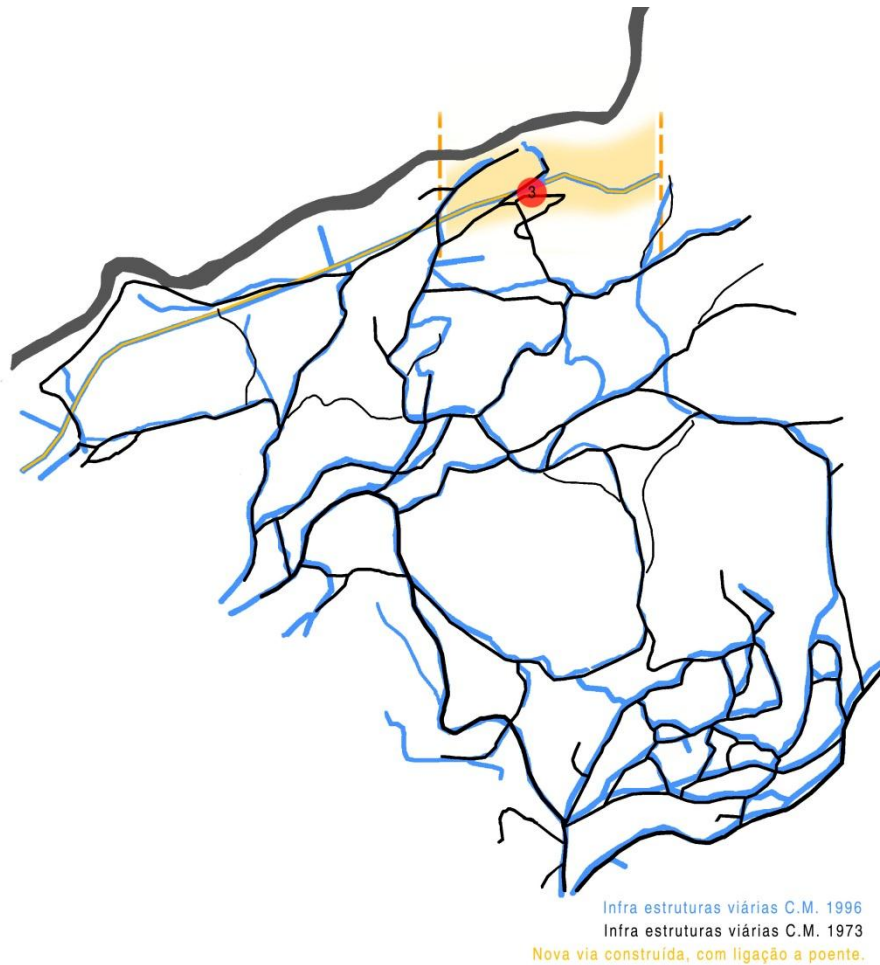


FIG. 13– Comparação do edificado de 1973 e 1996 com localização do caso de estudo Esc: 1:15.000

A comparação da estrutura viária referente às cartas militares (1973 e 1996) mostra que esta permaneceu quase igual neste espaço de tempo, embora tenha sido reestruturada e revista de modo a adaptar-se às novas necessidades de tráfego e à nova urbanização.

A exceção neste panorama acaba por ser a estrada que serve o caso de estudo 3. A sua construção promoveu a fixação de edificado à cota inferior, numa linha paralela à margem do rio Vizela. Na carta militar de 1973 é possível observar que existe uma via com um traçado quase coincidente com esta que, no entanto, não tem continuidade para nascente. A nova estrada liga este lugar mais próximo do rio às freguesias situadas tanto a nascente como a poente deste local, criando uma continuidade de ligação entre os locais destas freguesias, a uma cota mais baixa.

A nova estrada impulsiona a indústria local, que vê uma oportunidade de se estabelecer nesta área, mas no conjunto geral do edificado, os lotes residenciais também tem alguma expressão.

GUARDIZELA

Concelho: Guimarães Área total: 3,98 km² Habitantes: 2474 Densidade pop.:621 hab/km²*

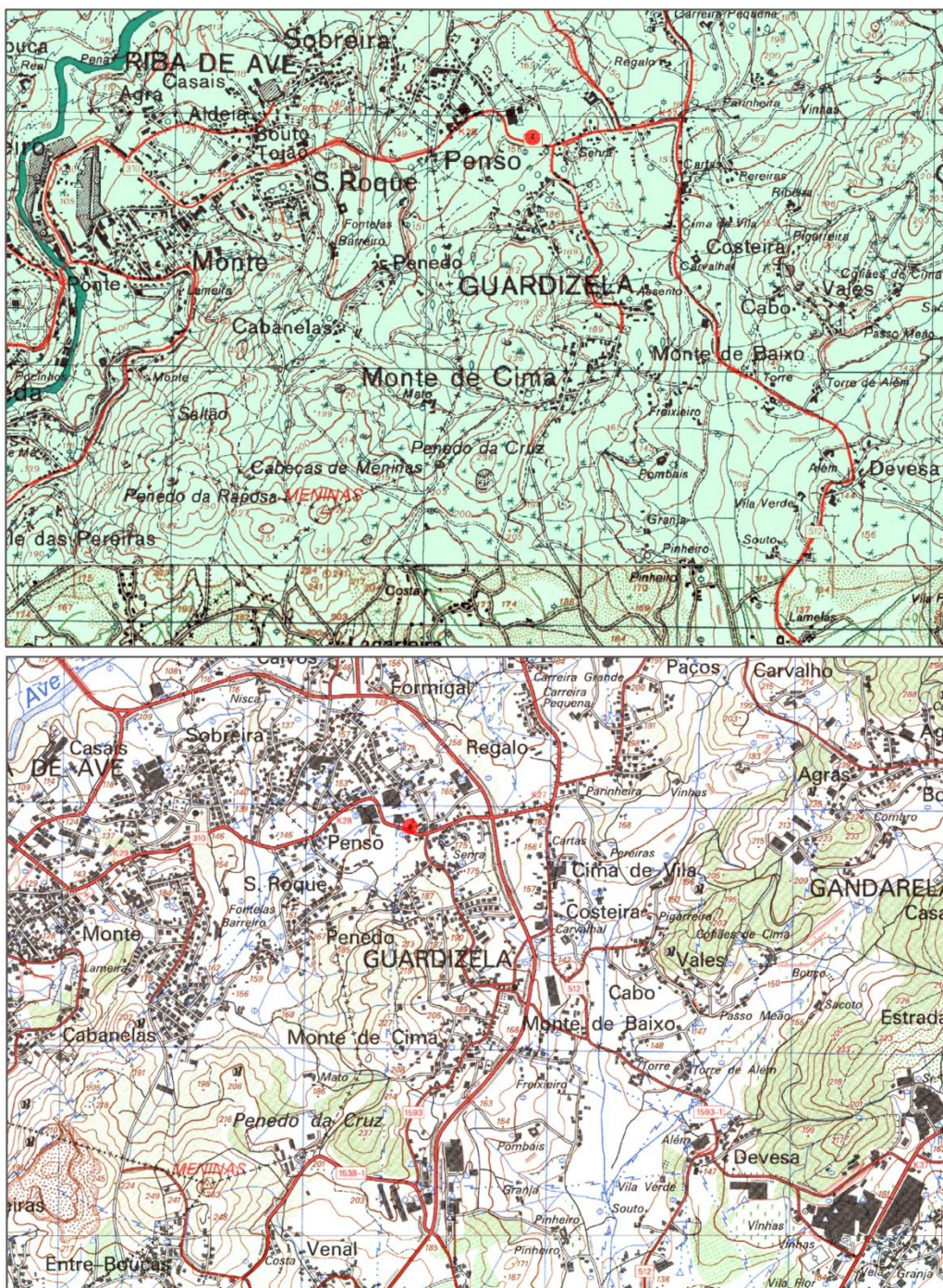


FIG. 14 e 15 Cartas Militares de 1973 e 1996 com localização do caso de estudo (Esc: 1:40.000)

* (INE censos 2011)

A freguesia de Guardizela apesar da sua dimensão é a localidade do conjunto que tem menor densidade populacional. É nos seus limites com Riba de Ave e Serzedelo que a freguesia vê o seu território ter um aumento significativo do edificado (e, conseqüentemente, da população e actividades associadas) entre 1973 e 1996.

Apesar de possuir um núcleo urbano mais antigo, é especialmente no contacto com as localidades limítrofes que notamos um maior crescimento da mancha de edificado neste território. Os efeitos da construção da VIM reflectem-se mais nesta localidade do que nas outras em estudo, pois o seu traçado secciona-a em duas partes.

Ao contrário das outras freguesias em estudo, Guardizela não tem o rio presente no seu território administrativo. Apesar disso as suas lógicas urbanas acabam por seguir as já mencionadas nas outras localidades deste trabalho. A fixação de edificado a meia encosta está presente, sendo comunicante com os núcleos urbanos das outras localidades limítrofes.

A análise das cartas militares permite compreender que o caso de estudo 4 surge num lugar hoje transformado pela fixação de edificado, mas estruturado essencialmente pela presença da estrada nacional 310 e das estradas secundárias através das quais esta se ramifica.

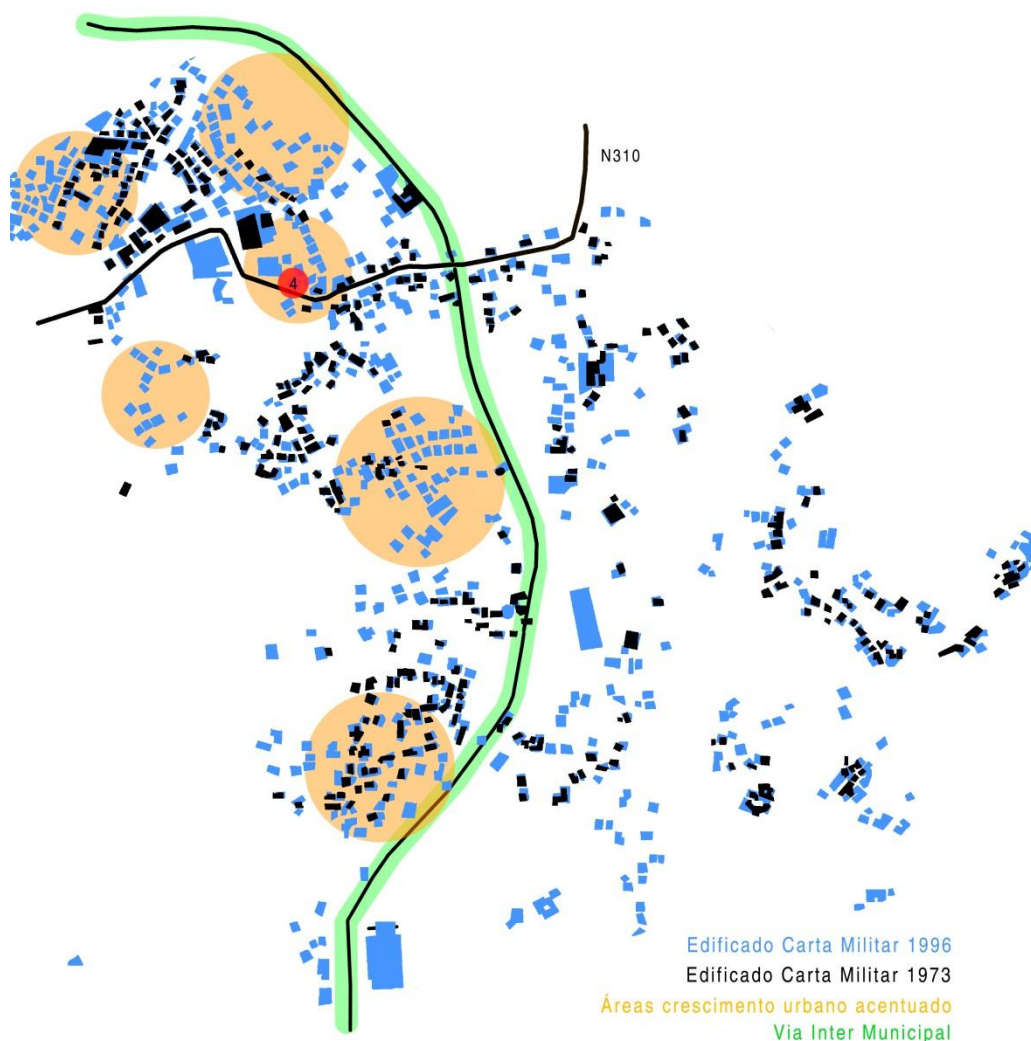


FIG. 16– Comparação do edificado de 1973 e 1996 com localização do caso de estudo (Esc: 1:15000)

Através da análise do edificado é perceptível que a localidade de Guardizela sofre um aumento generalizado entre 1973 e 1996. Apesar deste aumento se notar em grande parte do território, é possível localizar núcleos de edificado que são recentes e que surgem isolados dos núcleos visíveis na carta militar mais antiga.

Neste edificado mais recente é possível encontrar um modelo de loteamento com a casa isolada na parcela, não existindo grande diferença entre os lotes que compõem estes conjuntos.

A sobreposição do edificado permite também perceber que no lado nascente da localidade (hoje dividida pela VIM), o aumento da construção foi maior do que no lado poente. Este aumento de edificado sectorial surge com o aumento dos núcleos urbanos consolidados, principalmente ao longo da estrada nacional, pela lógica de continuidade destes entre diferentes freguesias.

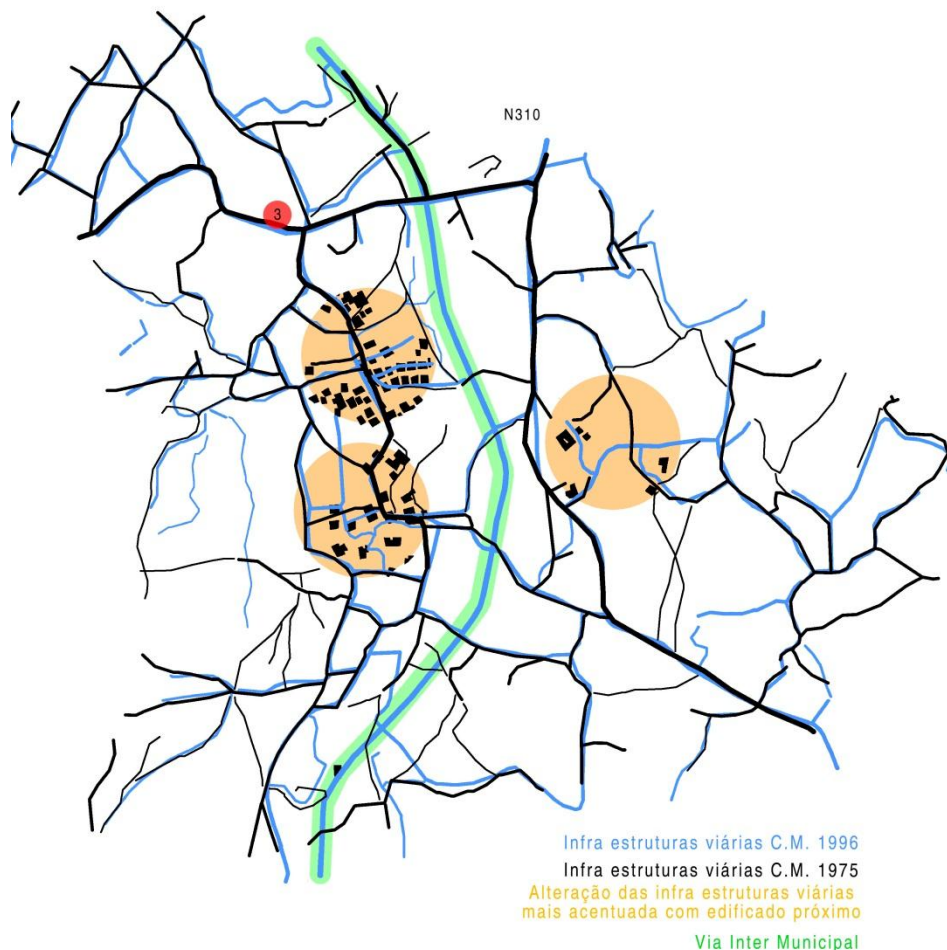


FIG. 17– Comparação do edificado de 1973 e 1996 com localização do caso de estudo (Esc: 1:15000)

A comparação do sistema viário de Guardizela tendo como base as cartas militares indica-nos poucas alterações às infra-estruturas de 1973, mantendo-se o traçado geral quase inalterado até 1995.

A exceção acontece com a construção da VIM, construída no início dos anos 90 (através de fundos europeus para o desenvolvimento regional, num empreendimento entre vários municípios que apostaram na construção desta via com o intuito de dinamizar a região através da resolução de problemas da estrutura viária original, nomeadamente a saturação das estradas nacionais.

Neste local em particular, a implantação da VIM no território parece estar relacionada com o aparecimento de novos arruamentos na periferia mais próxima desta, como estratégia de interligação das vias locais. Como na maior parte dos locais estudados nesta análise não existem alterações consideráveis das infra-estruturas viárias a nível de traçado; estas são pontuais, tendo em conta uma reestruturação e melhoramento da rede viária existente.



III. HABITAT



CASO DE ESTUDO 1 “MANUEL” EM RIBA DE AVE

1 – Contextualização

A casa pertencente a Manuel é um exemplo claro da forma como um percurso intercultural acaba por ser preponderante aquando das decisões tomadas em torno da construção de uma habitação. A opção por um modelo que se afasta dos modelos formais tradicionais do local para seguir um importado parece ser a opção mais normal no panorama das “casas de sonhos”; no entanto, aqui estamos perante um modelo de habitar híbrido, resultado de considerações que os proprietários foram recolhendo ao longo da sua jornada de experiências interculturais como emigrantes.

A actual moradia de Manuel acaba por ser um reflexo da sua estadia anterior em Lyon, lugar onde viveu durante várias décadas e de onde é originário o modelo da sua casa. A decisão de construir uma habitação própria em Riba de Ave, terra natal do casal, surge após vários anos de emigração em França, onde Manuel trabalhava na construção civil e a sua esposa na indústria têxtil, (onde Manuel também trabalhou nos últimos anos de emigração após a empresa de construção civil ter encerrado).

O projecto da casa de Manuel foi “importado”, obtido quando este viu uma casa que gostava na região onde residia e, com a intenção de construir a mesma habitação em Portugal falou com o seu proprietário no sentido de este lhe ceder a planta.

O motivo principal que levou o proprietário original a aceitar ceder os desenhos foi o facto de a construção desta casa ser feita em Portugal, (tendo em conta a distância que separa os dois locais) e também pela satisfação pessoal resultante do pedido de Manuel. Para além de fornecer cópias dos desenhos técnicos da sua casa, acaba por mostrar-lhe também aspectos menos positivos da construção, sugerindo algumas alterações ao projecto original.

Em Portugal, Manuel mostra as plantas a um construtor civil local, que acaba por ficar encarregue de todo o processo relacionado com licencição e construção da casa. A construção demora dois anos, com algumas visitas à obra por parte de Manuel, ao longo do ano. Ao contrário do relatado em outros casos de estudo o trabalho de Manuel na construção civil em França não contribuiu para a sua participação na construção da sua habitação em Portugal.

2 – Lote e aproximação ao local

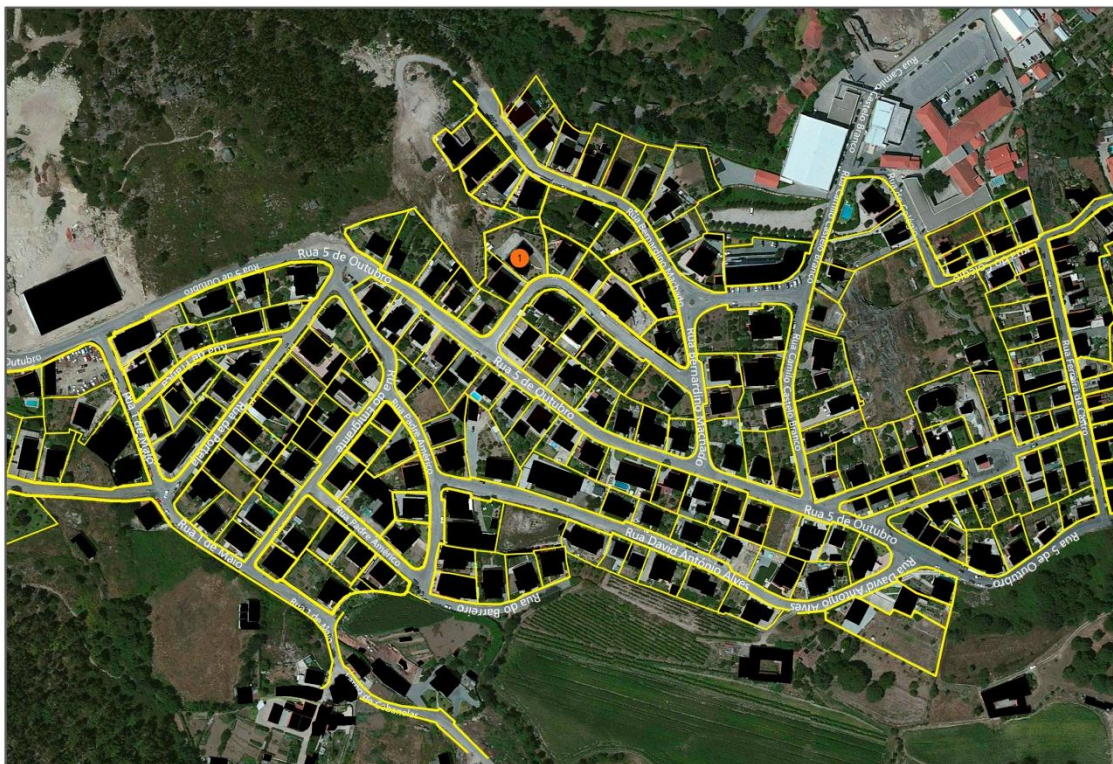


FIG. 18 – Vista área da envolvente do caso 1 com localização do caso de estudo

O caso 1 está localizado numa área residencial que é consolidada através de operações de loteamento relativamente recentes (1980), promovidas por construtores para dar resposta a uma procura crescente de habitação.

É possível notar um aumento da área e uma alteração da forma dos lotes comparando a área onde se localiza o caso de estudo 1 com a área na extrema direita da imagem, consolidada anteriormente (já surge na carta militar anterior).

Como matriz de suporte para este tipo de acção urbana encontramos uma série de arruamentos traçados tendo em conta a divisão em lotes semelhantes, rentabilizando ao máximo a área total. Pela sua localização excepcional, o lote da casa de Manuel é distinto dos restantes na sua forma: tem um formato trapezoidal e tem como limites laterais linhas radiais à curvatura acentuada da rua.

Uma análise cuidada desta planta permite especular sobre o anterior cadastro de toda esta área. É possível verificar que ainda hoje os limites deste loteamento são uma faixa contínua de grandes parcelas agrícolas e áreas florestais. Terá sido este o precedente deste loteamento, em função da divisão de uma propriedade agrícola.

3 – A casa

Manuel explica-nos que a sua moradia tem uma configuração bastante simples, à excepção da sala de jantar e da sua fachada semicircular, como mostra a planta abaixo. Existe uma área central que garante a circulação e o acesso vertical ao piso inferior, assim como a distribuição para todos os restantes espaços, sendo a cozinha e a sala de jantar comunicantes entre si. Outro aspecto interessante é o espaço de circulação exterior que acompanha a moradia em quase todo o seu perímetro, acessível através da varanda dos quartos, resguardado sobre o beiral (e protegidos com gradeamento limitrofe).

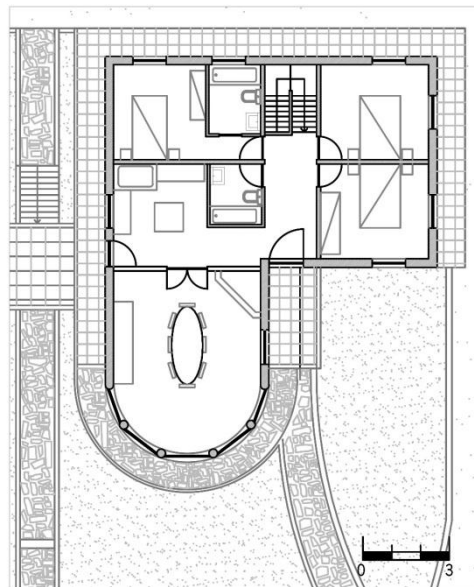


FIG. 19 – Planta especulativa (feita mediante descrição oral do proprietário do piso superior da casa de Manuel).

O piso inferior é composto por uma garagem e um espaço para arrumos, assim como o acesso vertical comunicante com o piso superior, e dispõe de uma grande área pavimentada adjacente que serve para a realização de manobras do automóvel. Este parece ser também um espaço utilizado para o lazer, mais resguardado do que o jardim frontal, que se encontra mais próximo da rua.

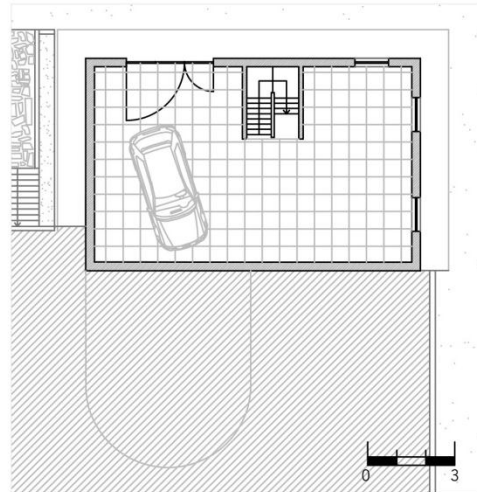


FIG. 20 – Planta especulativa (feita mediante descrição oral) da organização interior do piso -1 da moradia de Manuel.

O jardim frontal resulta assim num espaço de transição adornado através da vegetação, ponderada de forma a criar o melhor enquadramento com a moradia implantada. Ainda assim acaba por servir apenas como um acesso à habitação, não tendo aparentemente outra utilização por parte de Manuel.

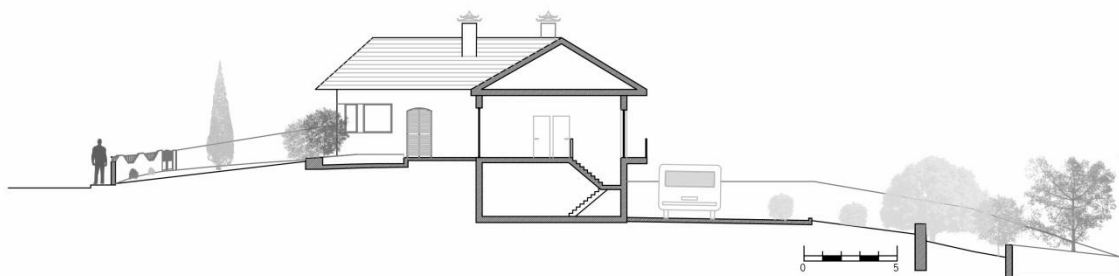


FIG. 21 – Secção da moradia de Manuel

A área pavimentada que possibilita a entrada do automóvel na garagem acaba por albergar a auto caravana e ser a ligação física da habitação com a horta. A hipótese de esta ser uma área mais versátil e com um carácter mais ligado ao lazer surge em contraste com a fachada da casa

voltada para a rua, cuidada mas com poucos sinais de habitabilidade, tendo habitualmente todos os estores encerrados.

Esta “casa de sonho” combina uma série de decisões de projecto e outras particularidades que a tornam bastante específica quanto à sua forma, seus espaços interiores e pela estratégia de adaptação da planta que Manuel utiliza ao novo local de implantação.

Entre as várias características que conseguimos destacar em relação a outras práticas construtivas e soluções formais mais correntes denotam-se como elementos singulares a cobertura com inclinação pronunciada e que se encerra de forma cônica num dos lados da implantação em “L”, neste caso o volume em planta circular voltado para a rua, este último com cinco vãos integrados e consecutivos que criam uma moldura panorâmica de 180° sobre o jardim da moradia, e os seus acessos à rua. As janelas e portas à excepção destas últimas têm padieira em arco mas apenas no piso 0, sendo as do piso -1 rectangulares e de dimensão mais reduzida.



FIG. 22 - Alçado da Moradia de Manuel

4 – A janela panorâmica

Após entrevista percebe-se que este é um dos motivos de orgulho de Manuel em considerações sobre a sua casa. *“Há muitas parecidas, mas nenhuma tem uma sala com as janelas assim...”* De facto não é comum encontrarmos este tipo de planta semicircular parcial, com vãos que compõem um ângulo de visão de 180°.

Este espaço associado à moldura panorâmica e à sua cobertura cônica acaba por ser a imagem mais forte desta moradia, sendo esta a parte da casa que se encontra mais próxima da rua, ainda que seja possível reconhecer outras particularidades que nos remetem para uma

arquitectura importada. Aqui situa-se a sala de jantar, servida por uma iluminação constante (maioritariamente a norte) e com alcance de observação para todo o jardim e rua.

Apesar do orgulho de Manuel nesta particularidade da casa, os cinco estores radiais mantiveram-se sempre fechados aquando das visitas ao local, o que pode ser sintomático de alguma dificuldade de exposição do interior da casa por parte dos proprietários ou da menor utilização da sala de jantar em detrimento da cozinha, (esta provavelmente mais utilizada para as refeições), usada como espaço principal do habitat da casa (tal como as cozinhas da habitação vernacular.



FIG. 23 – Estores da sala encerrados

Ainda que neste caso particular a planta tenha sido obtida directamente junto do proprietário do “modelo” é hábito comum no panorama das “casas de sonho” o emigrante consultar revistas e livros do País onde emigrou de habitações prontas a construir. Estas publicações incluem plantas para cada modelo e indicam as dimensões gerais das áreas habitáveis, seguidas na maior parte das vezes de um pequeno texto descritivo, uma imagem de grandes dimensões da casa e o contacto do construtor. Ainda que estas revistas funcionassem como um catálogo que estreita a relação construtores/clientes no país destino (onde serviam um mercado da construção), fora do seu país estas acabavam por ser, muitas vezes, a primeira referência técnica para a concretização de uma habitação deste tipo em Portugal.

A existência de um conjunto de plantas ilustradas com uma imagem do aspecto final da moradia acaba por ser um meio eficaz de transmissão de um modelo. A leitura e percepção do projecto é assim facilitada por esta via, os exemplos por onde escolher são variados e as moradias apresentadas em publicações deste tipo são “uma alternativa construída e testada” pronta a ser implementada num determinado lote.

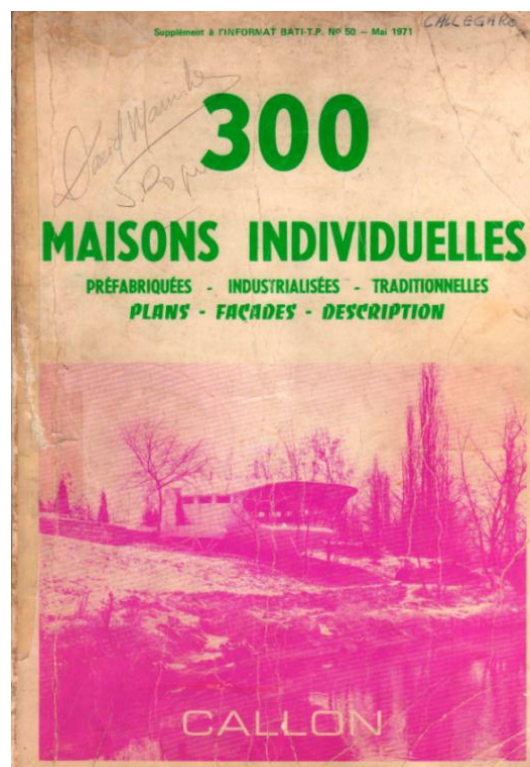


FIG. 24 – Capa da revista “ 300 Maisons individuelles”, uma publicação dedicada a variados modelos de habitação com a respectiva informação técnica e desenhos.nº50, Maio 1971, Ed. Callon.

Este acesso simplificado facilitou a intenção de trazer um modelo de arquitectura do país de origem e adaptá-la a um contexto geográfico diferente, mas também de utilização e alteração de plantas presentes em catálogo. As “exposições de maquetes” eram um evento que levava este processo um passo à frente das publicações já citadas. Eram exposições de porta aberta onde

os construtores expunham os modelos do seu reportório em maquetes e desta forma estreitavam o diálogo entre cliente e construtor como o intuito de angariação de negócio.

No caso específico da moradia de Manuel, como já referimos, é o proprietário de Lille a ceder-lhe a planta para a construção de uma semelhante em Riba de Ave. Ainda assim, após consulta de um catálogo de casas de 1971 foi possível encontrar um modelo de habitação muito semelhante à moradia de Manuel, com implantação e proporção semelhantes, mas com a disposição interior diferenciada, com o nome de catálogo “casabianca”.

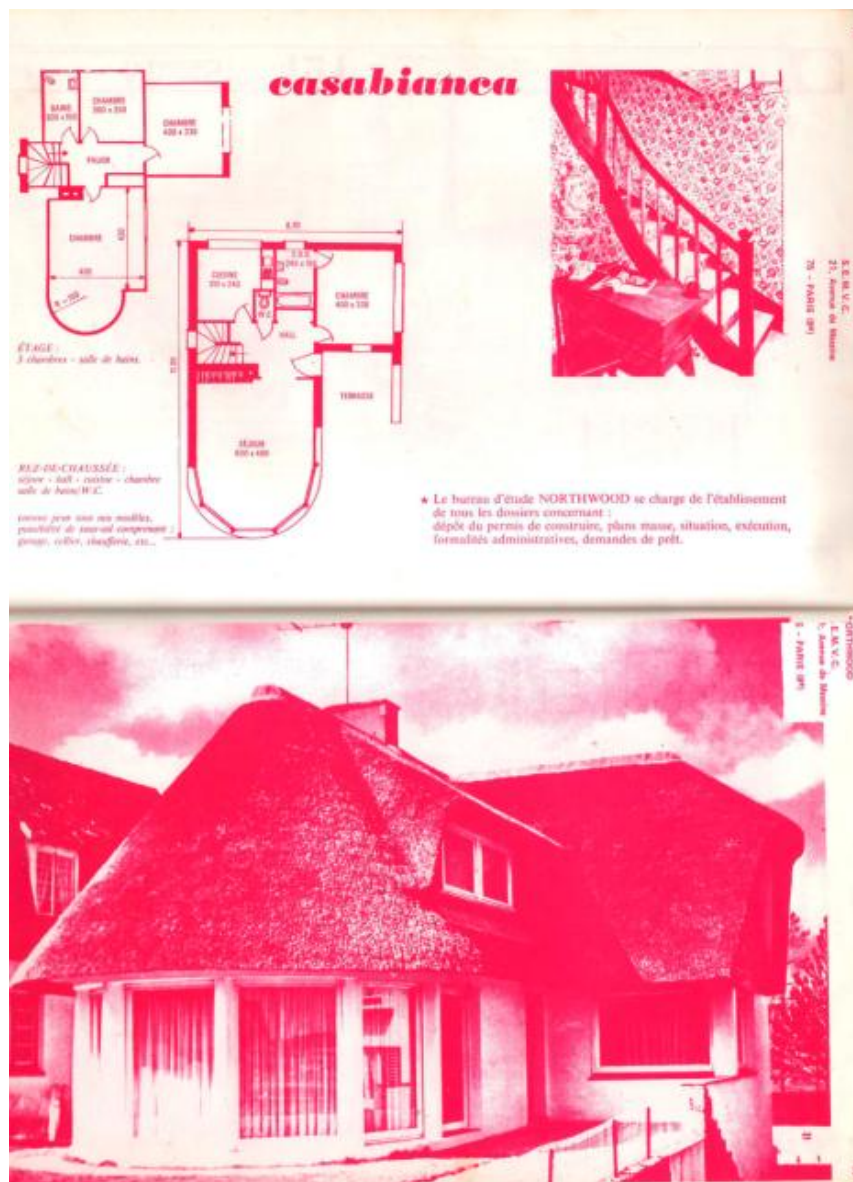


FIG. 25 - “casabianca”, um dos modelos da publicação “300 Maisons Individuelles, com um layout e proporção semelhantes à moradia de Manuel.

Apesar das semelhanças óbvias entre as duas moradias conseguimos estabelecer à partida que a diferença mais relevante reside no facto da moradia do catálogo dispor de um piso superior que aproveita a inclinação da cobertura, com vãos integrados na pendente, estratégia não partilhada pela moradia de Manuel. A organização interior também acaba por ser bastante diferente, ainda que se denotem semelhanças na disposição da sala de jantar, apesar da diferença nos vãos (que na moradia catalogada se prolongam até à cota de soleira).

Esta aproximação e comparação entre as duas moradias é, apesar de especulativa (talvez esta “casabianca” tenha inspirado o processo de criação da moradia de Lille que Manuel “copia”) uma tentativa de compreender como os modelos formais importados surgem e sofrem reinterpretações e arranjos de forma a melhor se adaptarem à “casa de sonhos” pretendida pelo proprietário. Parece existir uma base desenhada que mais tarde é reajustada a gosto e preferências do cliente e consoante as técnicas de construção que o construtor local propõe.

Todo este processo vive de constante readaptação e alteração/melhoramento do habitat a uma realidade de acumulação de experiências do habitar. Os modelos formais da arquitectura tradicional são perenes e testados, imutáveis pois apenas se alteram caso haja necessidade de reparação ou uma mudança cultural, como nos explica Christopher Alexander acerca da adaptação das formas de habitar às mudanças culturais.⁹

5 – Jardins e espaços exteriores

Os espaços verdes são nesta moradia, como em outros casos de estudo deste trabalho parte integrante da disposição geral da casa e de como esta se apresenta para a rua. A moradia de Manuel dispõe de um conjunto de espaços ajardinados, vedados no acesso à rua por muros baixos e com gradeamentos metálicos que cumprem a sua função delimitadora, no entanto não oferecem qualquer obstrução visual que garanta alguma privacidade do espaço interior da moradia.

⁹ Christopher Alexander, “Notes on the synthesis of form”, Harvard University Press, 1964

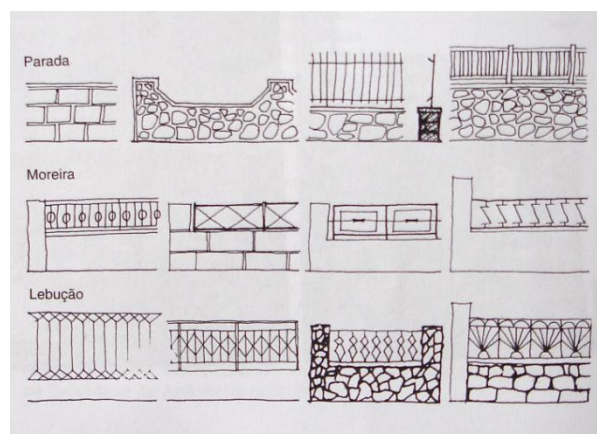


FIG. 26 e 27 - Pormenor do gradeamento utilizado na moradia de Manuel e desenhos esquemáticos de vários tipos de combinações de gradeamento e muros presentes na obra “Casas de Sonho”.

Os muros frontais desenvolvem-se a uma cota baixa e com recortes trapezoidais desenhados para a integração do gradeamento e assim aumentar o campo de visão para a moradia a partir da rua. Este gradeamento é metálico e não muito complexo, mas com algum trabalho cuidado de serralharia. Os gradeamentos e portões são pintados de preto, contrastando de forma intensa com as tonalidades brancas da alvenaria rebocada. Esta opção cromática acaba também por definir quase todos os materiais utilizados na moradia a nível exterior com excepção de alguns pavimentos cerâmicos de cor ocre e alguns mármore.

O jardim frontal é cuidado, relvado com muretes baixos delimitadores do espaço e dos vários canteiros; os caminhos são pavimentados com pequenas pedras de mármore de tamanho e forma variados, que dão acesso à moradia. O relvado contém arbustos posicionados pontualmente que ornamentam todo o conjunto. Nas traseiras da casa são existe um pomar de árvores de fruto e algum cultivo de pequena escala, ainda que o proprietário admita que estes espaços verdes exijam uma manutenção a que se já não pode dedicar.

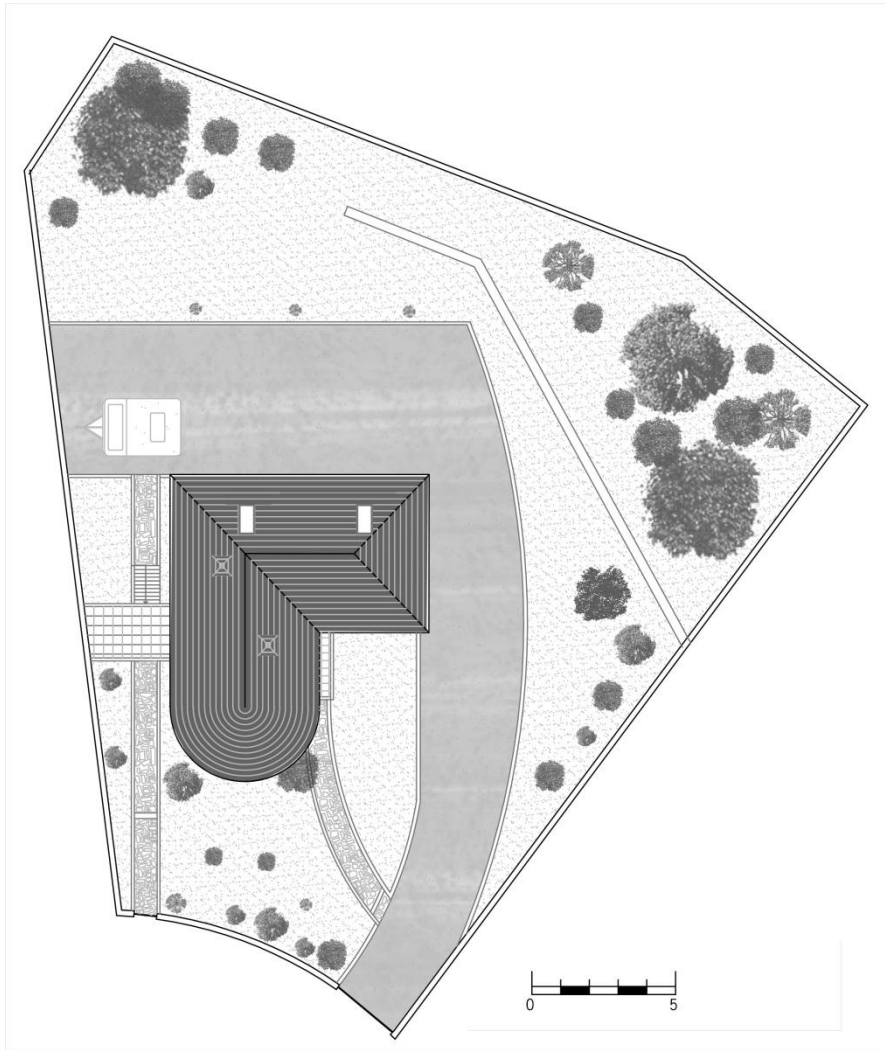


FIG. 28 - Planta de cobertura do lote da moradia de Manuel.



FIG. 29 – lajeado mármore dos pavimentos exteriores da casa de Manuel

Uma análise da planta permite-nos perceber que a implantação da moradia no lote considera essencialmente o facto de a habitação estar isolada no meio da parcela, uma estratégia comum na implantação deste tipo de moradias, prática que no entanto acaba por se generalizar consoante o ano de construção da habitação ao longo da cronologia de construção “emigrante”, como é referido na obra “Casas de Sonho”

“Nas décadas de 60 e nos primeiros anos da década de 70, alguns emigrantes investem a sua poupança na reconstrução de casas antigas, no tecido histórico. Os edifícios reconstruídos preservam a sua implantação em relação à rua. Pelo contrário, as primeiras casas construídas de raiz na década de 60 e nos primeiros anos da década de 70, localizadas em geral na periferia do tecido antigo, já não se encontram alinhadas com a rua; afastam-se dela, definindo à sua frente um espaço de transição, semipúblico, vedado, jardim florido, ou pátio, ou mais raramente horta, para aqueles que regressados se dedicam à agricultura. Mais frequentemente, as casas aparecem, já, isoladas nas parcelas, mas algumas encostam-se ainda, em parte, a uma vizinha.

A maioria das casas construídas pelos emigrantes, nos finais dos anos 70 e na década de 80, foram implantadas retiradas da rua; um pequeno número situa-se no meio da parcela.”

Procura-se aqui um equilíbrio o acesso em rampa e um afastamento considerável da implantação tanto em relação à rua (que privilegia o jardim frontal) como em relação aos lotes vizinhos.

A vegetação escolhida para integrar os jardins acaba por potenciar a relação visual entre a rua e a habitação pelas suas características.

Os arbustos são abundantes junto ao muro contíguo à rua, no entanto na sua maioria não servem como barreira visual eficaz como pode parecer em planta, são de dimensão e folhagem que permite que este “*espaço de transição*” não seja uma obstrução visual entre rua e moradia. A excepção aqui surge com dois arbustos de maior dimensão, podados cuidadosamente a adquirirem um formato arredondado e que se destacam tanto pela sua dimensão como pela sua implantação precisa e cuidada de forma a criar uma relação de simetria em conjunto com o volume de planta semicircular virado para a rua.

Denota-se uma tentativa de equilíbrio do alçado frontal considerando a volumetria singular da moradia e as árvores que lhe são próximas, surgida através da intuição e instinto pragmático do cliente e dos seus valores estéticos.

A simetria ocupa aqui um papel importante numa estratégia de composição gráfica de um conjunto de volumes a diferentes distâncias e conseqüentemente a diferentes planos visuais. O equilíbrio visual é pretendido e parece existir uma intenção clara quanto à posição dos arbustos e ao que trazem ao alçado, apesar da assimetria da casa de Manuel.



FIG. 30 - Exemplo da composição simétrica entre alçado e jardim (arbustos)

O espaço dedicado ao cultivo a nível doméstico em pequena escala acaba por ser um hábito generalizado incutido na região do vale do Ave, ainda que este seja uma herança transformada da actividade agrícola que aos poucos foi perdendo importância para as várias actividades industriais que se estabeleceram no território marcado pela sua dispersão.

“Uma estrutura agrária de dimensão variável mas com dominância do minifúndio, cultivado em muitos casos em tempo parcial e, em parte, para complemento dos recursos familiares provenientes da indústria ou outra actividade.”¹⁰

O aparecimento e utilização da horta como modelo de cultivo agrícola de pequena dimensão aparece-nos aqui como primeira ponte interculturais. Até num modelo “importado” como o da moradia de Manuel este espaço acaba por ser mantido e integrado numa habitação que, de forma intuitiva, associamos a um lugar bem distante do Vale do Ave. A casa é de projecto importado e repetido, os seus moradores trazem para a concepção da moradia um percurso cumulativo de experiências vividas em diferentes habitats, associados a uma melhoria de situação económica e financeira no país destino. Esta acaba por ser o grande catalisador desta “substituição” de modos de construir a habitação. A arquitectura tradicional está associada a um passado que não responde às suas actuais exigências e status; e assim, é representativo de um modelo importado, mas também do seu “status” actual.

¹⁰ PORTAS, Nuno, Modelo Territorial e intervenção no Médio Ave, artigo publicado em Sociedade e território, n°5, Novembro de 1986 (compilado em PORTAS, Nuno, Os tempos das Formas vol II: A Cidade imperfeita e a fazer, série ARQuivos 002, Universidade do Minho, 2012 pág. 270)

A existência desta horta prova-nos assim que estas “casas de sonho” não são apenas uma “collage” e transposição entre diferentes geografias, mas sim híbridos acumuladores de diferentes experiências do habitar. O status altera-se, as exigências em relação ao acto de habitar também, mas acabam por ser as ligações, hábitos e referências culturais que mais são definidoras da ligação ao local de origem.

Esta “casa de sonho” combina uma série de decisões de projecto e outras particularidades que a tornam bastante específica quanto à sua forma, seus espaços interiores e pela estratégia de adaptação da planta que Manuel utiliza ao novo local de implantação.

6 – A Autocaravana

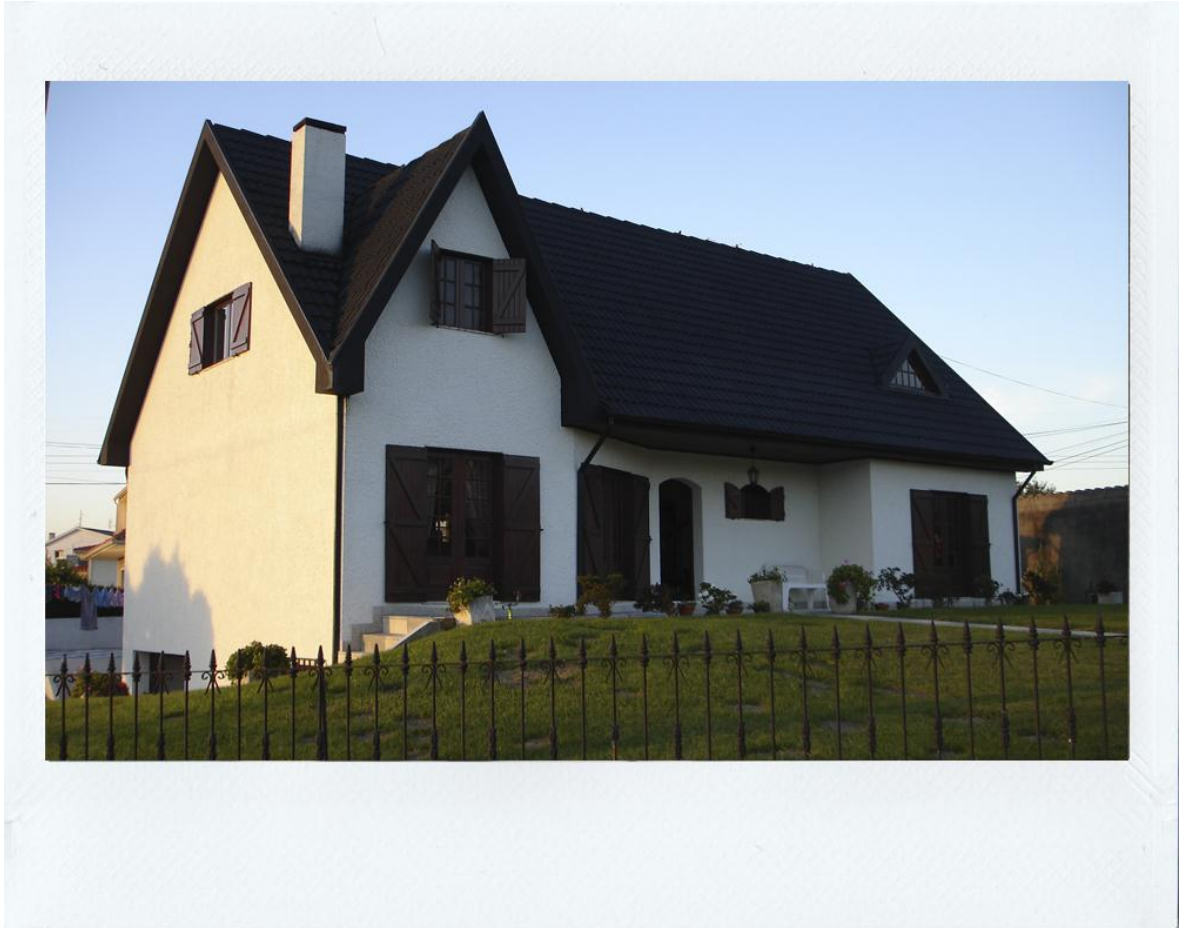
Manuel é proprietário de uma autocaravana que lhe permite fazer as viagens entre Portugal e França com alguma comodidade, apesar de estas serem cada vez menos frequentes e a sua morada de residência durante a maior parte do ano ser em Lille, em casa de um dos seus filhos. Esta fica estacionada na rampa de acesso à casa e acaba por ser a ponte física de um percurso intercultural entre habitats, um símbolo da experiência cumulativa emigrante. Entre duas geografias tão distantes como Riba de Ave e Lille, entre diferentes modelos de habitar e modos de construir, temos como elemento ligante uma “máquina de habitar”, não a enunciada por Le Corbusier, mas um elemento que compõe esta “casa de sonho”, como metáfora da viagem intercultural feita.

Entre a casa em Portugal e a casa em Lille (pertencente a um dos filhos) acaba por ser a autocaravana que vai complementando as experiências da habitação deste casal. Ela é descrita por Manuel como sendo um meio de transporte mais adaptável e recheado com os componentes necessários a uma viagem longa, ainda que recentemente a sua utilização em viagens tenha sido quase abandonada por parte dos proprietários tendo em conta as “mais recentes” viagens de avião low-cost e a idade avançada dos mesmos.

O presente desta caravana passa por ter uma função mais estática que o seu propósito inicial, esta parece ter sido absorvida como espaço integrante da moradia de Manuel e pode ser utilizada como um anexo à habitação, complementar ao espaço exterior.



FIG. 31 – A autocaravana da casa de Manuel (à esquerda)



CASO DE ESTUDO 2 “FRANCISCO” EM SERZEDELO

1 – Contextualização

A habitação de Francisco enquadra-se neste trabalho como um segundo exemplo de caso de estudo em que o proprietário opta por um projecto importado na construção da habitação edificada em Portugal.

O proprietário teve acesso a um conjunto de desenhos técnicos relativos a um modelo de habitação e decidiu conceber a sua casa com base nestes. A decisão sobre o “modelo” resulta de uma visita a uma “exposição de maquetes”, onde foi possível trazer uma brochura do modelo pretendido com as plantas e alçados à escala, elementos entregues mais tarde ao construtor português.



FIG. 32 – Portão de entrada da casa de Francisco, com a horta à direita

As “exposições de maquetes¹¹” eram eventos patrocinados por diversas empresas construtoras que expunham projectos prontos a construir num lote já adquirido pelo cliente. A exposição era feita através dos desenhos rigorosos e alguns destes exemplos teriam um modelo a três dimensões associado. No caso de Francisco, o modelo escolhido por si era o “chalet mais

¹¹ Denominação dada por Francisco, em entrevista informal

bonito”¹², o que o levou a informar-se mais sobre a casa e pedir as brochuras que lhe permitiriam construir a sua habitação em Serzedelo, Guimarães, a sua terra natal.

Nos casos em que o projecto é importado como a casa de Francisco, dá -se uma diminuição do papel do técnico que concebe o ‘projecto de arquitectura’. Os projectos que surgem numa primeira fase de construção emigrante eram uma concepção conjunta entre o tradicional (construção corrente) e alguns elementos formais que são reflectidos através da experiência migratória.



FIG. 33 –Alçados da casa de Francisco¹³

Os projectos importados, acabam por limitar a actuação dos técnicos assim como a relação entre proprietário e estes. Em alguns projectos referidos na obra “casas de sonhos” as estratégias passavam por integrar alguns elementos que são resultantes da experiência migratória no espaço de habitar, resultando num híbrido formal. A casa de Francisco é um exemplo em que existe uma substituição mais radical dos modelos de habitar. Este acaba por copiar um modelo e aplica-lo directamente, aproximando o técnico a um mero burocrata que licencia o projecto recolhido na “exposição de maquetes”¹⁴.

¹² Francisco, em entrevista informal

¹³ Desenhos feitos pelo candidato, mediante levantamento fotográfico

¹⁴ Também é possível encontrar referencia a este evento na obra “Casas de sonhos, pág 83”

A construção da casa de Francisco inicia-se em finais dos anos 80 e é concluída dois a três anos mais tarde, sendo a construção acompanhada por um cunhado residente na mesma localidade e pelo próprio aquando das visitas “sazonais” à casa. Como sucede em outros casos de estudo na escolha do lote é considerada a localidade de origem, neste caso Serzedelo.

Francisco actualmente vive em França, em Saint-Quentin, cidade localizada entre Paris e Lille na região da Picardia. Esta é uma das cidades que mais foi afectada pela segunda guerra mundial e que acaba por ser reconstruída quase na sua totalidade, factor que tem de ser considerado tendo em conta a oferta imobiliária e do sector da construção que promove as “exposições de maquetes” e em conjunto com as “revistas de modelos” analisadas no caso de estudo 1.

O que denominamos como “projecto importado” resulta na transposição cultural de modelos de habitação através de um meio acessível de propagação, como publicações ou mostras publicitárias do sector. Acaba por ser através deste meio que se consolida uma vontade assumida (aliada à vontade de afirmação social) em construir fora do panorama tradicional local.

A justificação dada por Francisco para explicar o modelo foi *“fazer uma casa diferente”*¹⁵, mais próxima às casas que via em França e que o fascinaram durante a sua estadia lá.

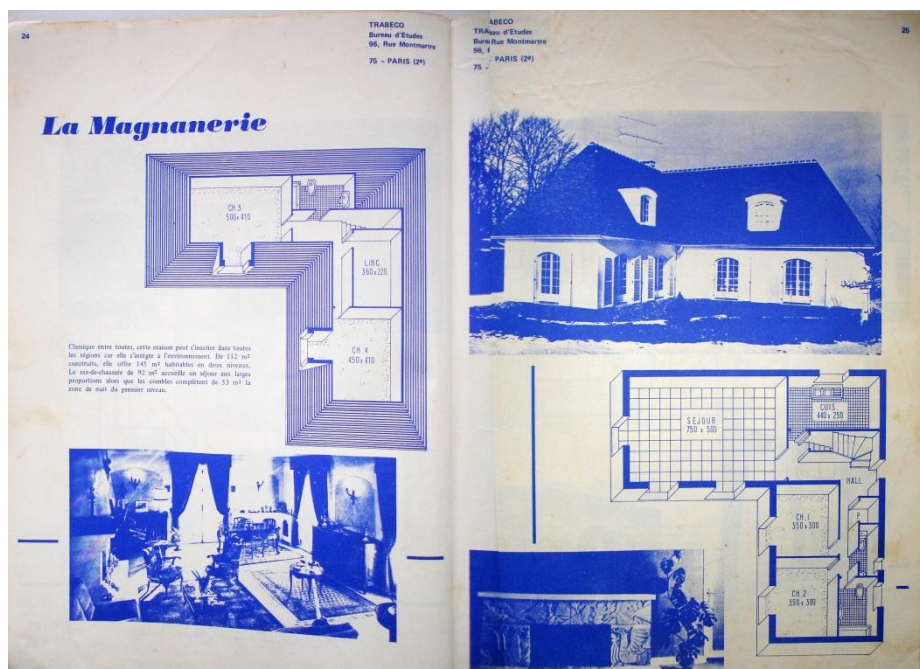


FIG. 34 – Modelos de habitação. “300 Maisons individuelles” nº50, 1971

¹⁵ Francisco, em entrevista informal. Esta expressão acaba por ser uma justificação recorrente neste trabalho de investigação.

Um aspecto peculiar da casa de Francisco acaba por ser a existência de uma segunda casa, destinada a arrendamento. Esta é uma estratégia que permite garantir um retorno financeiro por parte de uma habitação encerrada 9 meses por ano, assim como alguma manutenção geral da casa e uma segurança acrescida pela presença dos locatários.

Para Francisco, a casa alugada foi a solução encontrada após as portas da casa terem sido arrombadas, por duas vezes, e o seu recheio roubado. Estes assaltos motivaram Francisco a reabilitar um anexo de modo a que este pudesse acolher locatários e assim prevenir novos roubos.

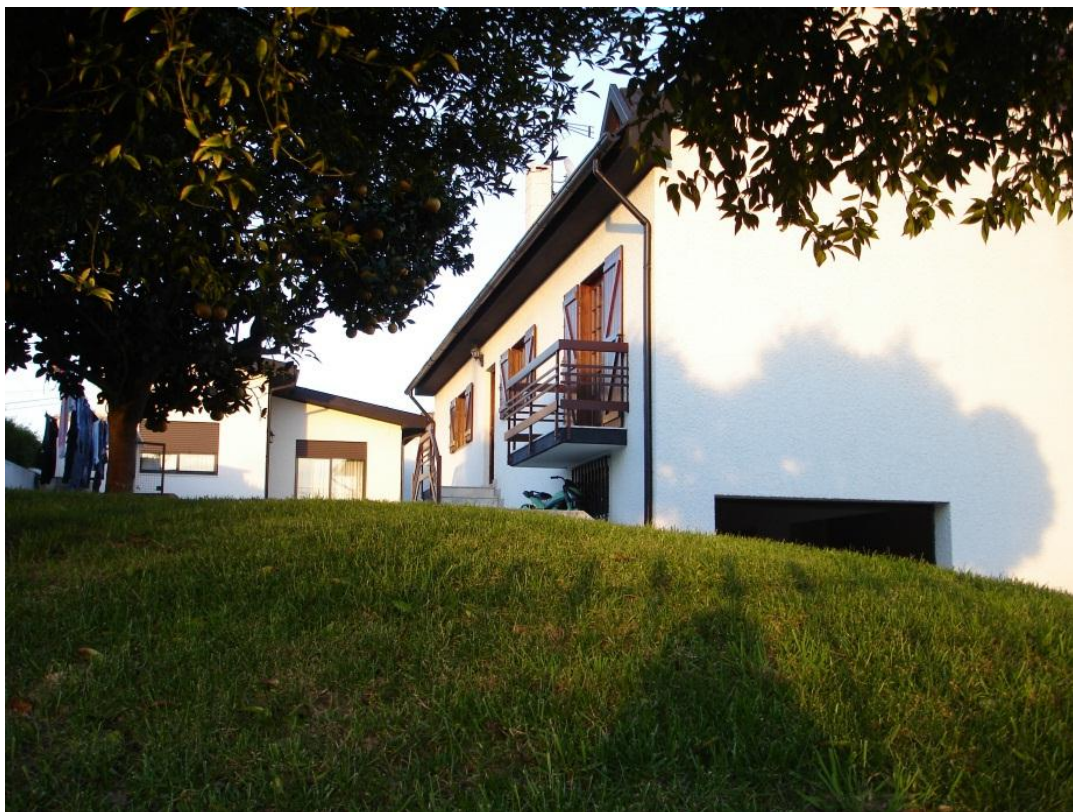


FIG. 35 – Vista sudoeste da casa de Francisco, à esquerda encontra-se a casa alugada.

2 - Lote e aproximação ao local



FIG. 36 – Vista área da envolvente do caso 2 com localização do caso de estudo

O caso de estudo 2 localiza-se numa área da localidade que resulta da transformação do território nos últimos anos. Na carta militar de 1995 é possível observar que a maior parte do edificado circundante ao caso de estudo ainda não existe; a análise da figura 30 demonstra que esta área foi recentemente subdivida numa acção de loteamento que permitiu a construção de novo edificado.

Apesar deste edificado ser implementado posteriormente aos principais aglomerados urbanos do local, a organização é diferente da que observamos no caso 1, em Riba de Ave. Neste exemplo de Serzedelo as grandes parcelas agrícolas rodeiam o novo edificado; as parcelas residenciais tanto são de moradia isolada ao centro do lote (caso de estudo em questão) como é visível noutros lotes uma implantação mais próxima da rua.

Os acessos à A7 impuseram uma marca forte neste local, dividindo o território e afastando o edificado dos seus limites próximos, permitindo manter uma faixa de terrenos agrícolas associado a esta transformação.

3 - A Casa

Tendo em conta os assaltos a que a casa de Francisco foi sujeita, este aceitou fazer a entrevista e explicar o processo de construção da sua casa, mas mostrou-se sempre relutante em mostrar o interior da sua habitação e a ceder os desenhos rigorosos para a execução deste trabalho de investigação.

Numa terceira visita à casa de Francisco este já não estaria a residir em Serzedelo; algumas informações genéricas sobre os espaços da casa foram obtidas junto dos actuais locatários que apesar de respeitarem as indicações de Francisco puderam contribuir com alguma informação adicional.

“Por dentro é uma casa normal, mas é tudo muito grande, principalmente o salão...”¹⁶ Esta afirmação, apesar de ser relativa à casa de Francisco acaba por poder ser utilizada em relação a todos os restantes casos de estudo deste trabalho, de uma forma geral.

A sala (seja comum ou dividida entre as funções de estar e jantar) é um espaço relativamente novo relativamente ao que conhecemos da arquitectura tradicional. Este agrega funções que anteriormente eram suportadas pela cozinha, com a adição de um uso mais lúdico e de um factor de conforto associado. Desta forma, acaba por ser a sala o elemento de ruptura mais significativo com a arquitectura tradicional, pois este é um reflexo directo dos novos hábitos relacionados com o habitat, não sendo este específico e originário das “casas de sonhos”.

A descrição geral dos espaços da casa é semelhante a outros casos de estudo. No piso -1 encontramos uma garagem com acesso à rua do lado sudoeste, mas também um espaço generalizado de arrumos e o acesso vertical ao piso 0, composto pelo hall de entrada, a sala comum, cozinha, lavandaria, um sanitário e um quarto. O piso superior é composto por dois quartos e um sanitário partilhado por ambos.

Ainda que não tivéssemos tido acesso às plantas para perceber melhor a distribuição dos espaços, o quarto integrado no piso 0 acaba por parecer deslocado tendo em conta que geralmente todos os quartos se situam no mesmo piso. Poderá ter havido uma alteração do modelo obtido na “exposição de maquetes” por parte do técnico local aquando da adaptação do

¹⁶ Casal de locatários, que vivem na casa anexada à moradia de Francisco, em entrevista informal.

projecto ao lote existente, ou talvez seguindo uma vontade do próprio Francisco, ao incluir mais um quarto no modelo (que originalmente não o incluía).¹⁷

4- Jardins e espaços exteriores

O jardim localiza-se na parte frontal da casa e acompanha a curva que o lote faz no seu contacto com a rua. O pátio localiza-se nas traseiras da habitação e é um espaço partilhado entre a casa principal e a secundária, actualmente alugada.

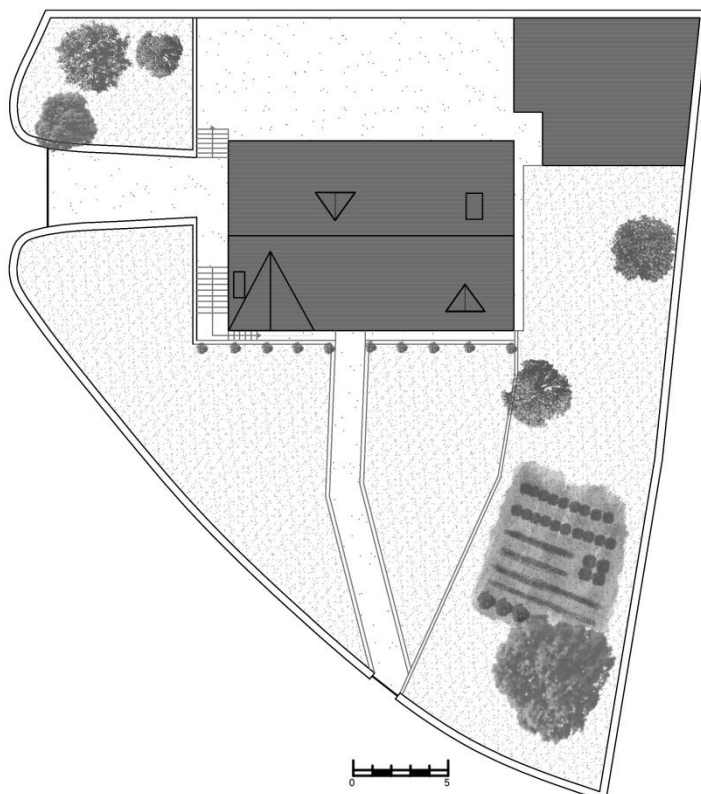


FIG. 37 - Planta de cobertura da casa de Francisco¹⁸

A horta acaba por estar ao cuidado dos locatários, assim como a manutenção geral dos jardins ao longo do ano; é um espaço de cultivo de vegetais variados, com subdivisões para cada produto cultivado, reflexo das cedências interculturais que esta casa estabelece com o território. A localização da horta no lote não é muito comum; à direita do portão de entrada; no entanto, compreende-se que a implantação da casa não permita uma opção de localização da horta menos exposta.

¹⁷ Esta análise acaba por ser especulativa pois Francisco evitou em entrevista falar do interior da sua habitação.

¹⁸ Desenhos feitos pelo candidato, mediante levantamento fotográfico

Ao contrário de outros casos de estudo não existem árvores nem arbustos no jardim frontal, tendo sido apenas incluídas algumas árvores de fruto na horta assim como perto da entrada do portão de garagem. Esta atitude reflecte a vontade de expor a casa, quer seja esta causada pela afirmação do estatuto social ou pela constante preocupação de Francisco em relação à sua segurança.

5 – Reabilitação e Projectos

Apesar da casa de Francisco se encontrar em bom estado geral (tendo em conta o aspecto exterior) uns meses após a primeira visita iniciaram-se algumas obras de reabilitação.

Os caixilhos e as portadas, ambas em madeira foram substituídos por outros semelhantes em alumínio, estes lacados de modo a assemelhem-se visualmente à madeira inicial, mas com uma tonalidade bastante mais clara que o material pré-existente.



FIG. 38 – Alteração dos caixilhos na casa de Francisco, antes e depois

A opção pelo alumínio é justificada por Francisco pela ausência de manutenção em comparação com o material original, que lhe exigia uma manutenção de cinco em cinco anos, tarefa que não lhe parece justificável tendo em conta o facto de apenas usufruir da casa alguns meses por ano.

No interior da habitação também estão a ser feitas reabilitações. Segundo o casal que aluga a casa secundária estão a ser instalados tectos de gesso cartonado tendo em conta fissuras e patologias associadas a isolamento térmico deficiente e pela ausência de ventilação provocada pela presença sazonal de Francisco na habitação.

Apesar destas pequenas intervenções, interiores, a casa de Francisco é um exemplo de uma habitação que vai sendo mantido quase inalterada devido à permanência dos proprietários no

país de emigração. Num processo de construção deste tipo de casa; muitas vezes rápido e com pouco acompanhamento por parte dos proprietários, é no regresso a Portugal que as primeiras alterações e adaptações acabam por se mostrar necessárias.

É possível encontrar relatos na obra “casas de sonhos”¹⁹ que mostram que a autonomia dada a empreiteiros e familiares que acompanhavam a obra acabam por se revelar erradas. Mais tarde, quando o proprietário regressa, este acaba por fazer alterações ao construído.

Ainda que os casos relatados acima sejam referentes a obras que teriam de ser feitas rapidamente por serem clandestinas e deste modo evitar a ordem de demolição da autarquia, (sujeitadas a uma multa mais tarde) o modelo de projecto importado acaba por controlar melhor o resultado final da obra.

Apesar desta separação física entre casa e proprietário acaba por ser a ligação ao local de nascimento e a casa construída em Portugal a mais considerada por Francisco, afirma preferir a sua casa em Serzedelo à de Saint-Quentin (de que não é proprietário). Esta casa é o resultado da sua experiência intercultural migratória, uma mostra física das suas consolidações pessoais ao longo da vida associada à afirmação social que a casa estabelece perante um território ligado às suas origens.

¹⁹ “Casas de sonhos” pág. 93



CASO DE ESTUDO 3 “AGOSTINHO” EM RORIZ

1 – Contextualização

A casa de Agostinho é um exemplo claro da substituição dos modelos tradicionais em função do que denominamos como projectos de modelo importado. Nesta moradia é clara a introdução de um modelo de arquitectura estrangeira; no entanto, ao contrário de outros casos de estudo neste trabalho, este não tem como base uma planta adquirida junto da origem; em vez disso acaba por sofrer um processo de conseqüente alteração e adaptação das formas até estas se consolidarem no que é hoje a casa de Agostinho.

Os projectos de modelo importado acabam por se revelar um híbrido entre as imagens recolhidas noutros países e as tradições culturais originais dos proprietários: a casa é estrangeirada, mas são os hábitos culturais locais que se destacam e nos mostram a ligação com o local. No caso da habitação de Agostinho esta distinção entre o construído e a ligação cultural ao local é menos óbvia, pois não existe um modelo formal copiado, mas sim uma adaptação de uma “imagem” de habitação. O modelo não foi copiado mas sim readaptado, com vários intervenientes no processo de construção.

O percurso que dá origem a esta habitação inicia-se em França, local de emigração escolhido por Agostinho, onde trabalhava numa empresa de construção civil e manutenção de estruturas sediada em França mas com volume de trabalhos considerável em países árabes e antigas colónias francesas.

Este emprego acaba por ser potenciador da experiência migratória pois Agostinho acaba por ser contratado para trabalhar em França, Iraque, Irão, Arábia Saudita, Líbano e Argélia.

As tarefas associadas ao trabalho nestes locais são variadas; Agostinho fez parte da equipa de manutenção da torre Eiffel por vários meses, mas é nos países árabes que as suas jornadas de trabalho se revelaram mais lucrativas, tendo como principal função a colocação de papéis de parede e outro tipo de acabamentos em hotéis e complexos turísticos.

Com residência em Val-de-Marne, (periferia de Paris, localizado a sudeste da cidade) Agostinho avança para a construção de uma habitação em Portugal, situada na sua localidade de origem, Roriz.

O lote que hoje alberga a casa de Agostinho é adquirido a um amigo que *“estava a passar por um mau momento”*²⁰ e que lhe fez uma proposta que veio de encontro à vontade de Agostinho em construir uma habitação em Portugal.

O lote acaba por ficar expectante alguns anos; Agostinho numa das viagens de regresso a Portugal decide viajar pelo interior da Suíça e acaba por encontrar uma casa que, na sua opinião, ficaria bem enquadrada no lote adquirido em Roriz.

Agostinho decide parar o automóvel e tirar algumas fotos à casa, assim como a outras que viu (apesar de a primeira ser a preferida). A casa que serviu como modelo para a construção seria muito parecida, com a casa actual de Agostinho, segundo a descrição do proprietário: teria planta com paredes curvas e uma torre central (com cobertura de quatro águas piramidal) com a porta de entrada demarcada e mansardas, elementos formais que cativaram Agostinho (e que incluiu na concepção da sua habitação).



FIG. 39 – A torre central da casa de Agostinho

Com um conjunto de fotografias da casa escolhida, Agostinho regressa a Portugal e faz um esboço das plantas que ambiciona para a construção da sua casa, uma do piso 0, onde

²⁰ Agostinho, em entrevista informal, a 20 de Setembro de 2014

pretendia instalar um restaurante, e outra do piso superior, dedicado aos restantes espaços de habitar pretendidos por Agostinho e pela sua família.

Um desenhador foi contactado de modo a concretizar a intenção de Agostinho em construir a habitação. Foram-lhe entregues as plantas rascunhadas pelo proprietário, com indicações das áreas necessárias a cada espaço assim como as fotografias da casa observada na Suíça. O trabalho do desenhador foi, essencialmente conciliar o modelo da casa estrangeira ao programa que o proprietário pretendia.

O resultado final acaba por ser a adaptação pragmática de uma “imagem” referente a um modelo de arquitectura estrangeira, um híbrido entre cultura portuguesa e influência exterior, típica da arquitectura popular promovida por emigrantes.

Talvez por não existirem desenhos rigorosos recolhidos na fonte e apenas algumas fotografias, a casa de Agostinho acaba por ter uma abordagem mais livre ao modelo de modo a adaptar-se às exigências programáticas. Apesar de não termos tido acesso às imagens da casa que serviu de modelo é provável que tenham havido mudanças consideráveis nos processos de construção na casa construída em Roriz.

Aparentemente, a casa foi construída com processos construtivos mais comuns (e do seu conhecimento) em vez dos que compunham a habitação suíça copiada; Agostinho afirma que gostava que a casa tivesse ficado diferente, mais parecida com a que viu.

A construção da casa arranca em 1981, pelas mãos de Agostinho, que entre jornadas de trabalhos nos países árabes aproveitava as férias para regressar a Roriz e construir a sua habitação. Apesar de grande parte dos trabalhos terem sido feitos pelo proprietário, este contratou um empreiteiro local que o ajuda a construir a sua habitação.

Depois de iniciada a construção da casa em Roriz, Agostinho sofre um acidente de trabalho e recebe uma indemnização e um subsídio do estado francês. Mais tarde, a sua esposa acaba por falecer (com apenas 27 anos) e este decide voltar a Roriz e acabar a construção da sua casa. Trouxe para Portugal como pagamento resultante dos últimos meses de trabalho, uma carrinha de caixa aberta e uma betoneira da antiga empresa onde trabalhava, meios que utilizou na construção da casa.

O caso de estudo 3 localiza-se junto a uma via construída recentemente (depois de 1996) e é um exemplo da forma como o território aglomera várias actividades no mesmo local. Ao longo da via, é difícil perceber como as partes do território se vão agregando, ora em unidades industriais ora em parcelas habitacionais, não existindo uma lógica clara nestes processos. Compreende-se que a estrutura viária antiga é substituída pela nova via e que os parcelamentos que resultam dessa intersecção não seguem uma lógica clara, mas resultam na soma de todas as partes.

O lote do caso de estudo 3 em particular é determinado pela intersecção da nova via a norte e pela confrontação com outra parcela, (industrial,) a sul, com um acesso viário curto que garante a entrada tanto para este como para outro lote próximo. Ao contrário de outros exemplos apresentados neste trabalho, onde a implantação é uniforme (semelhante em todas as habitações próximas), neste local a diversidade de implantações é um bom exemplo da singularidade urbana deste território difuso.

3 – A casa

A casa de Agostinho, é um exemplo de um processo de concepção e construção pelo proprietário resumindo várias referências e ambições, nomeadamente a ideia de incluir um restaurante no piso térreo (não concretizado) e as influências formais de um “chalet” visto pelo proprietário numa viagem à Suíça.

O técnico encarregue de conceber o projecto era da região e foi indicado pelo empreiteiro contratado por Agostinho. Infelizmente todos os desenhos *“perderam-se em França.”* nas mudanças definitivas para Portugal, em que o proprietário voltou já viúvo. Apesar de não ser possível a cedência destes desenhos (e de não ser autorizada a visita à casa) Agostinho explicou na sua generalidade a organização do programa. O piso térreo é dedicado ao restaurante: tem um grande salão (que foi sendo adaptado, servindo os propósitos domésticos da família de Agostinho), uma cozinha de grande dimensão (com um acesso nas traseiras) e um conjunto de sanitários, (que serviria o restaurante). Existe um acesso vertical que conecta ambos os pisos, mais resguardado, pois liga directamente ao espaço doméstico da casa de Agostinho.



FIG. 41 – Vista parcial traseira da casa de Agostinho

Tendo em conta esta descrição, o layout geral do restaurante parece ser semelhante ao do caso de estudo 4 referente à (“vivenda das águias”) com a diferença de (neste último) o restaurante estar integrado num piso de meia cave, iluminado apenas com alguns pontos de luz natural possíveis devido à alteração de cotas do terreno.

O piso superior reúne todos os espaços domésticos da habitação. É acessível pelas traseiras da casa através de uma escada, assim como pelo acesso vertical já mencionado na descrição do piso térreo. Alberga 3 quartos, 2 sanitários, uma cozinha e uma sala de estar (mais pequena em relação às áreas que o piso térreo).

A maior parte dos espaços interiores deste piso é caracterizada pela inclinação do tecto consequente das formas importadas da cobertura bastante inclinada da casa. O aumento da

utilização da área deste piso é conseguido através de mansardas²³ que garantem uma melhor rentabilização da área útil (através do aumento de área com pé direito habitável) assim como uma melhor iluminação natural. Estas encontram-se em ambas as águas da cobertura, a norte e a sul.

3 – Jardins e espaços exteriores

O lote que alberga a casa de Agostinho acaba por ter um dos jardins que mais vegetação apresenta neste trabalho de investigação, embora não existam os comuns canteiros relvados observados noutros casos de estudo.

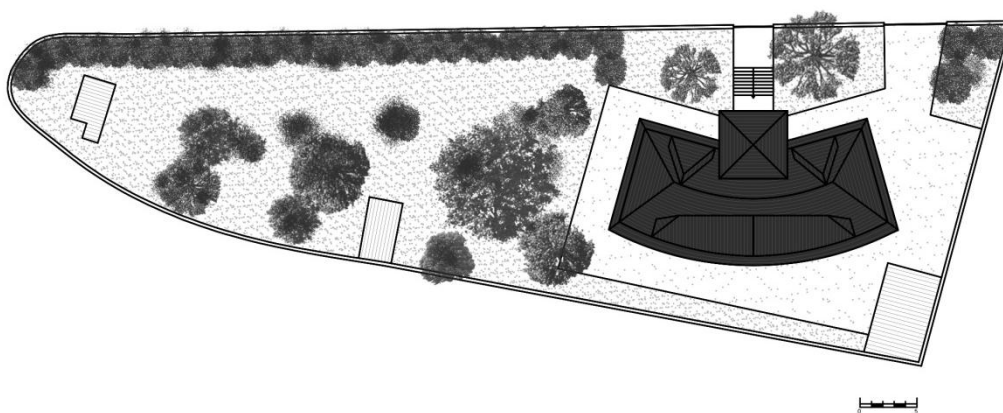


FIG. 42 –Planta de cobertura da casa de Agostinho²⁴

O lote de 1850 m² é delimitado por cedros na maior parte do seu perímetro, excepto em frente à habitação. O proprietário afirma que o conjunto de árvores ajuda a melhorar a qualidade do ar local, assim como a filtrar os sons relativos ao tráfego da estrada adjacente. Para além destas funções, os cedros servem sobretudo como vedação e garantem alguma privacidade na parte oeste do lote, onde estão implementadas uma horta (que se mantém cultivada pelo proprietário), várias árvores de fruto e dois anexos, um destinado ao armazenamento de ferramentas e utensílios e outro à criação aves de capoeira. É possível encontrar duas palmeiras no jardim frontal da casa, que acabam por ser uma afirmação de estatuto social tendo em conta que eram utilizadas para adornar e demarcar casas senhoriais com grandes explorações agrícolas no passado.

²³ O termo “mansarda” advém directamente do nome do arquitecto francês François Mansart , que popularizou a sua utilização no séc. XVII.

²⁴ Executada conforme imagens de satélite pelo candidato.

No extremo nascente do lote encontra-se uma garagem, construída posteriormente por Agostinho. Os espaços exteriores estão pavimentados em cimento e não têm recobrimento de qualquer tipo de cerâmico ou pedra. A casa acaba por não ser totalmente concretizada nas ambições iniciais de Agostinho tendo em conta as dificuldades que teve de superar durante o seu percurso de vida.

Actualmente Agostinho acaba por cuidar da horta e continua a fazer a manutenção da sua casa com trabalhos menores de construção civil; no entanto, revela que já não têm capacidade para reparar tudo o que é necessário, neste momento, em sua casa.

4 – Construção e reabilitação

Agostinho constrói a sua casa em conjunto com um empreiteiro, com uma equipa pequena de homens. A maior parte da casa foi construída pelo proprietário, com excepção da estrutura de betão, movimentação de terras e outros trabalhos que implicaram mais mão-de-obra.

No entanto, as declarações de Agostinho indicam que, de alguma forma o resultado final da construção da sua casa acaba por não o satisfazer.

A razão indicada pelo proprietário para construir a sua casa desta forma é a capacidade da cobertura para resistir melhor à chuva, fazendo-a deslizar melhor e ser drenada mais rapidamente. Ainda que a sua afirmação seja verdadeira, a inclinação pronunciada da cobertura acaba por surgir numa adaptação aos climas mais frios, onde é necessária uma inclinação considerável para escoar a neve e desta forma evitar sobrecargas na cobertura. Agostinho planeava um outro tipo de revestimento para a cobertura, bem diferente das actuais e mais comuns telas asfálticas: o seu material de eleição para o recobrimento da cobertura seria colmo²⁵, para melhor imitar os modelos de habitação que viu na sua viagem à Suíça. No entanto este revelou-se difícil de encontrar em grandes quantidades, levando Agostinho a ponderar adquiri-lo no Alentejo e transportá-lo até Roriz.

²⁵ O termo utilizado por Agostinho na entrevista foi "palha".

A disponibilidade do material, a dificuldade de execução e principalmente de manutenção deste tipo de telhados acaba por levar Agostinho a optar pela tela asfáltica. Ainda que a utilização de colmo seja pouco usual em “casas de sonhos” de projecto importado, é possível encontrar vários modelos de habitação com cobertura de colmo na publicação “300 maisons Individuelles”, (esta já referida no casos de estudo 1 e 2).

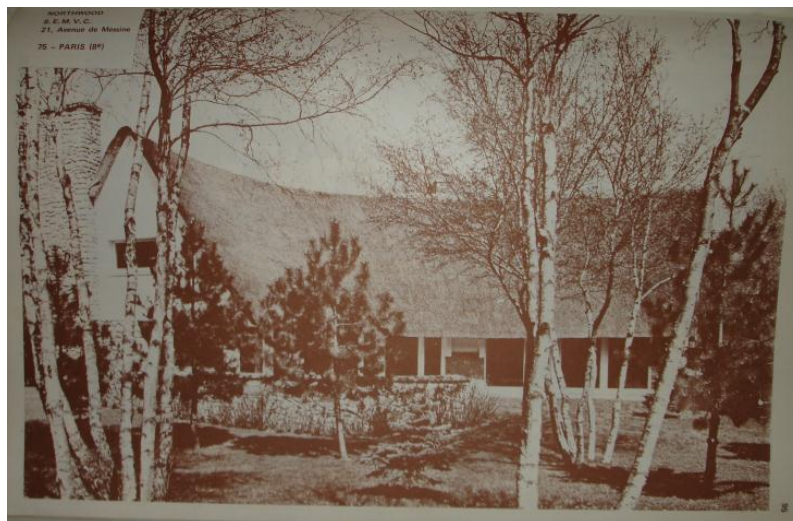


FIG. 43 – “la joncheraie”, modelo recolhido em “300 Maisons Individuelles” com cobertura em colmo e com planta com algumas semelhanças à casa de Agostinho.

A casa presente no “catálogo de modelos” com o nome de “la joncheraie” tem uma planta semelhante à actual casa de Agostinho, embora sem a torre central. Apesar de, na imagem, esta moradia indicar a existência dum segundo piso (janela na fachada lateral), não existe uma planta

deste na publicação. É possível que a casa suíça vista por Agostinho fosse semelhante a esta, tendo o modelo “sofrido” algumas alterações.

As dificuldades que foram surgindo durante o processo de construção e os eventos que marcam a vida do proprietário pouco depois do início da construção acabam por se reflectir na forma como a construção foi sendo concluída, aos poucos e com limitações financeiras. O proprietário afirma que hoje construiria uma casa mais pequena, pois actualmente todo o piso térreo da sua casa não é utilizado e a sua função actual é a de arrumos. Para além disso, a manutenção de uma casa como a de Agostinho é difícil de suportar para ele e o seu filho, únicos moradores da casa.

Apesar disto, Agostinho acredita que aos poucos vai conseguir reabilitar a sua casa, (especialmente a cobertura que já não garante a impermeabilização necessária); os seus planos passam agora por executar os trabalhos necessários por ordem de urgência, numa colaboração entre pai e filho, numa tentativa de fazer da sua habitação a “casa de sonhos” que concebeu no seu percurso intercultural.

A casa de Agostinho é um caso de estudo que se destaca pela reinterpretação livre de um modelo, o que a separa dos projectos importados comuns que acabam por recolher quase todos os elementos necessário à construção da casa nas já referidas “exposições de maquetes”. A construção desta casa em Roriz, pela quantidade de agentes envolvidos, pelo dimensionamento e concepção desta tendo em conta uma “imagem”, consegue tornar-se um híbrido entre essa “imagem”, a percepção e trabalho do desenhador, e as capacidades técnicas construtivas do seu proprietário, aliadas às suas noções estéticas.

Numa primeira abordagem à casa, esta foi descrita pelos vizinhos de Agostinho como “o Castelo”²⁶. A denominação é pejorativa: a casa de Agostinho parece ser de difícil fruição estética e torna-se alvo de crítica para a maioria das pessoas. Mas esta denominação também acaba por demonstrar todo o aglomerado de referências formais e de afirmação social que esta casa representa: como todos os outros casos de estudo, é uma tentativa de construção simbólica do regresso ao país de origem, com a interferência de referências espaciais diferenciadas e uma vontade de afirmação social derivada de um percurso migratório.

²⁶ Numa tentativa inicial de contacto com o proprietário, esta foi a designação utilizada por um vizinho de Agostinho para descrever a sua casa.



CASO DE ESTUDO 4 “VIVENDA DAS ÁGUIAS” EM GUARDIZELA

1 – Contextualização

A habitação abordada neste caso de estudo acaba por ser (como acontece noutros casos abordados neste trabalho de investigação) o resultado de uma experiência cumulativa de viagem e de transformação das concepções associadas ao habitar. Neste caso em particular é notória uma constante mudança no conjunto formal que definimos como casa, muito à semelhança da vontade dos seus proprietários. O resultado é híbrido, uma casa em constante mutação pela acção dos seus proprietários, que reflecte de uma forma muito directa as capacidades técnicas e do gosto de Jorge Salgado, o proprietário.

A história da casa funde-se com o percurso do seu proprietário como emigrante na Córsega na área da construção civil e de uma ascensão social a pulso que acaba por caracterizar muitos dos emigrantes portugueses das décadas de 60 e 70.

A oportunidade de adquirir o lote para futura construção foi proposta pelo seu pai (proprietário do lote na altura), que sugeriu vendê-lo a Jorge para resolver questões de partilha de herança.

O terreno, na altura vendido por 120 mil escudos obrigou o actual proprietário a utilizar todos os seus recursos e a fazer alguns pedidos de empréstimo a outros familiares que o ajudaram a concretizar esta compra e assim o projecto de construção de uma casa própria.

A “vivenda das águias” (nome pelo qual Jorge Salgado apelida a casa) apenas surgiria mais tarde, quando as possibilidades de construção de uma casa própria se tornassem concretizáveis para o seu proprietário; numa fase inicial este constrói uma pequena casa pelas suas mãos que serve a sua estadia em Portugal nos primeiros anos de emigração.

A casa anterior, teria três compartimentos, sendo um deles a cozinha, e os restantes quarto e sala, com espaços comunicantes entre si sem corredor de distribuição. Actualmente esta construção é um dos anexos da habitação; é a oficina de Jorge, repleta de máquinas de construção civil e ferramentas variadas, orgulho do proprietário, um *bricoleur* e artista por excelência. Ainda assim este “anexo” é referido muitas vezes no discurso de Manuel, pois acaba por ser a prova física derradeira do seu percurso como emigrante e do ultrapassar de obstáculos e de condições do habitar muito diferentes das que hoje usufrui. Hoje o “anexo” já não é casa, mas faz parte da “casa de sonhos” que Manuel construiu.



FIG. 44 – O estado actual do anexo de Jorge

Depois da compra do lote e da construção do “anexo”, Jorge e sua esposa passam anos a canalizar recursos para a construção da casa. As decisões principais sobre o projecto da casa a construir foram influenciadas quando o casal viu uma casa de que gostaram na Trofa. “Era uma casa parecida a esta e tentamos saber quem era o arquitecto.”²⁷

Não sabemos ao certo qual o aspecto da casa apreciada por Jorge e pela sua esposa na altura mas após ver os desenhos originais cedidos por Jorge foi constatado estes foram feitos pelo Gabinete Técnico da Trofa, responsáveis por um conjunto de obras de habitação unifamiliar caracterizadas por um formalismo *naïf* na década de oitenta, entre elas a “Casa do Esquadro”, catalogada na obra “A Rua da Estrada” desta forma:

Esta é uma “Casa da Trofa”, mais precisamente a que é conhecida como a “Casa do Esquadro”. Nos idos dos anos oitenta associava-se a multiplicação de casas como esta à ascensão social de uma classe de pequenos e médios empresários (muitos deles com origem

²⁷ Jorge Salgado, retirado da entrevista ao próprio.

operária industrial) que se produziu num período de forte expansão da indústria têxtil e do vestuário. O Gabinete Técnico da Trofa produziu os principais modelos de referência destas casas.

Mais do que responder a critérios de funcionalidade e conforto – coisa que não é difícil –, o fascínio por esta arquitectura advém exactamente da estratégia que é seguida para produzir um referencial simbólico. Como sempre, a forma segue a função, e aqui a função principal era a de dar notoriedade de um novo estatuto social.

São “casas de sonhos” como as que se explicam no livro “Casas de Sonhos, emigrantes construtores no Norte de Portugal. Nada como construí-las junto à estrada para melhor serem notadas.”²⁸



FIG. 45 – A “casa do esquadro”, presente em “A Rua da Estrada”

Das considerações sobre a “Casa do esquadro” é relevante destacar essencialmente esta busca por um “*referencial simbólico*” aplicadas a este tipo de arquitectura. No caso da casa de Jorge não existe a importação de um modelo de arquitectura estrangeiro como em outros casos, mas sim uma tentativa de “construir diferente”.

²⁸ Álvaro Domingues, “A Rua da Estrada”, Equações da Arquitectura, Dafne Editora, 2009

O resultado é um modelo com elementos formais que não respondem a novas necessidades do habitar e cuja função é questionável, mas que são um produto derivado de experimentação “técnica” e construtiva e do gosto popular associado.

Apesar desta associação entre a “Casa do esquadro” e a “Vivenda das Águias”, a casa de Jorge acaba por ser caracterizada por uma personalização e adaptação constante por actos do seu proprietário que já não respondem ao projectado pelo Gabinete Técnico da Trofa. Esta encontra-se no estado de perpétua mudança às mãos de Jorge que acrescenta, retira, altera e cria elementos que compõem a sua casa; esta é uma casa oficina, um atelier criativo que junta desde o mosaico (criado com fragmentos ladrilhados de cerâmico comum) a estruturas metálicas porticadas e fontes decoradas com estatuetas de betão e argila.

Actualmente a casa de Jorge é um delírio colorido de materiais, é um playground de “Arts & Crafts” espalhado pelos seus jardins, fachadas e áreas exteriores em geral, mas esta sua expressividade construtiva é posterior à construção inicial.



FIG. 46 – A “gaiola colorida”, uma das obras de Jorge Salgado

A construção da casa ficou a cargo de um empreiteiro local, mas dada a complexidade do projecto feito pelo Gabinete Técnico da Trofa, Jorge contratou um acompanhamento constante por parte da equipa de projecto, tendo em conta a sua ausência do local. Sendo o proprietário trabalhador da construção civil na Córsega, os acabamentos interiores da casa foram feitos por si com excepção das carpintarias e trabalhos de estuque.

O projecto contemplava um piso inferior dedicado a um restaurante, estabelecimento criado após o regresso definitivo do casal a Portugal. Manteve-se aberto por muitos anos e de acordo com Jorge foi bastante lucrativo, no entanto a idade avançada dos proprietários foi preponderante na decisão de o encerrar.

A “Vivenda das Águias” é um espaço que se foi transformando mediante a intervenção de Jorge, este tem sempre algo a fazer, a alterar, a concluir. No espaço de tempo entre visitas a esta moradia, houve alterações visíveis nos espaços exteriores da casa. Jorge tem como método fazer um desenho simples do que quer fazer e ir executando a partir daí. Trabalha com os materiais que dispõe no local e reutiliza todo o tipo de materiais, aceitando mesmo desperdícios e materiais sobrantes de obras e doações de lojas que comercializam estes produtos.

2 - Lote e aproximação ao local



FIG. 47 – Vista área da envolvente do caso 4 com localização de caso de estudo

Uma aproximação ao local do caso de estudo 4 indica-nos que esta porção do território de Guardizela possui implantações bastante diferenciadas. Como referido também na análise de outras localidades aqui as parcelas acabam por ter uma morfologia diversa e com funções aparentemente diferentes.

Não existe uma estrutura urbana rígida mas sim um loteamento multifuncional que se desenvolve consoante os interesses de acção de construção dos proprietários ao longo do tempo. A estrada nacional parece ser um elemento que estrutura estes conjuntos urbanos, ladeada tanto por habitações como por parcelas maiores, de indústria e serviços. As áreas agrícolas têm predominância em locais mais distantes da estrada nacional.

3 - A Casa

A “vivenda das águias” é uma moradia que se destaca pelas suas formas e materiais utilizados. Podemos dizer que é uma casa concebida para se destacar, mas nesta afirmação teremos de diferenciar por um lado o que faz parte do “projecto” de arquitectura, e por outro a actuação de Jorge ao longo tempo com as alterações que aos poucos foi fazendo nas fachadas e nos espaços exteriores.

Acerca da implantação no lote de 2000 m² da “vivenda das águias” podemos verificar que esta se encontra localizada mais próxima da via mas a uma distância mínima de 5 m desta sendo este espaço frontal um jardim com vários percursos ortogonais pavimentados e canteiros bastante cuidados.

A moradia de Jorge alberga três pisos, sendo que o piso -1 é dedicado ao que outrora foi um restaurante explorado por Jorge e a sua esposa. O modelo de restaurante instalado no piso inferior da casa também foi detectado no caso de estudo 3, parecendo ser usual no panorama da construção emigrante. Quer seja para exploração própria (aquando do retorno a Portugal) ou para alugar, obtendo assim lucros associados à renda mensal que poderiam ser uma fonte de rendimento útil para ajudar ao pagamento da casa.



FIG. 48 – Planta de cobertura do lote da “vivenda das águias”²⁹

²⁹ Desenho feito pelo autor, mediante planta do lote em conjunto com imagens de Satélite

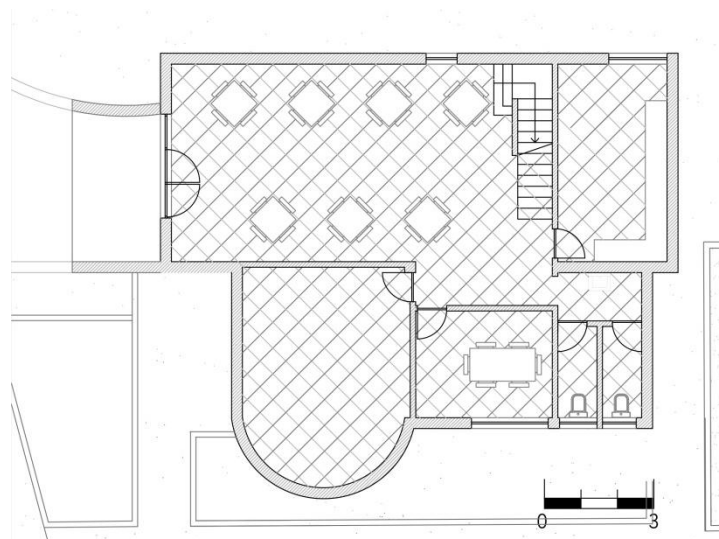


FIG. 49 – Planta do piso -1 (O restaurante)³⁰

O antigo restaurante de Jorge foi licenciado depois da construção da casa, no entanto o casal já ponderava a possibilidade de integrar um restaurante na sua habitação. Na fase de construção este espaço estava destinado a ser uma arrecadação, sendo o pedido de licenciamento do restaurante posterior. A sua área corresponde à da implantação da casa, é um espaço amplo destinado a mesas de jantar, uma cozinha associada também ampla e sanitários.

Uma escada cumpre o acesso vertical à habitação própria de Jorge no piso 0 apesar de uma porta fazer a divisão dos espaços. Este foi em tempos um “negócio de família” levado a cabo Jorge e a sua esposa por vários anos; actualmente este piso serve como arrecadação.

O piso -1 recebe iluminação natural através de janelas pequenas que vão sendo distribuídas ao longo das fachadas da casa, o que resulta na elevação consequente da cota do piso 0. Este, encontra-se a 1,5m da cota da via resultando num destaque maior desta a nível da escala desta moradia assim como na inclusão de dois conjuntos de escadas que cumprem o acesso à casa.

³⁰ Desenho feito com base nos desenhos técnicos cedidos pelo proprietário

O piso 0 é assim acessível através da entrada principal, na fachada frontal da moradia, esta comunicante com a distribuição geral de todo o piso. A segunda entrada, (mais utilizada pelos proprietários) localiza-se nas traseiras, é acessível através de uma escada e acede directamente à cozinha. Neste piso encontram-se os principais espaços de estar da casa, para além da cozinha, sala de estar e sala de jantar (interligadas através de escadas) encontramos um escritório assim como um quarto de costura e um sanitário.

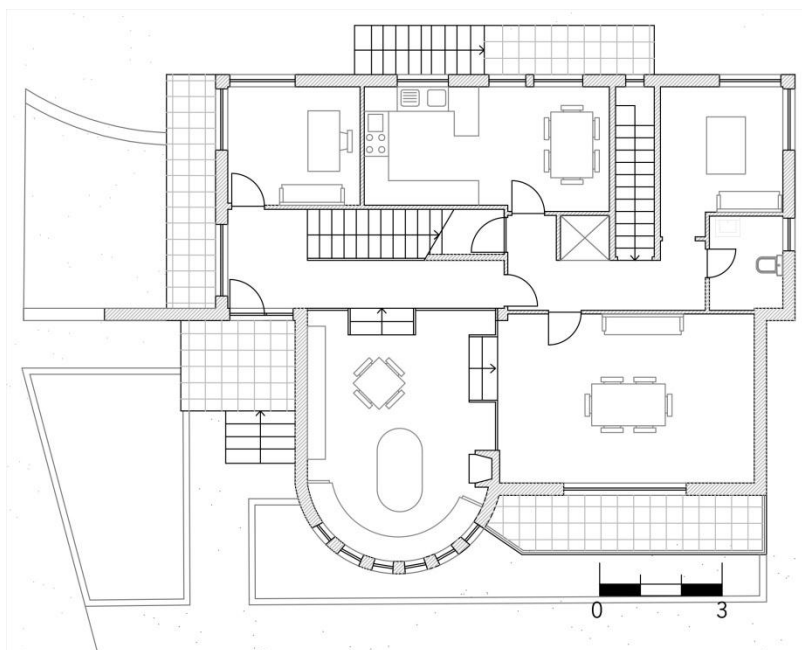


FIG. 50 – Planta do piso 0 ³¹

A sala da “vivenda das águias” é um dos espaços mais característicos do conjunto. Está dividida em “zona de estar” e “zona de jantar”, com uma diferença de cota de 1m resolvida por escadas. É a “zona de estar” que tem como um dos seus limites exteriores a parede curva fenestrada que tanto caracteriza o alçado frontal da casa.

Ainda que com semelhanças relativamente à janela panorâmica do caso de estudo 1 as janelas da casa de Jorge Salgado não foram criadas para estabelecer permeabilidade visual entre interior e exterior, mas para entrada de luz, tendo em conta que o vidro utilizado nesta solução é “martelado”³². O resultado final é uma iluminação mais difusa e homogénea que confere com o

³¹ Desenho refeito com base nos desenhos técnicos cedidos pelo proprietário

³² Vidro “martelado” é um termo popular que define um vidro de superfícies texturadas, mas transparente.

carácter acolhedor da sala, mas cuja função é discutível e se traduz numa menor racionalização interior deste espaço.

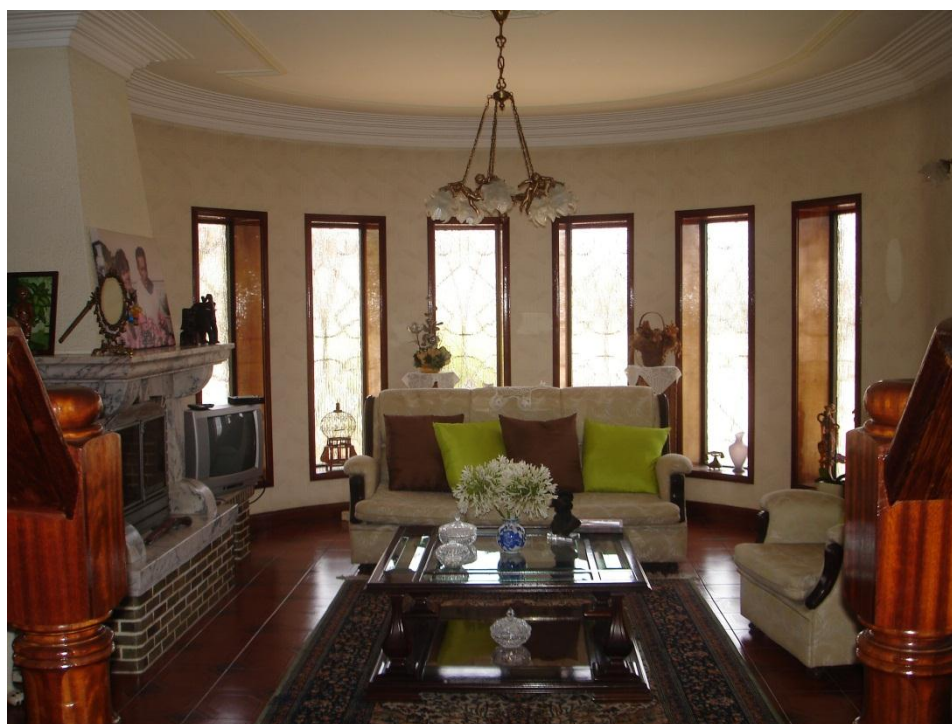


FIG. 51 – A Sala de estar

Os materiais utilizados nas salas, entrada e escadas são bem executados e de algum refinamento. A madeira é o material predominante nas escadas, corrimões e varões, estes com frisos, rebordos e partes esculpidas. Os tectos da sala também demonstram um trabalho meticuloso e cuidado do estucador. Frisos variados de execução manual decoram os tectos das salas. Rosáceas em gesso decoram os tectos com candeeiros dourados surgindo do seu centro. As salas de Jorge parecem ambicionar um estado de riqueza associado aos dos interiores semelhantes ao de uma casa “burguesa”; a ornamentação tem o papel de assegurar um status social adquirido após emigração.

Esta procura por valores estéticos decorativistas demonstra uma substituição cultural. O habitat tradicional não corresponde às necessidades actuais pois está associado a um status social que fez Jorge e muitos outros emigrar. Este tipo de decoração, é um valor estético “seguro e testado” e faz referência a muito do percurso e do status que acabaram por adquirir. O fascínio por este tipo de decoração “antiga” é um dos principais valores estéticos populares adoptados na acção de construir ainda que neste caso a diferença entre ornamentação interior e exterior

seja relevante; a ornamentação exterior acaba por evidenciar de forma mais clara o estatuto social adquirido.

O piso 1 alberga os três quartos assim como os sanitários associados. Um dos quartos inclui um sanitário privativo e os restantes partilham o outro, localizado entre estes. Uma varanda foi incluída no quarto principal, “camuflada” pela cobertura que se vai desdobrando em diversas águas num resultado que é uma das imagens de marca da “vivenda das águias”.

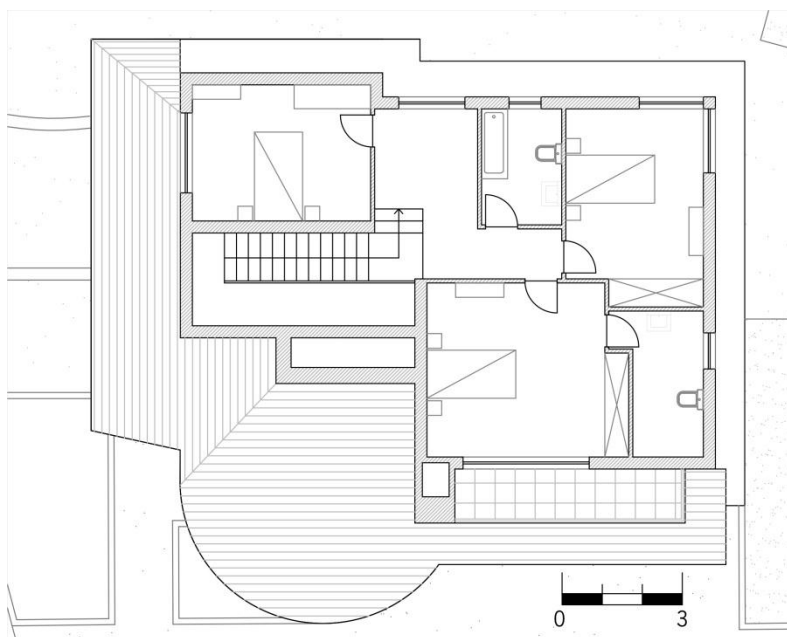


FIG. 52 – Planta do piso 1³³

A cobertura da casa de Jorge acaba por ser o elemento que mais se destaca no conjunto projectado pelo Gabinete Técnico da Trofa, à semelhança da “Casa do Esquadro”. As várias águas existentes respeitam vários ângulos de inclinação diferentes e resultam num conjunto volumétrico complexo. Os recortes, as dobragens, os espaços entre intercepções de águas diferentes...este telhado ganha as suas características através de uma expressividade de volumes e materiais que nem sempre é justificada em projecto.

Nota-se a procura de um modelo, uma linguagem de volumes derivada do simbólico que associamos ao conceito de “telhado”

³³ Desenho refeito com base nos desenhos técnicos cedidos pelo proprietário

O resultado atingido pelo Gabinete Técnico da Trofa é uma experimentação formalista, um “refazer” do modelo de telhado que na prática não adquire novas funções ou tem características técnicas melhoradas em relação a outros tipos de cobertura mais recorrentes. É um capricho de desenho e um desvio formal que surge com o rompimento com as “well-fitting forms”³⁴ e patrocinado pelo surgimento da ideia da casa como um símbolo de ascensão social.



FIG. 53 – O Telhado da “vivenda das Águias”, com as estatuetas (à direita) que lhe dão o nome

3 – Jardins e espaços exteriores

O lote da “vivenda das águias” tem a casa como principal objecto de interesse; no entanto acaba por ser todo o conjunto de formas criadas neste o que o torna tão particular e merecedor de atenção. É a actuação de Jorge ao longo do tempo que cria um conjunto de espaços exteriores e volumes diferenciados, independentes da actuação dos técnicos do “projecto” de arquitectura.

O espaço de transição entre a rua e a casa é composto por canteiros e percursos cuidadosamente desenhados numa malha ortogonal, com muretes e floreiras. A primeira impressão que temos quando percorremos este espaço (assim como outros na “vivenda das águias”) é a preponderância do azulejo. Esta acaba por ser a obsessão criativa de Jorge, e é na sua métrica e cores que encontra as bases para quase todas as suas acções na sua “casa de sonhos”.

³⁴ Christopher Alexander, “Notes on the synthesis of form”, Harvard University Press, 1964



FIG. 54 - O Jardim frontal da “vivenda das águias”

Na obra de Jorge todos os elementos são cuidadosamente decorados e as cores combinadas; objectos variados em barro e conchas fazem parte destas criações; anões de jardim decorados lutam pelo protagonismo com querubins e variadas outras estatuetas de cariz religioso. Todos estes materiais fazem parte de um conjunto estético muito próprio da obra de Jorge, uma combinação rica de volumes, cores e materiais diferentes.

A Fonte

Na parte frontal da casa podemos também encontrar uma fonte com um tanque construído por Jorge. A fonte é delimitada por muretes baixos adornados com estátuas e com um desenho radial, semelhante a uma flor visto em planta. Ao centro encontra-se uma base que suporta uma estátua em betão, ladeada por seis colunas rectangulares que suportam uma cobertura circular que no seu topo tem uma forma escultural em degraus, revestida com elementos cerâmicos e outros tipos de materiais e objectos.



FIG. 55 - A Fonte

Esta estrutura é um objecto tão denso no pormenor e no trabalho manual que se torna difícil de catalogar. Percebemos o fascínio de Jorge por uma estrutura de planta central com uma hierarquia definida, assim como a ligação com o “clássico” através da estatueta e das colunas. A cobertura é algo diferente, um híbrido de formas acumuladas que nos remetem para modelos da arquitectura islâmica e oriental.

Apesar de catalogarmos a fonte como um híbrido formal, uma *collage* assumida de estilos é na perícia e no artesanato meticuloso que Jorge transpõe para as suas obras que encontramos uma lógica inerente a toda a sua obra. É uma amálgama de cores e formas, a partir de cimento e sobras de azulejo; que nasce a partir de um rascunho simples e do trabalho de um homem apaixonado pela execução lenta e cuidada destas obras.

Os Arcos

Entre os desenhos técnicos efectuados pelo Gabinete Técnico da Trofa e o actual estado da casa de Jorge as diferenças são variadas. A incorporação de azulejo em várias partes da fachada é notória, assim como a adição de novos elementos em arco nas varandas do piso 0, no entanto

há uma excepção que contraria esta atitude de adição nas alterações feitas por Jorge na sua moradia. Entre o acesso ao restaurante e a sala de estar existe um “nicho” que resulta da alteração da topografia inicialmente projectada. Apesar desta alteração se localizar próxima do acesso ao antigo restaurante, não parece ter havido por parte de Jorge uma tentativa de assinalar ou publicitar o seu antigo negócio.

A alteração do terreno fez-se por subtracção, deixando as fachadas mais expostas. Onde existia um espaço ajardinado com alguma inclinação que complementava o acesso pavimentado à casa passou a haver uma fachada mais exposta e um vão de escada mais denunciado.



FIG. 56 - “Arcos e as capelas”

Esta “escavação” permitiu ao proprietário mais área de intervenção com o propósito de receber outra intervenção. O resultado final é um espaço revestido a azulejo e com muretes e floreiras a delimitar diferentes espaços; de novo vemos a mesma atitude, vários tipos de azulejo que resultam em várias combinações, mas semelhantes a nível cromático e do padrão individual.

Acondicionada no muro (que antes fazia o suporte de terras) de recorte curvo encontra-se uma reentrância na profundidade deste, uma capela, com estatuetas religiosas alusivas a nossa Sra.de Fátima. No vão da escada Jorge criou um nicho todo revestido a azulejo, com uma fonte adornada por outra estatueta religiosa.

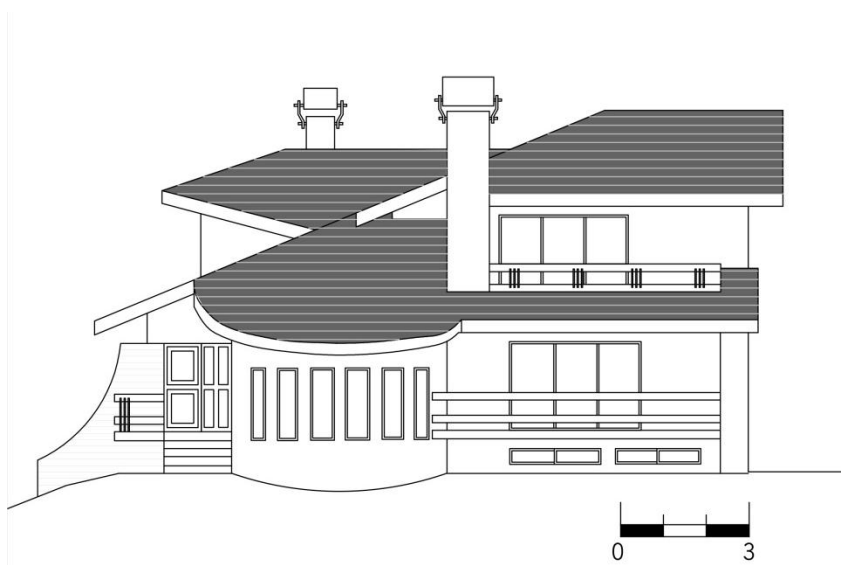


FIG. 57 - Alçado frontal³⁵

Ainda que a sobriedade não seja característica deste conjunto, é a combinação entre diferentes materiais e a forma como são aplicados que denota sensibilidade estética por parte do seu autor. Para além da execução prática (para o qual contribuiu o seu trabalho na construção civil) a criatividade imposta é muito própria ainda que de difícil fruição estética tanto para um público mais erudito como para outros mais populares ³⁶. Os materiais são standard, relativamente comuns e alguns com pouco valor estético, mas os resultados são cuidados, de execução lenta e de formas variadas que não associamos a um simples revestimento cerâmico de azulejo.

Outra alteração proeminente na fachada da “vivenda das águias” acaba por ser a incorporação de “arcos” por baixo das varandas, que provavelmente surgiu depois da “escavação” e intervenção do nicho anteriormente falada.

³⁵ Desenho feito com base nos desenhos técnicos cedidos pelo proprietário

³⁶ Em entrevista Jorge admite sobre as suas intervenções “Sei que muitas pessoas não gostam da forma da minha casa.” Parece haver um público local que tende a simpatizar com as intervenções de Jorge, e outros que não lhe encontram qualquer valor estético tornando-as alvo de críticas.

O que inicialmente seria uma simples laje em consola com a função de varanda sofreu a adição de novos elementos formais no seu vão: arcos com arranque abobadado, revestidos a azulejo e mármore, com um desenho cuidado e uma métrica própria, valores comuns no trabalho de Jorge. Ainda que na prática não podemos classificar estas formas como arcos (não existem colunas ou outros pontos de apoio), o resultado final assemelha-se aos arcos polilobados que podemos encontrar em edificações da arquitectura mudéjar.³⁷



FIG. 58 - Os “arcos” incorporados nas varandas

A incorporação de arcos não se limitou às varandas e ao nicho que inclui a fonte no vão das escadas, mas segue uma lógica de faixa horizontal que adorna a casa em toda a fachada frontal. A fachada curva da sala de estar está também adornada seguindo uma lógica de arcaria revestida a azulejo e mármore, que divide o perímetro da parede circular em dez arcos mais pequenos e um maior, ao centro, todos eles decorados com vasos e pequenos objectos em barro coloridos. Assemelham-se a arcos, e em cada um destes está incluído um vaso semi-

³⁷ HOAG, John D, Islamic Architecture, faber and faber, 1987

circular em barro, cuja função se assemelha à de uma floreira, ainda que sem uso aparente neste momento.

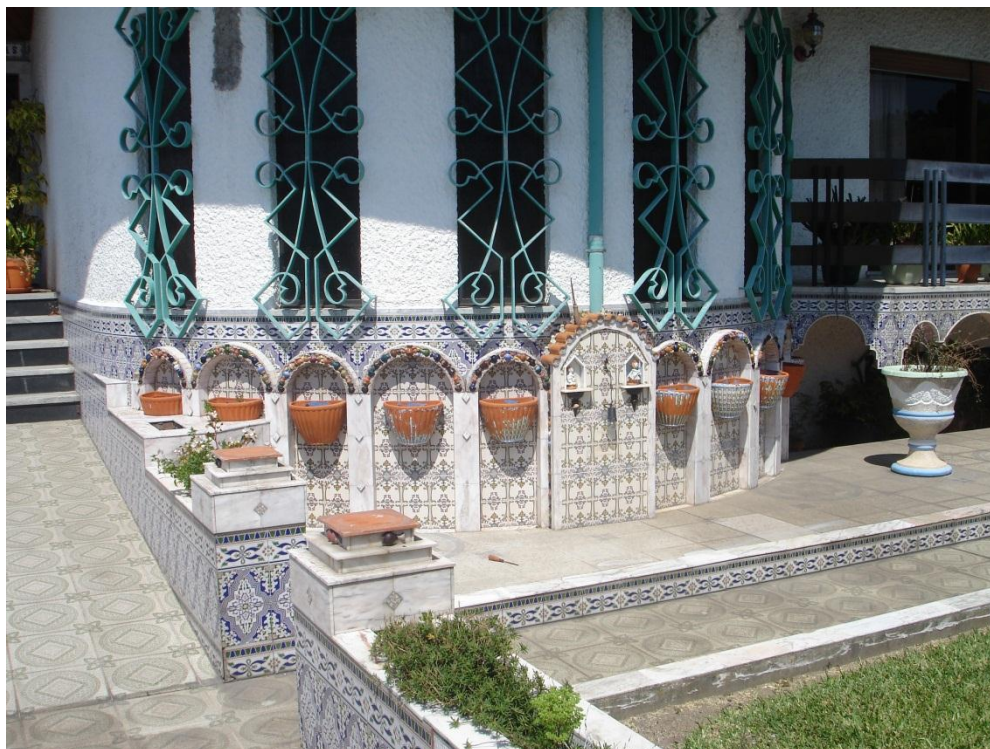


FIG. 59 - Os arcos adornados com elementos decorativos

Esta é mais uma construção simbólica de Jorge, as suas intervenções nas fachadas da casa acabam por resultar como adorno das formas originais da casa, não existindo de forma aparente uma função prática para além desta. Na busca pelos seus ideais estéticos Jorge utiliza elementos formais simbólicos que tentam recriar e compor mediante as referências que a sua mente conhece e as técnicas aprimoradas ao longo dos anos como pedreiro. A sua casa é apesar de tudo um atelier prático, e entre o azulejo que recobre grande parte das paredes, as estatuetas de betão e as fontes denotam-se acima de tudo as capacidades de execução e da dedicação à casa por parte do seu proprietário.

As formas projectadas pelo Gabinete técnico da Trofa foram perdendo protagonismo para as intervenções de Jorge, pouco a pouco. Se o projecto inicial aponta para uma tentativa de afirmação de um novo estatuto social as intervenções que se fizeram seguir pelas mãos de Jorge mostram a sua criação e gosto pelo trabalho de carácter artesanal que faz. A função das intervenções pode ainda ser discutível assim como a sua estética, mas não estaremos a falar

apenas de afirmação, mas de uma “personalização” da casa tendo em conta o reflexo das capacidades do seu proprietário, o seu atelier e portfolio reunido em forma de habitat.

4 – Um Paralelismo entre “bricoleurs”

As obras de Jorge Salgado são caracterizadas por intervenções sobre vários espaços espalhados pelo lote de sua casa. Desde o “objecto criado” ao adorno e readaptação do pré-existente, todas as intervenções tem uma linguagem partilhada muito própria. Jorge é um “bricoleur”, um homem que constrói com os recursos que encontra ou lhe estão disponíveis.



FIG. 60 - O catavento castelado localizado na cobertura de um dos anexos da casa de Jorge

“The “bricoleur is adept at performing a large number of diverse tasks; but, unlike the engineer, he does not subordinate each of them to the availability of raw materials and tools conceived and procured for the purpose of the project. His universe of instruments is closed and the rules of his game are always to make do with “whatever is at hand”, that is to say with a set of tools and materials which is always finite and is also heterogeneous because what it contains bears no

*relation to the current project, but is the contingent result of all the occasions there have been to renew or enrich the stock or to maintain it with remains of previous constructions or deconstructions.*³⁸

A descrição de Lévi-Strauss aproxima a actividade do “bricoleur” a um processo criativo artístico, devido à natureza dos materiais com que trabalha e a sua disponibilidade; o processo nunca é uma “assemblage” lógica e dedutiva, mas sim um processo cumulativo de adaptação ao meio e do uso dos materiais que o rodeiam; desta forma ele inclui um pouco da sua personalidade na obra feita, como se um processo de criação de arte se tratasse.

As formas do trabalho de Jorge, os seus materiais, a reutilização destes e sua expressividade fazem em parte lembrar um “monumento” muito específico da cidade de Los Angeles, as torres Watts. Estas são enunciadas no documentário *“Reyner Banham Loves Los Angeles”*³⁹ através do sistema de som do automóvel conduzido por Banham; nas seguintes palavras:

“At the end of that street you’ll surely see why we’ve brought you this way. These are the famous Watts Towers, a do it yourself monument to the man’s craving for beauty. Executed for a period of 33 years by Sabato Rodia, an untutored genius from Rome, Italy.”

A obra de Sabato acaba por se assemelhar à de Jorge na sua história; este trabalhava no seu projecto nas horas livres e vivia naquele mesmo lote onde começou a construir as suas obras, por um prazo de mais de 30 anos. Os objectos criados são diferentes, as torres aneladas de betão de Sabato pouco se aproximam formalmente das intervenções que Jorge foi fazendo ao longo dos anos na “vivenda das águias”, mas é na busca permanente pela forma e no aproveitamento de todo o tipo de materiais para decorar ou executar as obras que as principais semelhanças surgem.

Entre betão, mosaicos partidos, desenhos, fragmentos de vidro e loiça a obra de Sabato surge como uma colagem experimental de formas, impressões, cores e materiais; mas todas as “peças” neste conjunto nos parecem adequadas e bem executadas. Sabato afirmou que “queria fazer uma torre que as pessoas gostassem, e que todos quisessem ver”.

³⁸ Claude Lévi-Strauss, “The Savage Mind”, The University Of Chicago Press, 1966, pág. 17

³⁹ “Reyner Banham Loves Los Angeles”, documentário BBC, 1972

As expectativas de Jorge quanto às suas obras são diferentes, apesar de o restaurante que manteve durante anos poder ter sido uma hipótese de mostrar a sua obra ao público, actualmente Jorge fá-lo porque este é o seu trabalho, e foi criando ao longo dos anos o seu “parque de diversões privado”; um lugar onde a forma ultrapassa cânones estéticos e artísticos para se revelar um delírio saudável de Arte popular e experimentalismo técnico.



FIG. 61 - Torres Watts , de Sabato Rodia. Vista geral e pormenor

Entre a arte de Jorge podemos ver que apesar dos objectos serem únicos no seu estilo, as referencias a outros tipos de arte e arquitectura é intrínseca ainda que seja provável que esta seja inconsciente na maior parte dos casos. Num processo de criação da forma, seja ele erudito ou popular é a capacidade de referenciação e da escolha dos *templates* necessários que funcionam como uma entidade predecessora da forma em si. Uma referência não é um simples modelo copiado, mas sim uma das ferramentas que o autor considera na concepção do objecto de Arte.

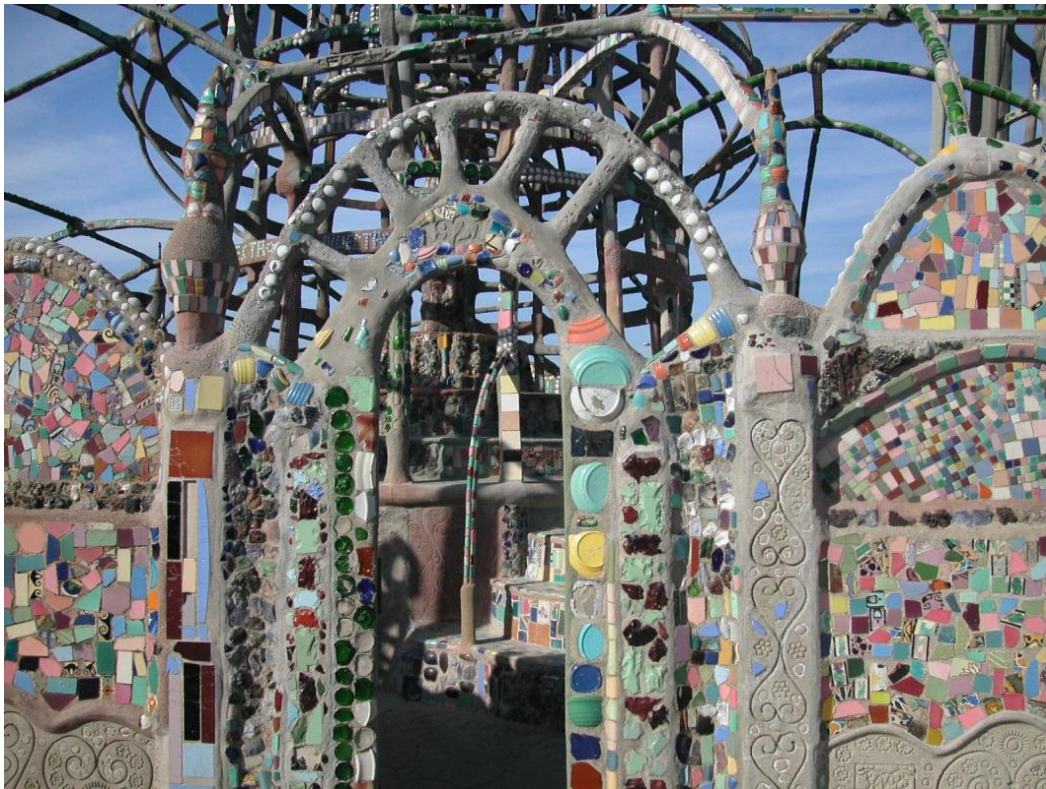


FIG. 62 – Torres Watts. Pormenor



FIG. 63 – Fonte elaborada por Jorge Salgado

É difícil perceber portanto o processo de criação das obras de Jorge. Percebem-se a busca pelo simbólico, pelas referências clássicas ainda que estas possam resultar em formas apenas semelhantes.

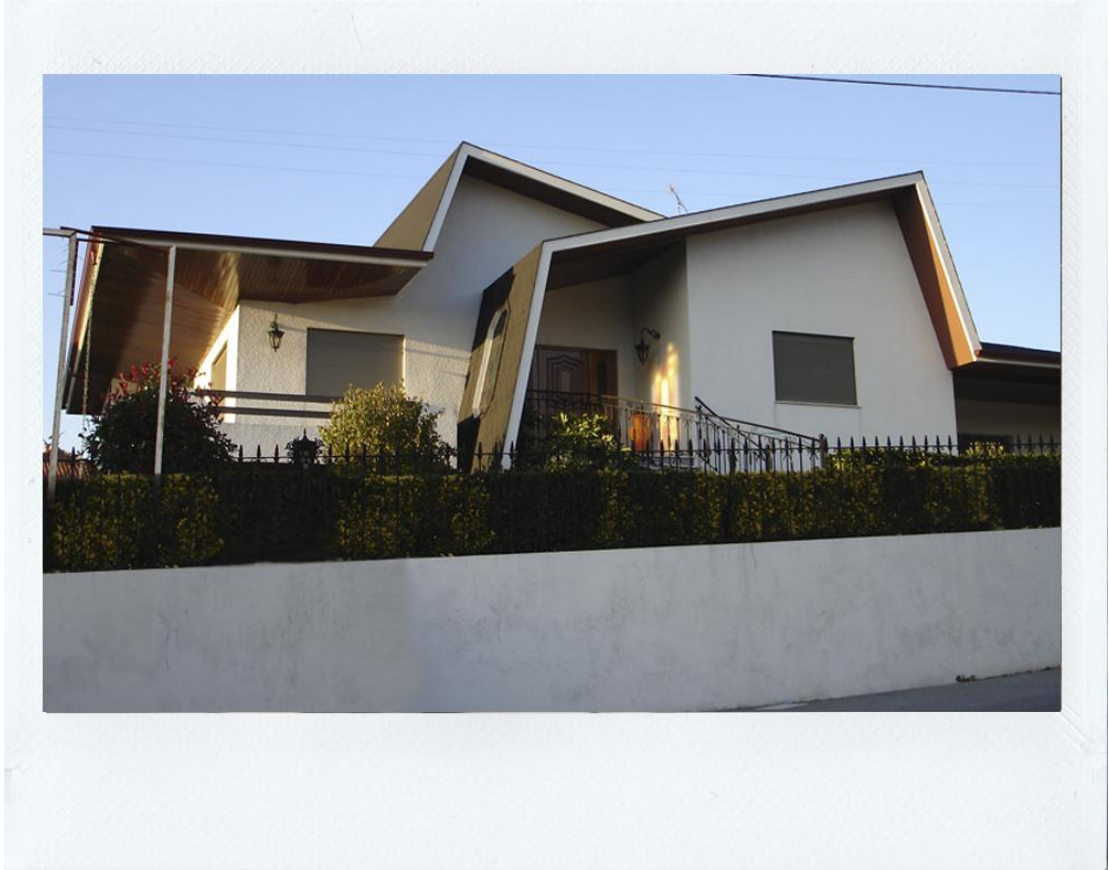
A imagem 19 corresponde a uma de muitas obras de Jorge encontradas no seu lote. Este conjunto é o resultado de um processo de criação da forma, um híbrido formal executado com intuição estética. Este objecto podia ser uma imitação de um template clássico, no entanto é aqui que o modo de actuação do bricoleur entra em acção. Os recursos que Jorge detém, sejam estes os seus valores estéticos ou os materiais a que têm acesso unem-se à capacidade de execução, e deste processo nasce um objecto que responde a todas estas considerações. A simetria permaneceu, assim como a estátua e um “frontão” denunciado, tudo o resto é uma resposta às condicionantes intervenientes no processo criativo de Jorge.

A comparação entre as obras de Jorge e as torres Watts estabelece-se essencialmente no surgimento de uma ideia de construção muito própria. Em ambos podemos perceber que a casa (ou a obra) é um projecto levado a cabo pela visão muito particular do seu proprietário. Jorge partilha o espírito de bricoleur com Sabato Rodia, pois ambos constroem a partir dos materiais que lhes são disponíveis e através de um processo de criação da forma.

A “vivenda das águias” é realmente uma “casa de sonhos”. Apesar de ser difícil às vezes abstrairmo-nos de tanta e tão rica informação visual e formal, somos surpreendidos quando percebemos a quantidade de constituintes do objecto criado, tanto materiais como conceptuais. Entre este delírio de criações populares, cores e materiais existe uma aparente fuga à realidade do conceito de casa, mas mais uma humilde necessidade de criar e experimentar as formas que fazem parte da sua imaginação. A “vivenda das águias” é assim o “país das maravilhas de Jorge”, feito de obras surpreendentes, muito para além do material com que foram construídas.



FIG. 64 –Pormenor de uma das intervenções de Jorge Salgado na “vivenda das águias”



CASO DE ESTUDO 5 “MANUELA” EM RIBA DE AVE

1 – Contextualização

Este caso de estudo é mais um exemplo da substituição das formas de Arquitectura tradicionais em detrimento de novas formas de construir, estas mais ornamentadas e com elementos formais diferenciados, fruto das possibilidades técnicas construtivas e das criações dos técnicos locais que concebiam este tipo de projectos.

A história da construção da casa de Manuela surge após anos de emigração do casal em França, na cidade de Orléans, região de Loiret. Sendo o casal originário de Riba de Ave a escolha do local a construir uma habitação passaria por um lote pertencente à freguesia de origem de ambos. Quando o marido de Manuela faleceu num acidente de trabalho em Orléans, Manuela recebe uma indemnização considerável através da apólice de um seguro de vida. Este acontecimento infeliz acaba por ser um dos principais impulsionadores da construção de uma casa em Portugal. O lote que hoje alberga a casa de Manuela pertencia a um industrial que usava este como local de captação das águas que usava nos processos de tinturaria da sua fábrica localizada do outro lado da rua, motivo pelo qual o lote da casa de Manuela têm três poços diferentes, todos eles ainda funcionais, ainda que não utilizados.

O lote actual é resultado de duas parcelas de terreno adquirido em momentos diferentes e que devido à sua união possibilitaram a construção da casa de Manuela. Um aspecto diferenciador deste caso de estudo é que todas as decisões relativas à construção desta moradia foram feitas por Manuela, ainda que também acompanhadas pela sua mãe e pela sua filha, (na altura todas viviam em Orléans, onde actualmente Manuela e a sua filha ainda residem).

O papel da mulher na construção da habitação é discutido na obra “casas de sonhos”, e este acaba por ser variado e depender de caso para caso; mas na generalidade considera-se que o projecto e a decisão de emigração são definidos pelo homem (assim como as questões de planeamento dos recursos) e associa-se mais o papel da mulher à concepção dos espaços interiores e dos equipamentos que acabam por definir a casa.⁴⁰

No caso de Manuela, as decisões foram sendo tomadas num período extenso, a compra dos dois lotes implicou viagens propositadas a Portugal, estando em Orléans. Apesar das negociações difíceis⁴¹ e de desentendimentos com a anterior proprietária, a compra do terreno

⁴⁰ “Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”, Edições Salamandra, 1995, pág. 55-60

que hoje alberga a casa de Manuela foi concluída por volta de 1985 e desta forma a base para a construção da casa de Manuela em Riba de Ave ficava estabelecida.

Anos mais tarde Manuela contrata um Eng. Civil local para fazer o projecto da casa a implantar no lote. Entre várias hipóteses consideradas e discutidas com este nunca ponderou trazer o projecto importado de casas que via em França, mas sim das casas que via e apreciava nas suas viagens de automóvel em Portugal durante o período de férias.

A construção da casa de Manuela inicia-se numa fase já tardia (1988) da construção emigrante estudada no Norte do país. A partir do conjunto de casos estudados e da bibliografia consultada é possível perceber que a data de construção acaba por classificar (na sua generalidade) uma atitude específica do projecto, os seus modelos.

Numa primeira fase de emigração (1970) a recuperação / alteração de casas tradicionais era a prática comum, vindo a ser substituída progressivamente por modelos de projecto importado e híbridos (1980) e mais tarde pelos modelos “formalistas experimentais” (1990) semelhantes à “casa do esquadro” e este caso de estudo em particular. A opção por este tipo de projecto e a renúncia ao projecto importado acaba por parecer ser resultante de uma tentativa de integração da casa no seu território (pois este tipo de projecto não está apenas associado a emigrantes), mas ainda denotado por uma forte afirmação de estatuto social associada, garantida pelas formas diferenciadas e pela ornamentação.

A casa que inicialmente Manuela viria a escolher seria “*uma daquelas casas que ainda se vê muito por aí, com uma parte redonda*”⁴². Este modelo de habitação acaba por ser recorrente nos exemplos estudados da década de 80, a estratégia passa por incluir um dos espaços com planta semicircular; em norma acabavam por ser as salas de estar ou uma escada em formato helicoidal inserida no volume, com fenestração que garantissem luz natural.

A semelhança deste modelo preterido por Manuela com outros deste trabalho de investigação é notória. A sala de estar da “vivenda das águias acaba por se enquadrar no modelo que estas casas parecem seguir, assim como a moradia de Manuel em Riba de Ave, o modelo importado a partir de uma moradia que viu em França. A introdução deste volume de planta circular na

⁴¹ Depois do interesse manifestado por parte de Manuela em adquirir um dos lotes a proprietária acede ao seu pedido e pede-lhe que viaje para Portugal para concretizar o negócio. Quando Manuela viaja com esse intuito a anterior proprietária recua na sua decisão e recusa vender o terreno. O mesmo episódio acaba por repetir-se mais tarde. Apenas na sua terceira viagem a Portugal com este propósito Manuela conseguiu adquirir o lote que lhe permitiu construir a sua moradia.

⁴² Elisabeth Carvalho, (filha de Manuela) em entrevista informal. O “modelo com uma parte redonda” parece-lhe “já muito visto” e vulgar, considerando acertada a decisão da mãe, Manuela em optar por outro modelo de casa.

concepção da casa em ambos os exemplos referidos acaba por resultar em mais um aspecto de diferenciação da forma exterior; “fazer uma casa diferente” acaba por ser dotá-la de elementos pouco usuais, ainda que por vezes de função discutível, à semelhança da cobertura da casa de Manuela.

A “diferenciação” ambicionada não é, na maior parte das vezes uma alteração profunda ao espaço de habitar, mas sim um subverter das formas consoante as possibilidades construtivas oferecidas pelo mercado e associadas ao gosto popular. A cópia constante de modelos de habitação, ou “imagens de casa” motiva os técnicos a proporem para os seus clientes o que poderá vir a ser “a casa mais bonita da freguesia”⁴³. Depois de construir, estes poderiam ser próximo “modelo de casa” a ser copiado e difundido por entre o contexto “rural” do vale do Ave.

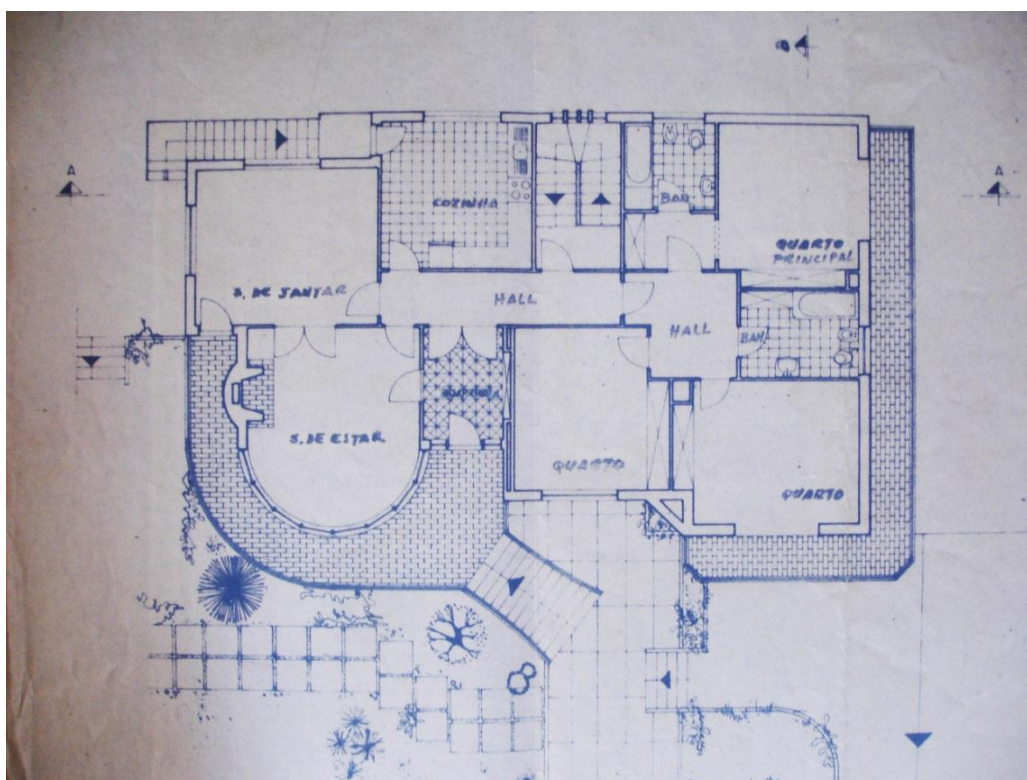


FIG. 65 – A planta do projecto inicial pretendido por Manuela ⁴⁴

Depois de um período de férias passado em Portugal Manuela acaba por pedir ao engenheiro civil que já lhe estava a conceber o projecto desejado para parar pois tinha já em mente uma casa diferente, igual a uma que tinha visto na região.

⁴³ Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”, Edições Salamandra, 1995, pág. 55-6

⁴⁴ Planta cedida por Manuela, Autor: Eng. Heitor Fonseca

A casa pretendida por Manuela existia em Roriz, (St. Tirso) e já estaria totalmente construída. Manuela falou com o seu proprietário e explicou-lhe o quanto apreciou a sua casa, e que pretendia fazer uma igual em Riba de Ave, ao que o proprietário se mostrou lisonjeado pois a casa tinha sido concebida por ele, um homem que tinha uma fábrica de criação e produção de móveis em Paços de Ferreira e que “desenhou” a sua casa e depois entregou o projecto ao desenhador local.

Depois da conversa que Manuela e o Sr. Borges (o proprietário da casa copiada) estabeleceram, este abriu a porta de sua casa e mostrou-lhe todos os espaços desta, convencendo Manuela a adoptar a sua casa como modelo. Apesar de não ter existido uma cedência de planta como em outros casos semelhantes neste trabalho, o Sr. Borges ofereceu-se para receber em sua casa o Eng. Civil contratado por Manuela para este poder conceber uma casa semelhante em Riba de Ave, mostrando-lhe a casa e permitindo-o tirar as medidas necessárias para a execução do projecto.



FIG. 66 – Alçado da casa de Manuela, conforme projecto de Arquitectura

Segundo Manuela, as diferenças entre um e outro projecto acabam por ser mínimas. A orientação e a entrada para a garagem da casa tiveram de ser alteradas em função do lote à disposição em Riba de Ave; em tudo o resto o projecto acaba por ser semelhante e respeitar a concepção do Sr. Borges.

Manuela decidiu ainda incluir um vitral com motivos geométricos na parede que nasce da “dobragem” da cobertura, considera esta decisão como positiva pois acaba por ajudar a iluminar a área de entrada e traz “alguma cor”⁴⁵ a uma casa caracterizada pelo branco das fachadas e ao negro da cobertura revestida a telha asfáltica. A função surge assim associada ao ornamento, ainda que numa relação não muito estreita.

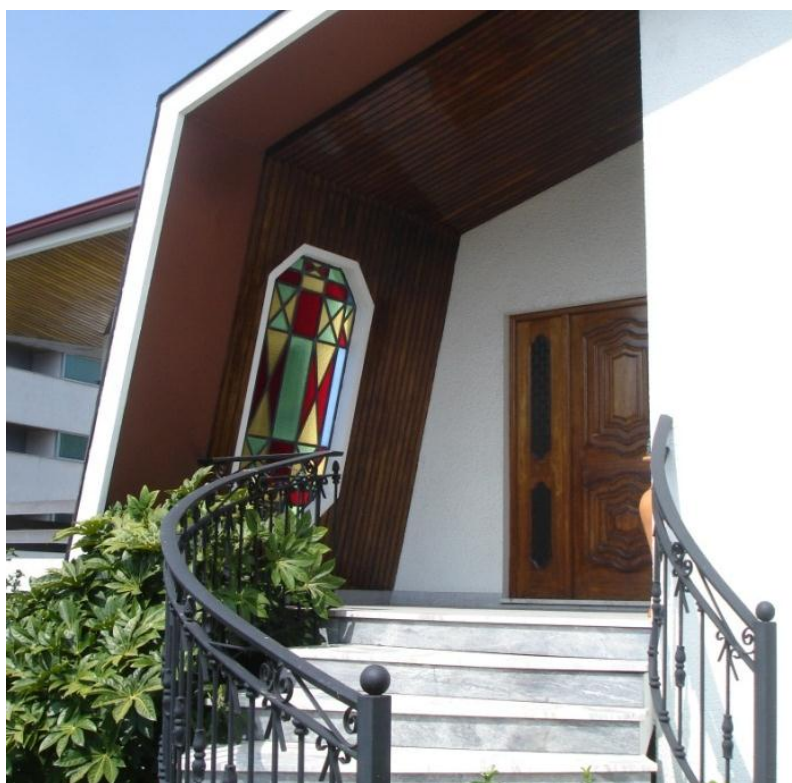


FIG. 67 – A entrada da casa de Manuela adornada com o vitral

A casa do Sr. Borges possuía uma cobertura de chapa ondulada metálica, no entanto foi sugerido a Manuela pelo empreiteiro contratado um material diferente para a cobertura, as telhas asfálticas; passíveis de executar os ângulos de inclinação presentes na fachada que resguarda a entrada.

A construção da casa foi acompanhada regularmente por um irmão de Manuela residente em Riba de Ave e também pela própria que regressava a Portugal duas a três vezes por ano. Apesar

⁴⁵ Manuela Carvalho, em entrevista informal, 20 de Agosto de 2014

desta ausência durante a construção da casa a proprietária afirma que a casa foi feita “aos seus gostos”⁴⁶ e o empreiteiro não se desviou do plano de trabalhos estabelecido.

2 - Lote e aproximação ao local

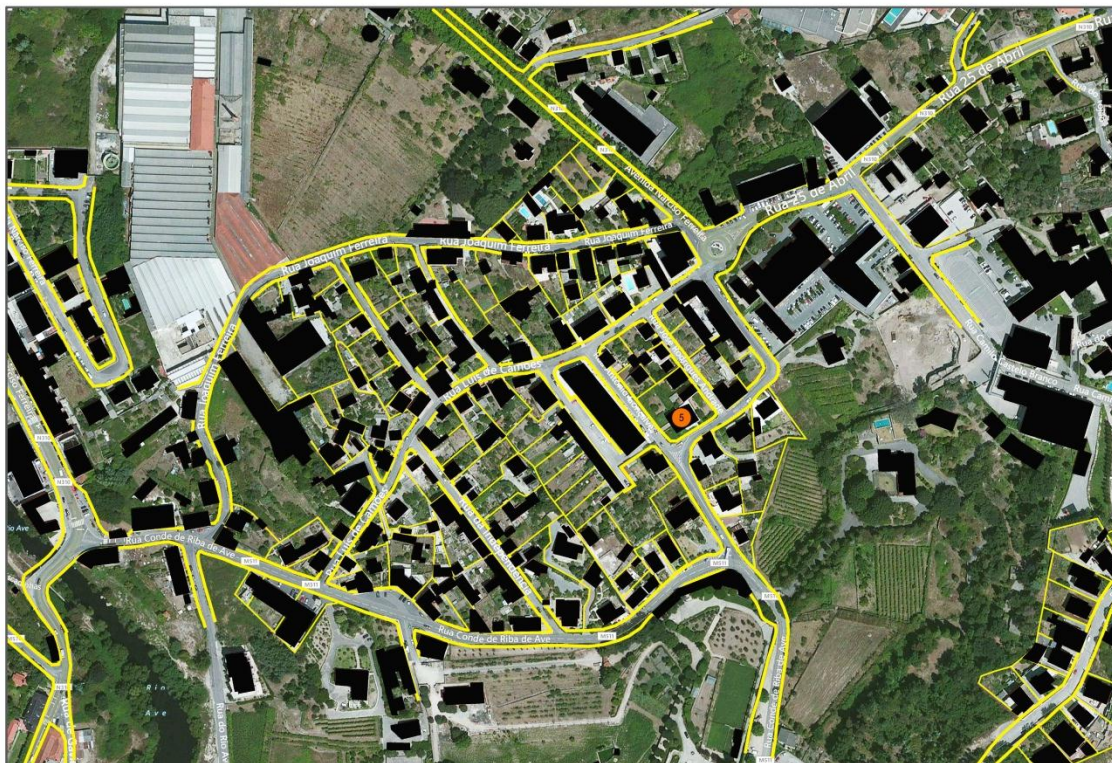


FIG. 68 – Vista área da envolvente do caso 5 com localização do caso de estudo

O caso 5 localiza-se num núcleo urbano mais denso da localidade de Riba de Ave, este bem presente e demarcado em ambas as cartas militares analisadas. A sua localização, a meia encosta, acaba por beneficiar a aglomeração urbana próxima das principais actividades que ladeiam este núcleo, a indústria e a agricultura, ainda que esta actualmente esteja limitada a apenas algumas propriedades.

O tamanho das parcelas é na maior parte dos casos similar aos dos loteamentos mais recentes; no entanto, em alguns casos, estes apresentam uma geometria diferente: são mais estreitos e com menos frente em contacto com a rua, com a horta a ser remetida para as traseiras e com uma profundidade considerável. Se nos novos loteamentos a parcela tem uma proporção quadrada e a casa surge isolada na parcela dividindo a área restante entre jardim frontal e horta, nos loteamentos antigos a casa surge junto à rua, com um lote assumidamente rectangular e a horta nas traseiras.

⁴⁶ Manuela Carvalho, em entrevista informal, 20 de Agosto de 2014

Apesar de construído na década de 80, o caso de estudo 5 (“Manuela” em Riba de Ave) está integrado neste núcleo urbano, devido ao encerramento de uma indústria local que usava o lote como ponto de captação de água. O abrandamento da dinâmica industrial da área acaba por gerir a oportunidade da construção de uma habitação nova num núcleo urbano consolidado.

3 - A Casa

A casa construída por Manuela acaba por ser um exemplo bastante válido da criação de arquitectura popular. Não foi possível localizar a casa do Sr. Borges apesar das indicações de Manuela, mas sabemos que este estaria ligado à produção de mobiliário e que estas seriam as bases e concepções técnicas que acabam por influenciar o projecto de sua casa.

Apesar de toda esta afirmação e formalismo exterior, a casa de Manuela acaba por sofrer um contraste com a sua planificação interior, bastante racional nos seus espaços, ainda que com espaços mal dimensionados.



FIG. 69 – Vista do jardim de Manuela

Esta habitação é composta por apenas dois pisos: o inferior dedicado à garagem e espaços dedicados a arrumos e o superior que contém todas as restantes áreas relativas à habitação.

O piso -1 alberga uma garagem com uma área considerável (62m²) e um compartimento dedicado a arrumos, que para além dessa função adquiriu posteriormente a função de lagar, tendo em conta que Manuela faz a sua própria produção de vinho resultante das vinhas que mantém no seu lote.

A produção de vinho é vendida apesar de “já serem poucas as pessoas que compram vinho caseiro”⁴⁷. O lagar construído é feito em pedra, retirada de um tanque que ainda se encontra no lote e que poderia servir anteriormente a tinturaria do antigo proprietário do terreno. É provável que este tanque garantisse a irrigação da actividade agrícola antecedente à indústria que se estabeleceu no local.⁴⁸

O acesso vertical ao piso superior dá-se por escadas que criam no seu vão uma despensa que acrescenta a área para arrumos da casa de Manuela.

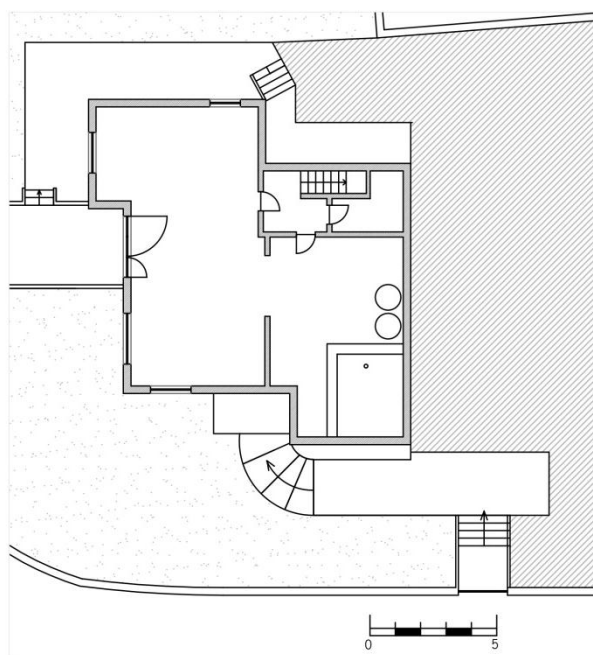


FIG. 70 – O piso -1 da casa de Manuela, com o lagar construído no canto inferior direito⁴⁹

⁴⁷ Manuela, Em entrevista informal 20 de Agosto de 2014

⁴⁸ Manuela não conhece a função anterior deste tanque

⁴⁹ Desenho refeito com base em desenhos cedidos por Manuela.

O piso 0 acaba por incluir os restantes espaços da casa. A casa de Manuela dispõe de três quartos de áreas aproximadas (dois destes com acesso a uma varanda). Tanto a cozinha como a sala tem dimensões consideráveis mas a circulação parece resultar da agregação de espaços diferenciados.

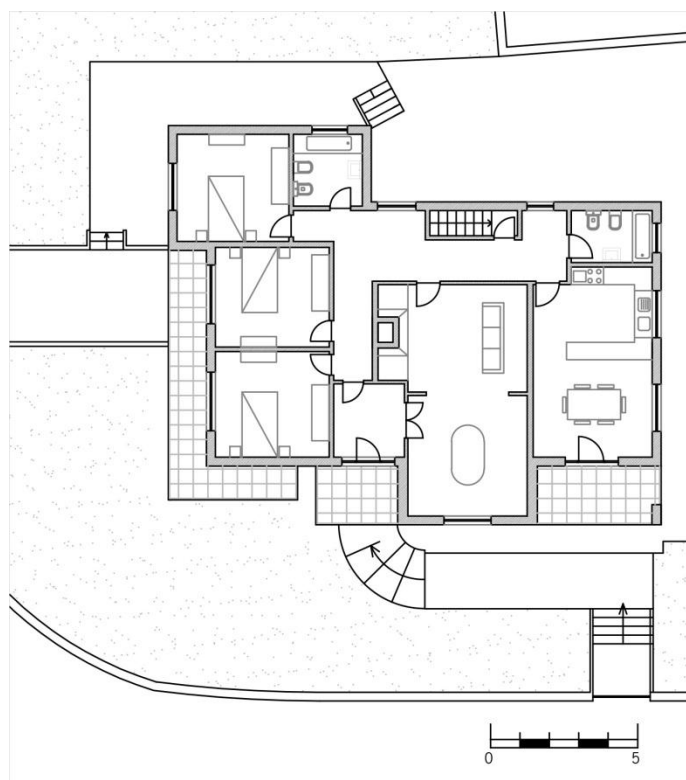


FIG. 71 – O piso 0 da casa de Manuela

Ao contrário de outros casos de estudo a casa de Manuela dispõe de uma sala comum de maiores dimensões em vez da divisão entre sala de estar e jantar que podemos observar por exemplo, na “vivenda das águias”. A Lareira também parece ser neste caso um elemento com alguma importância, à semelhança de outros casos de estudo. Questiona-se neste caso em particular a área destinada a esta apesar de não terem havido referências sobre a lareira no discurso de Manuela durante a entrevista.

Tendo em conta que a lareira acaba por ser um elemento recorrente em vários casos de estudo neste trabalho de investigação coloca-se a questão da lareira actual ser uma reinterpretação simbólica de um elemento formal da arquitectura tradicional. Não é comum a lareira estar presente na arquitectura tradicional minhota até mesmo em casas senhoriais, no entanto nesta

acaba por ser comum um espaço na cozinha tradicional onde o fogo é utilizado para a confecção de alimentos e de forma consequente para o aquecimento da habitação, este denominado tradicionalmente como “borralho”.

A Lareira que hoje encontramos na maior parte das casas acaba por explicar a revolução do habitat rural. Na arquitectura tradicional, o “borralho” e os fornos a lenha acabavam por ser a opção para cozinhar e para aquecimento geral do ar interior no entanto o forno moderno acaba por classificar estes elementos formais como obsoletos.⁵⁰

A necessidade de aquecimento acaba por prevalecer e é nesse momento que a lareira acaba por surgir, desta vez o fogo acaba por ser deslocado da cozinha (espaço de várias interações pessoais na arquitectura tradicional) para ser deslocado para as mais recentes salas comuns e de estar, estas mais próximas do modelo de habitat moderno.

Apesar desta substituição de valores do habitat a integração da lareira acaba por ser tanto um reflexo de readaptação dos modelos tradicionais de habitar como um símbolo de afirmação de estatuto tendo em conta que a lareira não era comum excepto nas casas vernaculares.⁵¹

A lareira, assim como as consequentes chaminés (que se tornaram maiores e mais ornamentadas) acabam também por resultar num objecto híbrido que tanto se aproxima dos hábitos associados ao “borralho” e à cozinha da arquitectura tradicional minhota assim como às lareiras de sala decoradas, possivelmente “adaptadas” das casas vistas entre o percurso intercultural dos emigrantes.

A casa de Manuela dispõe também de duas varandas: uma, de forma rectangular faz frente à cozinha (com 8m²) e outra com forma em “L” (e área de 14m²); partilhada por dois dos quartos no extremo oeste da habitação. A opção de incluir varandas na arquitectura emigrante também poderá ser um vestígio da arquitectura tradicional.

Percebemos as varandas neste projecto como um espaço de transição entre interior e exterior dedicado sobretudo ao lazer e uma forma de complementar os espaços interiores através do prolongamento da área útil.

⁵⁰ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Ernesto, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, 1992.

⁵¹ A “lareira” presente na arquitectura tradicional acabava por servir a confecção de alimentos e controlava a climatização da casa, mas localizava-se na cozinha, espaço que alberga a maioria das relações sociais da casa. O surgimento da sala como novo espaço mais dedicado a estas funções acaba por readaptar a ideia do fogo para o que hoje conhecemos como lareira.



FIG. 72 – Varanda da “casa da Anta”, Guimarães, *IARP*, 1955

A varanda presente na arquitectura tradicional acaba por ter como função principal a distribuição para os vários espaços interiores, um espaço coberto que serve tanto as actividades agrícolas a que a casa está associada assim como a execução de pequenas tarefas domésticas.

À medida que as actividades ligadas à agricultura se acabam por tornar obsoletas (ainda que ainda se possam verificar indícios vestigiais desta ligação) os modelos formais ganham outras funções e a varanda acaba por ser mantida como um espaço de transição entre interior e exterior, mais dedicado ao lazer, ampliando a casa.

4 – Jardins e espaços exteriores

Os espaços verdes da casa de Manuela acabam por estar claramente divididos entre jardim e horta. O jardim localiza-se da casa na parte frontal da casa, em frente à fachada sul; todo ele é relvado e pontuado com árvores floridas e arbustos.

Apesar da ausência de Manuela durante grande parte do ano o jardim mantém-se sempre cuidado por um jardineiro.

Em todo o restante lote é possível encontrar ainda videiras, estas suportadas pelos tradicionais esteios de granito. Esta é a base do vinho que Manuela produz em sua casa, e apesar de reclamar que já tem dificuldade em vender este produto caseiro não deixa de o produzir, ainda que muitas vezes este exija uma estadia em Portugal por parte de Manuela e da sua família pela altura das vindimas.

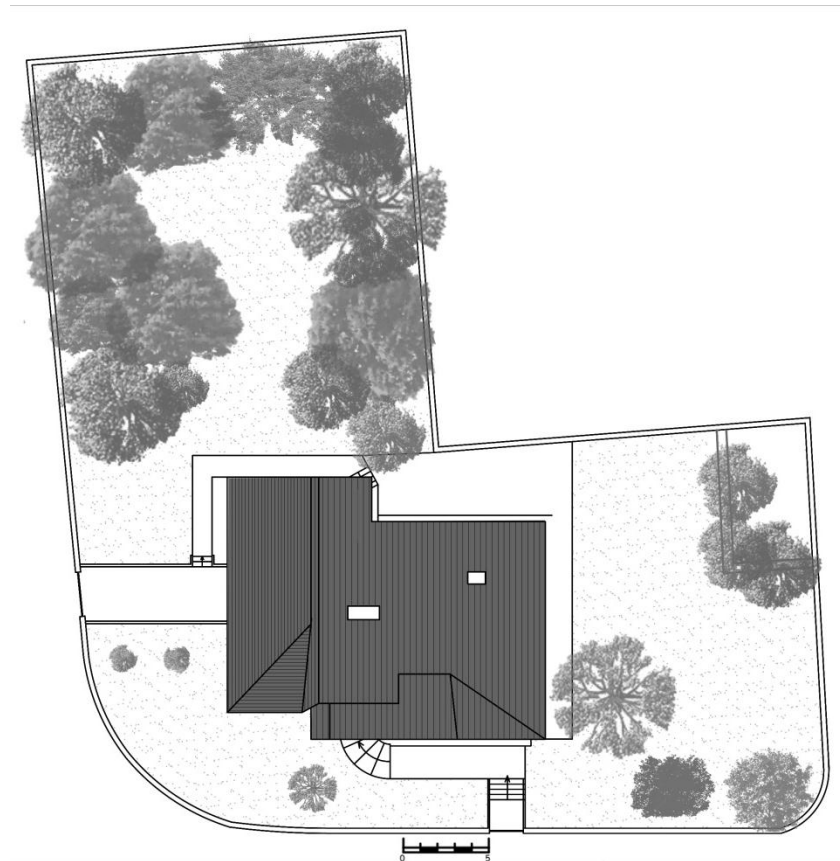


FIG. 73 – Planta de cobertura da casa de Manuela

Este tipo de vinho não tem um valor comercial elevado e a sua produção está a ser abandonada aos poucos ainda que na região esta produção de pequenas dimensões (na sua maioria para autoconsumo) tenha sido um hábito generalizado no passado. Denota-se uma ligação aos hábitos e às tradições do local de origem por parte de Manuela, ainda que a imagem da sua habitação não reflecta essa ligação.



FIG. 74 – Horta de Manuela

A casa de Manuela dispõe também de um espaço de cultivo já referido noutros casos de estudo), uma horta que alberga o cultivo de algumas hortaliças e vegetais, (com manutenção garantida durante todo o ano pelo jardineiro contratado por Manuela). Nos espaços menos preenchidos pelas videiras, existem árvores de fruto.

5 – Reabilitação e Projectos

Ao contrário de outros casos de estudo a casa de Manuela mantém-se conforme o projecto inicial, sem alterações ou qualquer tipo de reabilitação efectuada até então. As infiltrações recentes na cobertura provocadas pela degradação das telhas asfálticas levaram Manuela a decidir pela sua substituição (com as obras de reabilitação a iniciar pouco tempo após a entrevista pra este trabalho).

Por este motivo, Manuela voltou a Roriz recentemente e contactou o Sr. Borges, proprietário e “criador” da casa “modelo” no sentido de perceber de que forma lidou com a substituição da sua cobertura. Enquanto este optou pela mais vulgar telha lusa, ainda que com uma coloração mais escura, Manuela considerou a hipótese de utilizar ardósia importada de Espanha para

revestir integralmente a sua cobertura, optando em definitivo por uma telha cerâmica plana de cor cinza escura, semelhante à solução actual.

A reabilitação da cobertura é pontual e não pretende alterar o aspecto geral da casa. Ao contrário de alguns relatos retirados de “casas de sonhos”, em que os proprietários acabam por se arrependem posteriormente das decisões tomadas aquando da construção da casa, Manuela assume que “não mudaria nada na sua casa” e que hoje provavelmente a construía da mesma forma.⁵²

Depois da construção do lagar em granito, Elisabeth, filha de Manuela (também emigrante em Orléans, com cerca de 35 anos) ambiciona construir uma piscina para poder desfrutar do verão em Portugal, no entanto um projecto deste tipo significaria a remoção da maior parte das vinhas, algo a que Manuela se opõe neste momento, apesar de considerar esta hipótese no futuro.

A casa de Manuela manteve-se conforme o projecto original. O facto de ainda não ter regressado definitivamente a Portugal reflecte-se na forma como a casa ainda se mantém quase inalterada. Esta ainda é uma “casa de sonhos”, um híbrido entre noções de habitat rural e do gosto popular associado a um percurso intercultural; apesar de não ter sido considerado por Manuela um projecto importado, este ainda muito aproximado da concepção inicial de habitar que Manuela estabeleceu aquando da construção da casa.

Apesar da casa construída por Manuela ser uma “casa de emigrantes”, esta acaba por estar mais próxima das origens nos hábitos e actividades tradicionais associadas aos espaços de habitar. A produção de vinho, a construção do lagar e a horta indicam que apesar do seu projecto formalista a habitação de Manuela não foi concebida sobre alterações muito profundas em relação ao habitat tradicional.

⁵² “Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”. Nesta obra há vários relatos de arrependimento depois do proprietário ver as obras concluídas, a maior parte das vezes da ausência durante a construção.



IV. CULTURA

A construção da habitação vernacular seguia a adaptação progressiva das formas às necessidades contextuais do local onde se insere e, acima de tudo, dependia do material que era predominante e acessível na região.

Esta equação tem como resultado final as “well-fiting forms⁵³” e estas têm tendência a ser imutáveis, pela sua fiabilidade e pela resposta pragmática e funcional, adaptada ao local onde a casa se insere, mas também pela ausência de alternativas.

Todo este processo vive de constante readaptação e alteração/melhoramento do habitat a uma realidade de acumulação de experiências do habitar. Os modelos formais da arquitectura tradicional são perenes e testados, imutáveis pois apenas se alteram caso haja necessidade de reparação ou uma mudança cultural, como nos explica Christopher Alexander acerca da adaptação das formas de habitar às mudanças culturais.

“The process must be able to achieve its equilibrium before the next culture change upsets it again. It must actually have time to reach its equilibrium every time it is disturbed – or, if we see that the process as continuous rather than intermittent, the adjustment of forms must proceed more quickly than the drift of the culture context. Unless this condition is fulfilled the system can never produce well-fiting forms, for the equilibrium of the adaptation will not be sustained.”⁵⁴

As “casas de sonho” representam um conjunto de mudanças culturais aplicadas quase de forma instantânea, potenciadas pelo distanciamento temporal e físico. Então, esta arquitectura “popular” é o resultado de um enorme implemento de alterações culturais e estas revelam-se em arquitectura sob a forma de reinterpretações, adaptações e constantes melhoramentos que pretendem acompanhar uma fruição do habitar com valores diferenciados, aproximados ao do morador que constrói a sua própria casa.

“Closely associated with this immediacy is the fact that the owner is his own builder, that the form-maker not only makes the form but lives in it. Indeed, not only is the man who lives in the form the one who made it, but there is a special closeness of contact between man and form which leads to constant rearrangement of unsatisfactory detail, constant improvement.”⁵⁵

⁵³ Christopher Alexander, “Notes on the synthesis of form”, Harvard University Press, 1964

⁵⁴ Christopher Alexander, “Notes on the synthesis of form”, Harvard University Press, 1964

⁵⁵ Christopher Alexander, “Notes on the synthesis of form”, Harvard University Press, 1964, neste excerto o autor remete-nos para a auto-construção tradicional, a condição de construtor e do acto de tomada de decisão sobre o habitat, sendo este de constante promoção e melhoramento da habitação, está também assim associado ao processo de criação das “casas de sonhos”.

A “casa de emigrante” é um fenómeno ligado à ruptura com estas práticas construtivas tradicionais, mas é apenas um dos modelos de ruptura, através dos seus projectos “importados”; o abandono das formas tradicionais de construção não depende apenas do fenómeno da emigração e tem como principais motivações a alteração das práticas rurais em favor de um modelo social mais industrializado, nas últimas quatro a cinco décadas.

Com um aumento da oferta dos produtos de construção standardizados e as melhorias do sistema viário e dos transportes, dá-se uma substituição lenta dos materiais tradicionais pelos industriais, sendo o tijolo o mais importante e com mais consequências na construção:

“De todos estes novos materiais o mais importante é sem dúvida o tijolo. O tijolo vem de entrada substituir os tabiques, interiores ou exteriores; mas seguidamente passa a ser utilizado mesmo para as paredes, em lugar da pedra.”⁵⁶

Mas para além do surgimento dos novos produtos standard que foram substituindo as práticas construtivas tradicionais, também as actividades agrícolas sofrem mudanças à medida que as áreas rurais se industrializam. Os modelos de casa tradicional, altamente adaptados à agricultura, tornam-se obsoletos e dão lugar às novas tipologias de habitação.

Analisando a casa de lavoura minhota⁵⁷, (um destes modelos tradicionais e que partilha a área de investigação desta dissertação) compreendemos que os seus espaços são o resultado de um conjunto de necessidades e funções específicas que a casa albergava.

No seu primeiro piso encontramos todos os espaços ligados às actividades agrícolas: o lagar, a tulha (armazenamento de cereais) e as cortes dos animais. No segundo piso temos acesso, através da varanda aos quartos e sala, esta comunicante com a cozinha sem qualquer espaço de distribuição entre os dois. Para além destes espaços que são comuns na generalidade das habitações, encontramos como anexos à casa ainda o palheiro e o sequeiro, directamente ligados à actividade agrícola mas que funcionam como complementos do habitar. Esta é uma habitação que resulta da agregação de resposta a várias necessidades, estas ligadas tanto às necessidades básicas do acto de habitar como ao trabalho agrícola.

⁵⁶ Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, D. Quixote, 1992, pag. 369

⁵⁷ Análise com base na casa de lavoura em Balazar, Guimarães. Presente em KEIL AMARAL Francisco et al., *Arquitectura Popular em Portugal*, VOL. II, Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

Notamos através da análise da casa minhota uma capacidade de resposta muito simples e pragmática em relação à realidade rural onde esta se insere. Esta é construída mediante materiais que se encontram amplamente disponíveis na região e com soluções construtivas estabilizadas que servem o seu propósito.

Com o crescente abandono da agricultura em favor da indústria e uma maior disponibilidade de materiais disponíveis para construir os modelos tradicionais começam a ser abandonados.

Referenciando esta realidade com a actuação e obra dos arquitectos podemos perceber este contexto da industrialização do território e da alteração dos modelos vernaculares é precedido por duas frentes de opinião erudita muito distintas, a de Raul Lino e a de Fernando Távora, (posterior e em resposta ao anterior).

As obras (escrita e construída) de Raul Lino estão marcadas por uma interpretação dos modelos tradicionais, utilizando na sua maioria das vezes elementos formais de inspiração vinda da arquitectura local. Lino mantém uma doutrina associada a estes valores, defendendo, de forma dogmática, uma transição dos valores da arquitectura local para uma arquitectura que servisse uma sociedade em desenvolvimento, “moderna”.

O resultado foi um conjunto de modelos, as “casas portuguesas” que reuniam algumas considerações formais locais, mas que, apesar de incluírem algumas lições proveitosas de arquitectura eram modelos fechados, iconográficos de um regionalismo ficcionado que foi sendo suportado pelo Estado Novo.

A resposta a esta visão conservadora da arquitectura vernacular surge pela mão de um conjunto de jovens arquitectos que se revê tanto nas bases da arquitectura moderna como num novo olhar sobre a arquitectura vernacular.

Fernando Távora opõe-se às considerações anteriores de Raul Lino num texto denominado “O problema da casa portuguesa”, em que, sem nunca referir Lino, defende que esta visão resulta de um “estudo muito superficial da nossa arquitectura passada”⁵⁸.

O autor defende que esta arquitectura resulta “no emprego sem nexo e sem lógica de algumas formas”⁵⁹ da arquitectura tradicional, e que esta era uma arquitectura de arqueólogos e não de

⁵⁸ TÁVORA, Fernando, *O problema da casa Portuguesa*, Cadernos de Arquitectura, reproduzido em TÁVORA, Fernando, Fernando Távora, Ed. BLAU, 1993, (texto original de 1947).

arquitectos. A oposição a esta ideia partia do princípio de que seria a arquitectura moderna a encontrar as soluções para o problema grave da habitação em Portugal, e que esta não seria de ruptura com os modelos vernaculares, mas pretendia um estudo imparcial, dedicado e extensivo da arquitectura tradicional de modo a apreender as suas principais lições.

Esta vontade concretiza-se mais tarde, em 1955, numa acção levada a cabo pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, através do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, onde Távora viria a fazer parte do grupo de trabalho da zona I (Minho). Este é um olhar moderno sobre o habitat rural e as suas construções, feito por arquitectos que percorreram o território e o desenharam, fotografaram e descreveram, procurando a essência das construções rurais; com o ambição de poderem encontrar respostas que, de certa maneira, pudessem assemelhar-se às da arquitectura moderna, tendo em conta que ambas pretendem responder às funções dos seus espaços. Depois deste olhar moderno sobre as formas vernaculares, é possível verificar a sua influência na arquitectura desenvolvida posteriormente por Fernando Távora e Álvaro Siza Vieira, entre outros.

Mas, paralelamente e esta pesquisa erudita, a generalidade das construções no norte de Portugal segue outro rumo. As alterações do modo de habitar e das actividades do território rural na segunda metade do séc. XX, e a emigração em massa para países europeus industrializados a partir dos anos cinquenta são elementos desencadeadores de fortes transformações do território.

“Entre nós, até aos anos de cinquenta, os quadros da vida rural mantinham a velha atmosfera tradicional e pouco haviam evoluído. A partir porém do momento em que, nos anos 60, se inicia com incremento crescente o movimento de emigração em massa das populações rurais de todo o País para as nações altamente industrializadas (...)”⁶⁰

Assim, desde os anos sessenta, os modelos de habitar vão sofrendo alterações formais e construtivas, surgindo a casa de emigrante como reflexo formal do retorno da população migrante. Ao “brasileiro” do séc. XIX seguem-se os “franceses”, que constroem as suas habitações a partir da década de setenta e incorporam na sua habitação, para além dos novos

⁶⁰ TÁVORA, Fernando, *O problema da casa Portuguesa*, Cadernos de Arquitectura, reproduzido em TÁVORA, Fernando, Fernando Távora, Ed. BLAU, 1993, (texto original de 1947).

⁶⁰ Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, D. Quixote, 1992, pag. 370

materiais e alterações espaciais, símbolos da sua ascensão social, equivalentes aos estatutos sociais que alcançaram.

A construção da casa emigrante é “a imagem vistosa do seu triunfo”⁶¹ e influencia a sua envolvente, aparecendo rapidamente na imediação cópias ou versões melhoradas, maiores, diferentes, mais evoluídas e com maior factor de ostentação; estas construídas por emigrantes, mas também por outros vizinhos que procuram os mesmos valores de afirmação social.

As alterações do habitat rural têm assim como base uma nova circunstância: uma maior oferta de alternativas, resultado de um conjunto de inovações industriais que tanto resultam num afastamento da actividade agrícola como em novos materiais de construção que alterou as técnicas tradicionais; mas a emigração tem um papel crucial no contacto da população com outros modelos de habitar e outras culturas. Por isso, as suas construções acabam por estabelecer uma ruptura física mais marcada com a arquitectura tradicional.

“A nossa gente do campo, até aí confinada num mundo sem horizontes e numa economia qualitativa...pode circular com relativa facilidade, e, ao mesmo tempo que entra em contacto com a cultura urbana, dispõe de meios para adquirir os primores da civilização (...)” “No que se refere à casa rural, essa mutação dá-se me primeiro lugar quanto aos materiais tradicionais locais, que são substituídos por outros de carácter industrial ou semi-industrial, e muitas vezes pré-fabricados; e em seguida e conseqüentemente, ela atinge as formas, as plantas e proporções das casas, organização e apetrechamento do seu espaço interior - que tendem a uniformizar-se por toda a parte – e princípios arquitectónicos, determinados e ajustados a novas concepções e modos de viver.”⁶²

Os casos de estudo recolhidos nesta dissertação acabam por exemplificar atitudes opostas quanto a este afastamento das formas tradicionais. Todas as casas deste trabalho são construídas nos anos oitenta, (vinte anos depois do início desta tendência do abandono dos modelos vernaculares) três dos casos (Manuel, Francisco e Agostinho) são de projecto importado e por isso estão mais afastados das concepções do local de origem, os restantes dois (caso 4 Jorge e caso 5 Manuela) são modelos que apesar de procurarem o mesmo tipo de estatuto social e ostentação resultam dos modelos populares híbridos que foram surgindo, não sendo

⁶¹ Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, D. Quixote, 1992, pag 369

⁶² Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, D. Quixote, 1992, pag 368

exclusivos de emigrantes. Apesar de serem modelos bastante diferentes estes partilham a mesma matriz cultural advinda das transformações cumulativas da casa tradicional.

Na obra “Casas de sonhos” encontramos uma categorização dos quatro diferentes tipos de proprietário tendo em conta o modo de construir as suas casas. Estas estão divididas geograficamente pelas quatro freguesias referidas nesta obra (Moreira de Cónegos, Vila Praia de Âncora, Parada e Lebução).

Os tradicionalistas são os mais fiéis ao modelo rural; a sua casa envolve práticas de autoconstrução, e é normalmente feita em pedra. Localizam-se em freguesias rurais isoladas (neste caso em, Parada).

Os partidários do compromisso, estes com o seu percurso migratório, conseguiram uma certa ascensão social e afastam-se das referências rurais. Constroem duas cozinhas, uma tradicional e a outra moderna. Também se localizam em freguesias rurais, (neste caso, em Lebução).

Os “estrangeiros” ou “Franceses”, são os que trazem do estrangeiro um projecto para a casa. Esta categoria faz uma escolha mais personalizada em função das ascensão social que a emigração lhes promoveu, pretendendo replicar um símbolo do grupo social ao que acederam no país estrangeiro. Encontram-se em Moreira de Cónegos (freguesia da mesma região que as estudadas nesta dissertação) assim com Vila Praia de Âncora e Lebução, mas não em Parada

Os Investidores são proprietários que podem possuir habitações tanto em Portugal como no país para onde emigraram, podendo rentabilizar as suas casas através de locatários, e apresentam alguma preocupação com a herança patrimonial dos filhos. Encontram-se em Vila Praia de Âncora e Moreira de Cónegos.

Para além da atitude de construção consideramos ser possível uma nova divisão por categorias⁶³, esta partindo de muitos dos mesmos princípios das categorias de “Casas de sonhos”, mas acrescentando a estas o seu período de construção.

⁶³ Esta nova divisão por categorias tem como uma das suas bases o discurso presente em “Casas de sonhos” sobre a localização da casa na parcela, pag. 112.

Através do discurso dos proprietários, tanto nesta dissertação como na obra “Casas de sonhos” é possível verificar que as diferentes atitudes de construção emigrante acabam por se alterar consoante o tempo, respondendo essencialmente aos fenómenos de “ciclos de moda”⁶⁴, e resultando numa alteração dos modelos consoante uma maior aproximação aos modelos locais.

Distinguem-se nesta dissertação as seguintes categorias consoante o modelo escolhido e sua adaptação ao local:

Os reconstrutores – pertencem essencialmente aos primeiros projectos de emigração. Estes reabilitaram as suas casas “antigas”, ou adquirem casa com o intuito de a recuperar, geralmente localizadas no tecido urbano antigo. Anexos e novas construções são feitas para adaptar a casa tradicional ao habitat “moderno” que conhecem tendo em conta o percurso intercultural. Esta atitude de construção é respectiva ao regresso dos primeiros emigrantes e dá-se na década de sessenta e início dos anos setenta (semelhante aos tradicionalistas enunciados em “Casas de Sonhos”).

Os híbridos – estes trazem uma série de introduções à casa tradicional, a maior parte ligadas à ascensão social dos proprietários, reflecte-se nos materiais utilizados, no aumento geral da área de implantação assim como da parcela, localizando-se já fora dos antigos aglomerados urbanos. A casa é implantada no meio da parcela, dando origem ao jardim frontal. Surgem no fim dos anos setenta e início dos anos oitenta (semelhante aos partidários do compromisso enunciados em “Casas de Sonhos”).

Os importadores – trazem os projectos de outros países, muitas vezes trazem apenas ideias, outras possuem os desenhos rigorosos “prontos a implantar” no lote adquirido em Portugal. Afastam-se dos modelos tradicionais, motivados por um estatuto social alcançado. Os materiais são por vezes trazidos do estrangeiro de modo a imitar de forma integral o modelo trazido. A casa mantém-se no meio da parcela assemelhando-se aos híbridos. As obras deste tipo surgem maioritariamente nos anos oitenta. Nesta dissertação são exemplos desta categoria os casos de estudo Manuel, Francisco e Agostinho (semelhantes aos “franceses enunciados em “Casas de Sonhos”).

⁶⁴ RUDOFISKY Bernard, *Architecture without architects, a short introduction to non-pedigreed Architecture*, Museum of Modern Art New York, 1964

Os novos modelos populares – caracterizados por um regresso aos modelos do local, mas não aos tradicionais, mas a novos modelos populares, reflexo da circunstância contemporânea. Estas casas nascem da tentativa de tipificar os novos modelos importados, são feitos para agradar ao cliente, e estão associadas à "ascensão social de uma classe de pequenos e médios empresários"⁶⁵.

Os técnicos responsáveis por estas construções não tem formação em arquitectura, e através da experimentação formalista (por vezes muito ingénua) com os modelos importados criam os novos modelos populares, de ruptura com a arquitectura tradicional e local; sendo a sua execução um produto dos gabinetes locais, podemos considerar que constituem um 'modelo local'.

A casa mantém a mesmas características que no modelo anterior e continua a ser símbolo da ascensão social, ainda com formas que se destacam e materiais que garantem este "destaque" da casa. Os modelos associados a esta categoria respondem essencialmente à vontade dos proprietários de se afirmarem socialmente, mas servem tanto emigrantes como locais. São construções mais tardias que acabam por se suceder ao modelo anterior de ruptura mais pronunciada, os projectos importados. São exemplos desta atitude na construção os casos de estudo Jorge e Manuela, assim como as "casas da Trofa" já referidas neste trabalho. São datadas de finais dos anos oitenta e do início dos anos noventa, esta categoria não é referida no livro "Casas de sonhos"

Estas quatro categorias, analisadas em função da sua cronologia, indicam que a ruptura com a arquitectura tradicional e com o local vão sendo progressivas e cada vez mais pronunciadas, sendo o seu auge os modelos importados. A seguir a este momento surge um modelo que acentua a ruptura com a arquitectura vernacular, não sendo exclusivo da construção emigrante. Estas alterações são ciclos de moda da arquitectura popular, em que os modelos vão surgindo e vão sendo copiados e alterados, mantendo ainda assim a função de afirmar uma alteração do estatuto social.

Em relação ao projecto, os casos de estudo analisados dispõem de características muito próprias que, sem qualquer intuito discriminatório, nos permitiu identificar e presumir que os proprietários seriam emigrantes. Ainda assim, uma análise mais criteriosa das casas permitiu-

⁶⁵ DOMINGUES Álvaro, A Rua da Estrada, Dafne, 2009

nos perceber que a arquitectura popular emigrante não está muito distante do que vemos noutras habitações contemporâneas aos casos de estudo analisados.

Dos cinco casos de estudo analisados, três deles são de projecto importado, (ou seja trouxeram um modelo de casa do estrangeiro) e através deste construíram as suas habitações em conjunto com os desenhadors que conceberam os desenhos rigorosos e os empreiteiros que se tentaram adaptar às formas ambicionadas pelos emigrantes.

No caso de Manuel (caso de estudo 1), este vê uma casa em França e fala com o proprietário no sentido deste lhe ceder as plantas para construir uma habitação igual em Portugal; traz as cópias das plantas (assim como algumas anotações/sugestões do proprietário) para depois contratar um empreiteiro que adequa o projecto ao lote.

O modelo da casa de Francisco (caso de estudo 2) é obtido junto de uma “exposição de maquetes⁶⁶”, um evento onde eram apresentados modelos de habitação com desenhos rigorosos incluídos num prospecto e com maquetes expostas dos vários modelos.

A casa de Agostinho é construída com base numa casa que o proprietário viu numa viagem à Suíça. Este parou o automóvel e tirou algumas fotografias de modo a construir uma habitação semelhante. Dos três exemplos de modelo importado este é o que mais foi alterado e reinterpretado consoante as ambições do proprietário, tendo em conta que foi baseado num conjunto de fotografias; este caso de estudo classifica-se como importado mas não é tão rígido na forma como são retiradas as influências.

Os restantes dois casos de estudo não são de projecto importado e distinguem-se por serem dotados de um “formalismo experimental” que surgiu nos anos oitenta pelas obras de alguns engenheiros civis e desenhadors; são as chamadas “casas da Trofa”.⁶⁷

Tanto a casa de Jorge (caso de estudo 4) como a de Manuela (caso de estudo 5) são exemplos de um projecto em que as formas são traduzidas em espaço de uma forma quase simbólica. As “quinagens” sucessivas da cobertura, o recorte de planos de carácter meramente plástico, os materiais pouco usuais; todos estes indicam o formalismo ingénuo que estes “técnicos” foram criando no seu portfolio, respeitando apenas as limitações construtivas dos materiais em causa,

⁶⁶ Termo de Francisco, o proprietário. Na obra “Casas de sonhos” estes eventos são apelidados de “exposições de chalets” .

⁶⁷ DOMINGUES Álvaro, A Rua da Estrada, Dafne, 2009

e dando largas à imaginação no desenho das formas, remetendo-as ao simbólico e apelando ao novo gosto popular.

Esta evolução dos gostos coincidiu com importantes alterações no território, no universo da arquitectura popular emigrante a questão da escolha do lote é geralmente a primeira medida a acontecer após decisão da construção de uma casa em Portugal. Nos casos de estudo analisados todos os lotes foram adquiridos (e não obtidos através de herança), ainda que no caso de estudo referente à “vivenda das águias” o lote actual tenha sido comprado ao pai do actual proprietário, para resolver a distribuição da herança.

A principal razão para a escolha do lote é a sua localização; em todos os casos o lote escolhido inclui-se na freguesia de origem dos proprietários e por vezes em locais próximos de onde viveram (na mesma freguesia) antes de iniciarem a sua jornada migrante. A obra “casas de sonhos” refere que a implantação é decidida geralmente pela mulher e que tende a situar-se o mais próximo possível dos seus familiares⁶⁸, seguindo um costume que ainda caracteriza a zona do Minho.⁶⁹

A estratégia de implantação no lote é a mesma em todos os casos de estudo, a casa encontra-se a meio da parcela e é a posição desta que define geralmente o limite entre o jardim frontal e a horta, e segundo a análise do território os lotes são, em alguns casos maiores em comparação com edificado mais antigo. Em todos os casos de estudo é possível encontrar hortas, sendo estas um lugar de cultivo de vegetais mas também de fruta. Apesar da construção emigrante ir buscar às suas referências a modelos importados, a relação com o território mantém-se essencialmente através destes modelos de cultivo de auto consumo.

A análise do território mostra que entre implantações de diferentes períodos (1973 e 1996), a implantação da casa na parcela apresenta algumas diferenças. Nos núcleos urbanos mais antigos a parcela é mais estreita no contacto com a rua mas é compensada pela sua profundidade; a casa surge junto à rua e o restante lote é normalmente usado como área de cultivo. Este modelo de implantação é recorrente em núcleos urbanos consolidados e privilegia o contacto entre a rua e a casa.

⁶⁸ No caso de estudo 4 (Manuela) o lote encontra-se a poucos metros da casa dos seus pais, e este foi adquirido com a cumplicidade do seu irmão, que serviu de interlocutor no processo de venda, encontrando-se próximo do local.

⁶⁹“Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”, Edições Salamandra, 1995, pag 55

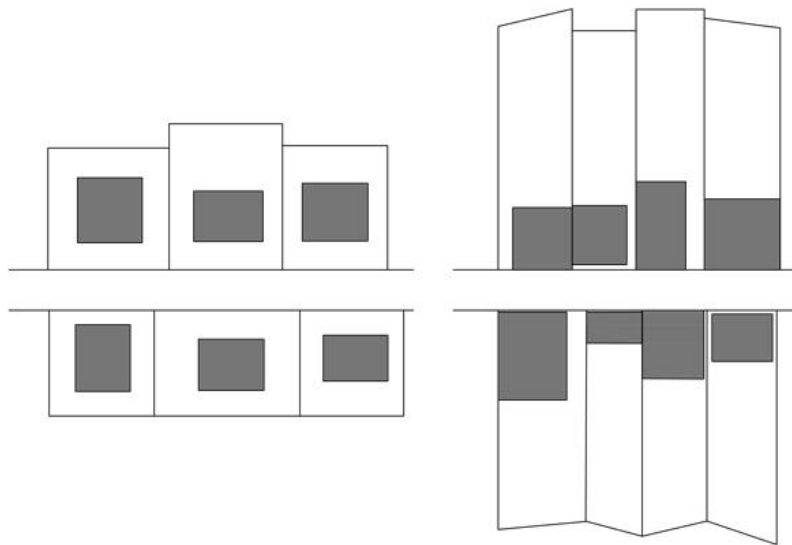


FIG. 74 – Esquema das diferentes estratégias de implantação e proporção de parcelas tendo em conta a proximidade em relação à rua

Nos loteamentos mais recentes (e nos cinco casos de estudo desta dissertação) a parcela tem uma área semelhante ao anterior modelo mas a sua proporção é mais quadrada: a casa é implantada ao centro da parcela, dando origem a uma área frontal à casa que é ajardinada e a outra nas traseiras, geralmente dedicada ao cultivo para autoconsumo.

Nas parcelas mais recentes a casa encontra-se ao centro, seguindo o regulamento geral das edificações urbanas (RGEU) que prevê distâncias mínimas em relação às parcelas vizinhas no caso da propriedade ter vãos orientados nessas direcções. De uma forma genérica, compreende-se que este tipo de implantação da casa siga esta lógica para permitir integrar habitações com vãos em vários alçados.

O jardim “frontal” é predominante em todas as moradias dos casos de estudo e resulta de uma vontade de criar um espaço que, apesar de privado, serve como transição para a área pública, permitindo a exposição da casa e adornando-a. A utilização deste espaço acaba por estar geralmente limitada à entrada na casa, sendo os outros espaços exteriores mais utilizados como complemento do habitat, áreas de carácter mais privado normalmente situadas nas traseiras e por vezes ocultadas por arbustos, ou videiras, (como no caso de estudo 4 Manuela).

Ao contrário do que aconteceu na arquitectura popular, a casa é quase sempre feita por um construtor contratado para o efeito (nos casos de estudo desta dissertação). Ainda assim foi prática usual deixar um familiar controlar todo o processo quando os proprietários não se encontravam em Portugal; este acompanhamento verifica-se nos casos de estudo 1 (Manuel) e 5 (Manuela). Na “vivenda das águias”(caso 4) é o Eng.º Civil do Gabinete Técnico da Trofa que faz o acompanhamento da construção.

A autoconstrução também é uma prática de expressão significativa nos casos de estudo analisados, ainda que nunca seja referente à construção integral da casa, dada a permanência apenas sazonal dos proprietários. No caso de estudo 4 (Jorge), este completa todos os acabamentos interiores da sua habitação (com excepção das carpintarias e o trabalho de estuque), para além de todas as alterações da casa e construções anexas que concretiza. No caso de estudo 3 (Agostinho) o proprietário tem uma presença ainda mais preponderante na construção da sua casa, sendo esta construída apenas com ajuda de alguns homens contratados para as tarefas mais difíceis de executar. Neste caso a construção da casa dá-se depois do retorno do proprietário a Roriz, o que possibilitou o seu maior empenho.

A autoconstrução verificada nos casos de estudo desta dissertação já não se compara ao que acontecia na arquitectura tradicional, em que a casa era feita com os recursos disponíveis perto do lugar de implantação e com a ajuda dos vizinhos⁷⁰; mas a prática mantém-se, na maior parte dos casos porque os proprietários trabalharam na construção civil nos países onde emigraram. O facto de estas casas serem bastante específicas, com pormenores construtivos adaptados à construção local e de certa forma serem representativas das ideias do seu proprietário ajudam a explicar a autoconstrução como prática comum.

Os materiais utilizados nas “casas de emigrante” tendem a estabelecer um contraste com a simplicidade dos utilizados na arquitectura tradicional. As cores utilizadas são geralmente vivas e pretendem alcançar uma demonstração de ascensão social, como já foi referido em relação às formas da casa, mas se é possível notar a introdução de materiais importados (por vezes trazidos pelos proprietários) também é possível verificar a opção por materiais com muita tradição na construção nacional, como é o caso do azulejo.

⁷⁰ Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”, Edições Salamandra, 1995, pag 17

A incorporação do azulejo nas fachadas da casa (sendo o seu uso diferenciado no interior da habitação) resulta na adopção de um material que se pode classificar de tradicional, ainda que não esteja muito presente na arquitectura tradicional rural (excepto construções religiosas) visto a sua função ser predominantemente decorativa, para além de exigir um conhecimento de produção manual específico e do seu custo ser elevado.

O “novo” azulejo utilizado é o resultado de processos industriais que tornam este produto imediatamente acessível e pronto a aplicar, com padrões “redesenhados” e simplificados a partir de modelos de azulejo mais antigos. Na utilização deste produto percebe-se sobretudo como o azulejo passa a ser um produto popular e entra num “ciclo de moda”, tornando-se um produto *standard* apreciado na construção emigrante.

O que se pretende com esta reintrodução do azulejo é essencialmente o que este representa transformando-o numa referência simbólica. O que de forma comum apelidamos “antigo” é muitas vezes tido pela opinião popular como de melhor qualidade, tradicional, artesanal e raro. Desta forma explica-se este fascínio e utilização do azulejo *standard*, ainda que este produto seja apenas uma reprodução simplificada, quase simbólica. A rapidez de execução deste material também é determinante na sua escolha.⁷¹

No caso de estudo 4 (Jorge), o azulejo é o constituinte da maior parte das obras que este adicionou à sua casa. Ainda que este utilize na maior parte das vezes cerâmico de várias cores e muitas vezes fragmentado, não deixa de utilizar o comum cerâmico *standard* dicromático azul e branco com padrões florais em quatro peças.

A escolha de materiais com características mais ornamentais reflecte também um contraste com os materiais e técnicas da construção tradicional (funcionais acima de tudo). A construção posterior a 1960 dispõe de uma série de materiais com uma diversidade alargada, que deixam de ser exclusivamente locais. A escolha popular (não só a emigrante) parece contrastar com a simplicidade dos materiais vernaculares considerando que estes lhes parecem ultrapassados, “tristes” e acima de tudo representativos de um passado de dificuldades e miséria no seu percurso⁷².

⁷¹ “Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”, Edições Salamandra, 1995, pág. 93 e 102

⁷² “Roselyne de Villanova, “Casas de Sonhos”, Edições Salamandra, 1995, pág. 99 - 100

Em todos os casos de estudo analisados o acto de construção é uma decisão que é partilhada pelo casal, no entanto durante o processo de construção, marido e mulher tem por vezes um papel diferenciado. Dos cinco casos de estudo analisados, em dois um dos conjugues falece antes do início da construção da casa, não sendo possível separar a actuação de cada um deles.

Na obra “Casas de Sonhos” a divisão das decisões entre géneros é enunciada. A mulher está associada às principais decisões dos espaços de habitar mas também à decoração do conjunto. Ao homem atribui-se a escolha de materiais de construção e todas as decisões burocráticas em torno do processo de construção. Nos exemplos estudados nesta dissertação esta separação de áreas de decisão confirma-se, a mulher define acima de tudo os acabamentos e decoração mas também as áreas dos espaços da casa, sendo a cozinha e a sala as divisões em que uma área considerável é necessária; além destas decisões, no caso de estudo 4 (Jorge) há uma preferência por pés-direitos mais altos por parte da sua esposa, porventura uma influência de outra habitação onde viveu.

No caso de estudo 5, Manuela relata-nos que se mostrou sempre bastante indecisa em relação ao projecto e ao aspecto final deste. Depois de mandar o desenhador avançar com um modelo acordado, acaba por mandar interromper o trabalho quando vê outra habitação, que achou mais “bonita e moderna”⁷³, e que serviu como modelo para a construção da sua. Manuela decide incluir um vitral na sua fachada, considerando que este traria “outra graça à casa”; nota-se neste caso um gosto associado ao ornamento, que vai de encontro à divisão de decisões já mencionada.

O caso de estudo 4 (vivenda das águias) é mencionado nesta dissertação como um atelier criativo do seu proprietário, que adorna a casa com as suas obras e alterações. Apesar de toda esta capacidade técnica e produção contínua, todas as obras de Jorge localizam-se na parte exterior da casa, pois no interior da habitação é a sua esposa que toma as principais decisões e recusa as suas intervenções.

⁷³ Manuela, em entrevista informal, 20 de Agosto de 2014

Interessa referir que a existência de pequenos estabelecimentos ou indústrias no espaço de habitar é um hábito comum no vale do Ave, referenciado em “Casas de Sonhos”, no entanto estas incorporações de estabelecimentos (geralmente no rés-do-chão e associadas à garagem por questões logísticas) são dedicadas geralmente à indústria têxtil, com um conjunto reduzido de funcionários e alguns equipamentos.

Em alguns casos, o plano de regresso estabelecido pelos emigrantes inclui, para além da habitação a criação de um negócio próprio que lhes permita obter rendimentos depois do retorno ao país de origem. Em dois casos de estudo, Agostinho e Jorge, existiu um projecto para a instalação de um restaurante na própria habitação, e este é considerado no projecto desde o momento da construção, não sendo uma adaptação posterior.

Em nenhum dos 52 casos de estudo analisados na obra “Casas de sonhos” existe referência à instalação de um restaurante como modelo de negócio, este acto parece não ser recorrente.

Na casa de Agostinho o restaurante é planeado e construído mas nunca chega a estar aberto ao público devido ao falecimento da sua esposa, esta seria o suporte principal deste projecto de retorno. Na “vivenda das águias” (caso 4), Jorge mantém o restaurante aberto por vários anos, e em entrevista assume que este foi bastante lucrativo, (os lucros advindos em 10 anos equivaleram a metade de todas as poupanças feitas enquanto trabalhava na Córsega). Em ambos os casos o papel da mulher neste tipo de negócio parece ser determinante, como que garante do seu bom funcionamento.

Nos casos de estudo analisados, é possível verificar que o percurso individual de cada proprietário tem consequências directas sobre a sua habitação. Se neste lote de cinco casos de estudo há casas que mantêm o seu aspecto original, outras são alteradas para servir melhor o seu propósito e para corrigir erros de construção.

O exemplo que mais se distancia da sua forma original é o caso de estudo 4 (Jorge); a sua “vivenda das águias” é por si só um modelo formalista experimental. O seu proprietário foi alterando a casa através da sobreposição de elementos. De uma forma geral, a imagem não foi alterada de forma profunda, mas a actuação do seu proprietário foi “preenchendo” a casa, tanto nas suas fachadas, como em todo o lote. Este estado de constante mutação da casa reflecte muito a personalidade do autor e as suas competências técnicas, mas não está relacionado com a alteração das formas de modo a obter melhorias no espaço de habitar, estas últimas muito

próximas do processo de apuramento das formas vernaculares relatado por Christopher Alexander⁷⁴, já mencionado nesta dissertação.

Nos outros casos de estudo a alteração das casas é pontual e normalmente está associada à substituição dos materiais da construção original. Tanto no caso 1 (Manuel) como no caso 2 (Francisco) foram alteradas as caixilharias, depois da deterioração dos originais, em madeira (substituídas por alumínio lacado). A renovação do telhado do caso de estudo 5 (Manuela) é decidida após a deterioração das telhas asfálticas, sendo estas substituídas por um modelo de telha que se parece com a anterior solução. Os casos de estudo parecem indicar que não existe uma alteração significativa dos materiais, e estas surgem apenas na substituição dos materiais originais: isto parece indicar que não há descontentamento com a casa, por parte dos proprietários.

⁷⁴ Christopher Alexander, "Notes on the synthesis of form", Harvard University Press, 1964



CONCLUSÃO

Este trabalho de investigação apresenta um conjunto de análises e considerações que representam um olhar sobre um território marcado pela transformação do habitat rural, do ponto de vista do seu constituinte principal, a casa.

A habitação rural sofreu, nos últimos 50 anos, alterações que estão intrinsecamente ligadas às mutações culturais e sociais em função de uma industrialização cada vez mais demarcada e uma população móvel, com mais acesso à informação para além do seu contexto de habitar rural. Este é o contexto das “casas de sonhos” aqui analisadas, que não podem ser consideradas apenas como casos pontuais de expressão intercultural associada à ascensão social dos proprietários, mas sim como parte de um fenómeno mais alargado de transformação do território.

A análise da envolvente aproximada dos casos de estudo permitiu-nos ter acesso a um enquadramento da casa para além do seu lote. As principais elações a retirar desta análise territorial suportam a ideia de transformação significativa do território, de um aumento significativo do edificado e de uma alteração dos modos de urbanizar o habitat rural, sobretudo por acções de loteamento em áreas que perderam a predominância ligada à agricultura e se assumiram como residenciais, resultado do crescimento urbano e da procura e construção de habitação própria na região do vale do Ave.

Numa aproximação aos casos de estudo fomos confrontados com a realidade da casa popular emigrante; a análise baseou-se tanto nos resultados do processo construtivo, a casa, mas também no contexto muito particular de cada caso, na narrativa do seu proprietário e no seu percurso migratório.

Através desta análise compreendemos que as casas se acabam por fundir com as histórias de emigração que nos foram relatadas em entrevista pelos proprietários. Esta abordagem trouxe-nos uma perspectiva mais pessoal da construção da casa e permitiu-nos uma aproximação ao proprietário, que em certos casos de estudo estabelece um paralelo muito directo entre a casa e o homem.

Neste revisitar das “casas de sonhos” foi possível compreender que a construção destas habitações não significa um acto voluntário de ruptura como tudo o que o vernacular representa, ainda que a afirmação de estatuto social esteja associada em parte a esta mudança.

As alterações do habitat rural iniciaram-se muito antes da construção destes exemplos, quando as funções tradicionais da casa rural deixam de se manifestar no quotidiano das populações; no entanto, apesar de todo este processo de transformação da casa rural ser complexo (baseado na industrialização e na disponibilidade de novos materiais), este é despoletado inicialmente por emigrantes, que possuem tanto os meios económicos como o contacto cultural necessário para “repensar” a habitação para além dos moldes tradicionais; mas é depois seguido pelas populações locais.

Na amostra de casos de estudo encontramos um exemplo de habitação popular, que não é resultado de um processo habitual na construção emigrante, mas é o resultado do desenvolvimento, cópia e adaptação de modelos locais, destinados a este público. São as casas a que chamamos ‘formalistas experimentais’, as chamadas “casas da Trofa”, (desenvolvidas pelo gabinete técnico local). Estes exemplos mostram que a escolha de alguns dos emigrantes recai neste tipo de habitações, que não são modelos importados, mas adaptações locais destes, trabalhando com a vontade de ostentação e formalismo dos clientes que se produziram nos gabinetes dos “desenhadores” locais.

Em entrevista, foi-nos relatado (de forma quase unânime) pelos proprietários que, passadas três décadas da construção da maioria destas habitações, estes voltariam a construir a mesma casa, com uma ou outra alteração pontual. Apesar da amostra diminuta dos casos de estudo parece-nos ser seguro afirmar que, pelo menos nestes casos, as casas não surgiram apenas como um fenómeno de moda, e não são vistas como uma “*folie de époque*”, nem provocam algum tipo de arrependimento nos emigrantes que as construíram.

Há, portanto, um estado-de-graça intemporal que envolve estas habitações. Estas podem parecer-nos por vezes, um exercício de mau gosto ou de uma realidade desconectada com as nossas considerações sobre a casa, o sítio ou a cultura portuguesa; mas é na genuinidade das suas construções e, por vezes no seu carácter experimental e na sua desvinculação com as regras eruditas que encontramos um fascínio nestes exemplos do acto de construir uma casa.

Assim, esta dissertação resultou numa narrativa em que a casa de emigrante e a transformação do território que contextualiza podem ser entendidos essencialmente a partir da partilha da informação e da mobilização das pessoas, com consequências para a transformação do território.

Hoje, com a crescente globalização e uma capacidade de acesso à informação quase ilimitada, resta-nos especular sobre uma possível transformação da habitação na era da revolução digital, e da sociedade de informação neste início do séc. XXI que se sucedeu à industrialização do território na segunda metade do séc. XX. A cultura popular eventualmente encontrará os seus modelos, transmitidos por outros meios, mais globais, com menor ligação ao local e às vivências próprias de cada indivíduo em relação ao seu habitat.

Talvez, depois de concretizada esta nova evolução, o tempo venha a revelar-se apaziguador quanto às formas severamente criticadas destas “casas de sonhos”; apesar da “casa de emigrante” estar disseminada por todo o país e ainda hoje ser considerada sem interesse estético, num futuro próximo algumas destas obras podem vir a adquirir um estatuto de entrada no património da cultura popular portuguesa, à semelhança da “casa do brasileiro”, sua semelhante antecessora.

Dos resultados do processo de análise deste trabalho de investigação fica como principal conclusão a importância da relação entre o Homem e a casa. Quando o habitante é o criador da sua casa, esta pode estabelecer, uma relação tanto com o território como com a sociedade a que pertence; e quer nos agrade, quer não, constitui o seu retrato fiel.

V. BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Cristopher; *A Pattern Language*, Oxford University Press, 1977.

ALEXANDER, Cristopher; "Notes on the synthesis of form", Harvard University Press, 1974.

AAVV, *Arquitectura em lugares comuns*, Dafne editora, 2008

AAVV, *300 Maisons individuelles*, Callon, 1971

BANDEIRINHA, José António; *Quinas Vivas*, FAUP, 1996

BANHAM, Reyner; *A home is not a house*, Art in America 2, 1965.

CANCLINI Nestor Garcia, *Culturas híbridas, Estratégias para entrar e sair da modernidade*, University of Minnesota Press, 1998.

DIMENDBERG, Edward; *The kinetic icon – Reyner Banham on Los Angeles as mobile metropolis*, Cambridge University Press, 2006

DOMINGUES, Álvaro; *Vida no campo*, Dafne editora, 2010.

DOMINGUES, Álvaro; *Rua da Estrada*, Dafne editora, 2008.

DORFLES Gillo, *As oscilações do gosto, A arte de hoje entre a tecnocracia e o consumismo*, colecção arte no tempo, Livros horizonte, 1989

FERNANDES, Eduardo; *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*, Tese de doutoramento em Arquitectura da EAUM, 2010.

GIEDION, Sigfried; *Mechanization takes command*, The Norton Library, 1969

HERTZBERGER, Herman, *Lessons for students in architecture*, O10 Publishers, 1991.

KEIL AMARAL Francisco et al., *Arquitectura Popular em Portugal*, Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1961.

LINO, Raul; *Casas Portuguesas – "Alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples"*, Edições Cotovia, 1933

LÉVI-STRAUSS; Claude, *The Savage Mind*, Plon, 1962

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Ernesto, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, 1992.

PEREIRA, Virgílio Borges et al., “Ao cair do Pano, Sobre a formação do quotidiano num contexto (des)industrializado do Vale do Ave”, Edições Afrontamento, 2013.

PORTAS Nuno; Modelo territorial e intervenção no médio Ave, artigo publicado em Sociedade e Território, nº5, Novembro de 1986, presente em PORTAS Nuno, Os tempos das formas Vol II: A Cidade Imperfeita e a Fazer, EAUM, 2012.

PORTAS NUNO; O ser urbano, nos caminhos de Nuno Portas, INCM, 2012.

PORTOGHESI Paolo; *Depois da Arquitectura Moderna*, Edições 70, 1980.

RODRIGUES, Ana Luísa; A habitabilidade do espaço doméstico - o cliente, o arquitecto, o habitante e a casa, Tese de doutoramento em Arquitectura da EAUM, 2008

RUDOLFSKY Bernard, *Architecture without architects, a short introduction to non-pedigreed Architecture*, Museum of Modern Art New York, 1964

SILVA, Joana, “*Arquitectura Emigrante*”: *Popular? Sim, mas não muito....*, Tese de Mestrado Integrado em Arquitectura da EAUM, 2010.

TÁVORA, Fernando (1952), “*Arquitectura e Urbanismo – a lição das constantes*”, revista Lusíada, Vol. 1, nº 2, Nov. de 52, pág. 151-155; reproduzido em TÁVORA, Fernando *Teoria Geral da Organização do Espaço. Arquitectura e Urbanismo*, “*a lição das constantes*”, FAUP publicações / Conselho Directivo da FAUP, 1993. (texto original de 1947)

TAVARES Domingos, *Francisco Farinhas Realismo Moderno*, Dafne editora, 2008.

TÁVORA, Fernando, *O problema da casa Portuguesa*, Cadernos de Arquitectura, reproduzido em TÁVORA, Fernando, Fernando Távora, Ed. BLAU, 1993, (texto original de 1947).

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Edições do curso da ESBAP, 1982

VENTURI Robert et al. *Learning from Las Vegas, the forgotten symbolism of Architectural form*, MIT press, 1972.

VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel, *Casas de Sonhos*, Ed. Salamandra, 1995.

VI. VIDEOGRAFIA e AUDIOGRAFIA

VIDEOGRAFIA:

BANHAM, Reyner; *Reyner Banham Loves Los Angeles* (documentário BBC), 1972

<https://www.youtube.com/watch?v=hwSw9sYBSh4> (documentário completo)

LANDLER, Edward; BYER Brad; "I build the tower", 2006

<https://www.youtube.com/watch?v=zalloDyhg90> (trailer do filme)

AUDIOGRAFIA:

AAVV; *Arquitetura Popular em Portugal, 50 anos depois*. Programa TSF com entrevistas de João Leal (antropólogo), Manuel Graça Dias, João Belo Rodeia e Francisco da Silva Dias.

http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?audio_id=2117410&content_id=918070

(programa completo)